



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

IVANILDA MAXIMIANO DA SILVA

**AMARO MATIAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE  
QUIPAPÁ - PE**

Recife

2022

**IVANILDA MAXIMIANO DA SILVA**

**AMARO MATIAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE  
QUIPAPÁ - PE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de educação, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: Identidades e Memórias.

Orientador: Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza

Recife  
2022



**IVANILDA MAXIMIANO DA SILVA**

**AMARO MATIAS: contribuições para a história da educação de Quipapá- PE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de educação, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: Identidades e Memórias.

Aprovada em: 20/12/2022.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Edilson Fernandes de Souza (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Paulo Fernando de Vasconcelos Dutra (Examinador Externo)  
Conselho Estadual de Educação

---

Prof. Dr. Henrique Géron Kohl (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Aurenéa Maria de Oliveira (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta dissertação a Iraci Doralice da Silva e a José Maximiano da Silva, meus pais queridos e amados!

## AGRADECIMENTOS

Como qualquer trabalho de pesquisa, este também implicou diversos momentos de solidão: lendo, escrevendo, resumindo ou em frente a tela do computador. Porém ele também é, em certa medida, fruto de uma criação coletiva, ocorrida nas aulas, nas conversas informais, na troca de dicas, no apoio afetivo e intelectual.

Assim, começo primeiramente agradecendo:

A Deus, que oportunizou a vida dos envolvidos nesta história e na realização deste trabalho.

Ao meu orientador Professor Edilson Fernandes de Souza, um homem que orienta sonhos.

Aos meus filhos Marcos e Iale, que estiveram comigo neste processo, inclusive assistindo algumas aulas on-line.

Agradeço aos professores Henrique Gérson Kohl e Aurenéa Maria de Oliveira, que me aconselharam na qualificação e me transmitiram segurança e a certeza de estar trilhando um caminho frutífero.

Aos meus colegas de mestrado, Catiana e Luís Felipe, pela amizade e pelas proveitosas discussões.

A minha amiga e promissora pedagoga Gisele Paulina, que me auxiliou na coleta das fontes desde o início da pesquisa e acompanhou de perto alguns momentos de tensão e mudança de humor.

Aos entrevistados ex-alunos do professor Amaro Matias, Maria Hecilda Almeida de Oliveira, José Ermival de Siqueira e Neuton de Almeida Simões, bem como seus filhos Uaci Edvaldo Matias Silva e Irene Dulce Matias Silva, pois sem eles não poderia entender as práticas pedagógicas aplicadas no Externato Anchieta, nem tão pouco conhecer o trabalho realizado pelo referido professor na educação do município de Quipapá.

Finalizo agradecendo a ele, Amaro Matias Silva, que fez tantas coisas para eu contar.

## RESUMO

Nesta dissertação, a qual teve origem no Núcleo de Identidades e Memórias, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco; analiso parte da trajetória do professor Amaro Matias, que viveu em solo pernambucano entre 1922 e 2002. A pergunta central que norteou o estudo foia seguinte: quais as contribuições do professor Amaro Matias, um homem negro, na educação do município de Quipapá-PE? Assim, o presente trabalho objetivou ressaltar o papel que teve Amaro Matias na Educação do referido município e o impacto na formação de educandos. Para responder a indagação central desta pesquisa, apresenta-se como aporte teórico autores ligados às áreas de História da Educação, Biografia e Autobiografia, entre os quais Passeggi (2016), Avelar e Schmidt (2017) e Souza, E. F. (2020). Quanto à fundamentação metodológica, apoiamo-nos na história de vida, bem como na história oral, trabalhada por Ferreirae Amado (2006) às quais me deram o Norte para as entrevistas que realizei com familiares, amigos e ex-estudantes. Utilizo também fontes documentais (documentos pessoais) e fontes iconográficas (fotografias e imagens) oriundas dos arquivos da família do referido educador. Nesta pesquisa apresento, ainda, uma reflexão historiográfica, teórica e metodológica sobre o gênero biográfico e procuro demonstrar as vantagens analíticas de se construir uma biografia pela perspectiva do cotidiano de docentes e intelectuais. Assim, a partir da aplicação do diagrama do constructo do "eu" fonte (SOUZA, E. F., 2020), analiso a trajetória de Amaro Matias, destacando alguns elementos centrais e indissociáveis, que segundo a documentação consultada, compunham a sua vida diária: a família, o trabalho, o estudo, a produção intelectual e, sobretudo, sua atuação no magistério. Nas considerações finais, recupero alguns discursos produzidos sobre Amaro Matias após sua morte que apontam para diferentes facetas do personagem e seu itinerário. Busco reafirmar, também, a importância de se levar em conta, na construção de biografias, a complexidade das trajetórias individuais que são vivenciadas na relação com a coletividade. E, por fim, sintetizo as principais contribuições trazidas por este estudo no campo das Identidades e Memórias.

**Palavras-chave:** história da educação; biografia; Amaro Matias; Quipapá-PE.

## ABSTRACT

In this dissertation, which originated in the Nucleus of Identities and Memories, of the Graduate Program of the Federal University of Pernambuco, I analyze part of the trajectory of the teacher Amaro Matias, who lived in Pernambuco between 1922 and 2002. The central question that guided the study was the following: what are the contributions of the teacher Amaro Matias, a black man, in the education of the city of Quipapá-PE? Thus, the present work aimed to highlight the role that Amaro Matias had in the municipality's education and the impact on the formation of students. To answer the central question of this research, it is presented as theoretical support authors linked to the areas of History of Education, Biography and Autobiography, among which Passegi (2016), Avelar and Schmidt (2017) and Souza, E. F. (2020). As for the methodological basis, we rely on life history, as well as oral history, worked by Ferreira and Amado (2006), which gave me the direction for the interviews I conducted with family members, friends and former students. I also use documental sources (personal documents) and iconographic sources (photographs and images) from the family archives of the educator. In this research I also present a historiographical, theoretical and methodological reflection on the biographical genre and try to demonstrate the analytical advantages of constructing a biography from the perspective of the everyday life of teachers and intellectuals. Thus, from the application of the diagram of the construct of the source "I" (SOUZA, E. F., 2020), I analyze the trajectory of Amaro Matias, highlighting some central and inseparable elements, which according to the consulted documentation, composed his daily life: family, work, study, intellectual production and, above all, his performance in teaching. In the final considerations, I recover some speeches produced about Amaro Matias after his death that point to different facets of the character and his itinerary. I also try to reaffirm the importance of taking into account, in the construction of biographies, the complexity of individual trajectories that are experienced in relation to the collectivity. And, finally, I summarize the main contributions brought by this study in the field of Identities and Memories.

**Keywords:** history of education; biography; Amaro Matias; Quipapá-PE.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Diagrama do Constructo .....	39
<b>Figura 2</b> - Adaptação do Diagrama do Constructo.....	40
<b>Figura 3</b> - Vista aérea da cidade de Quipapá (2022) .....	44
<b>Figura 4</b> - Prédio onde funcionou o Grupo Escolar Esmeraldino Bandeira .....	45
<b>Figura 5</b> - Desfile do Grupo Escolar Esmeraldino Bandeira em Quipapá (Década de 1930) .....	47
<b>Figura 6</b> :Hino do Esmeraldino Bandeira.....	49
<b>Figura 7</b> : Desfile do Grupo Escolar Esmeraldino Bandeira (Década de 1970).....	51
<b>Figura 8</b> - Certidão de Nascimento de Amaro Matias .....	56
<b>Figura 9</b> : Amaro Matias na adolescência (15 anos).....	58
<b>Figura 10</b> - Certidão de Casamento Religioso .....	60
<b>Figura 11</b> : Amaro Matias em 1947 aos 25 anos.....	63
<b>Figura 12</b> - Resultado do concurso para professores .....	65
<b>Figura 13</b> - Carteira funcional do IBGE.....	66
<b>Figura 14</b> - Comemoração das bodas de prata .....	68
<b>Figura 15</b> - Placa de formatura de Irene Matias .....	69
<b>Figura 16</b> - Discurso de formatura do professor Amaro Matias.....	70
<b>Figura 17</b> - Bandeira de Quipapá .....	71
<b>Figura 18</b> - Brasão de Quipapá .....	71
<b>Figura 19</b> - Carteira funcional de advogado.....	73
<b>Figura 20</b> - Coleções de placas recebidas .....	75
<b>Figura 21</b> - Livros escritos por Amaro Matias .....	75
<b>Figura 22</b> - Placa da trajetória acadêmica de Amaro Matias .....	76
<b>Figura 23</b> - Maria das Virgens, ex-aluna.....	79
<b>Figura 24</b> – Uaci Edvaldo Matias Silva - filho de Amaro Matias.....	80
<b>Figura 25</b> - Livro sobre o Padre José de Anchieta.....	81
<b>Figura 26</b> - Livro Pindorama.....	82
<b>Figura 27</b> - Irene Matias - filha de Amaro Matias .....	83
<b>Figura 28</b> - Externato Anchieta.....	84
<b>Figura 29</b> - 1º Desfile do Externato Anchieta - 1953.....	86
<b>Figura 30</b> :Time de vôlei feminino do Anchieta.....	87
<b>Figura 31</b> - Hino do Externato Anchieta.....	88
<b>Figura 32</b> - Segundo desfile do Externato Anchieta (1954) .....	89

<b>Figura 33</b> - Neuton Simões (ex-aluno).....	92
<b>Figura 34</b> - José Ermival de Siqueira (ex-aluno).....	92
<b>Figura 35</b> : Maria Hecilda Almeida de Oliveira (ex-aluna).....	97
<b>Figura 36</b> - Título de cidadão quipapaense .....	103
<b>Figura 37</b> - Placa do SENAI .....	104
<b>Figura 38</b> - Certidão de óbito.....	105
<b>Figura 39</b> - Escola Municipal Professor Amaro Matias .....	106
<b>Figura 40</b> - Carta do amigo Pedro Francisco.....	108

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLA**

Cap. - Capitão

CHESF – Companhia Hidroelétrica do São Francisco

Dr. - Doutor

FAFICA- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru

GRE – Gerência Regional de Educação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PE – Pernambuco

Pe. - Padre

PPGEdu- Programa de Pós-graduação em Educação

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco

UPE – Universidade de Pernambuco

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 – GÊNERO BIOGRÁFICO- APRENDENDO COM HISTÓRIA DE VIDA .....</b>	<b>17</b>
1.1 - A trajetória da biografia no campo historiográfico .....	17
1.2 - Uma proposta de investigação: a biografia pela perspectiva da vida cotidiana.....	24
<b>2- O CAMPO BIOGRÁFICO E O DIAGRAMA DO CONSTRUCTO.....</b>	<b>31</b>
2.1 - Professores: as pesquisas sobre sujeito .....	31
2.2- O caminhar metodológico e os dados .....	33
2.3 - As análises dos dados e o diagrama do constructo .....	36
<b>3 - PANORAMA DA EDUCAÇÃO EM QUIPAPÁ ANTES DA CHEGADA DO PROFESSOR AMARO MATIAS .....</b>	<b>43</b>
<b>4- ASPECTOS DA REALIDADE DE AMARO MATIAS SILVA .....</b>	<b>52</b>
4.1- Quem foi Amaro Matias Silva? .....	52
4.2 - O estudo e a produção intelectual.....	68
4.3 - As contribuições do professor Amaro Matias na educação de Quipapá .....	77
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>109</b>
<b>REFERÊNCIAS E FONTES .....</b>	<b>113</b>

## INTRODUÇÃO

As biografias, escritas ou não por historiadores, são sucesso de público leitor desde a Antiguidade. Atualmente continuam a ser um sucesso editorial no Brasil e no mundo. A questão é: Por que fascinam as biografias?

Para Carino (1999), “raros são os que se quedam indiferentes diante das solitudes de uma vida. Poucos conseguem manter-se alheios a embates, fracassos e vitórias vividos nas existências alheias” (CARINO, 1999, p. 153). Sendo assim, até aqueles que afirmam não gostar do gênero traem seu aparente desinteresse.

Para este autor, biografar é, pois, descrever a trajetória única de um ser único, original e irrepetível; é traçar-lhe a identidade refletida em atos e palavras; é cunhar-lhe a vida pelo testemunho de outrem; é interpretá-lo, reconstruí-lo, quase sempre revivê-lo. É justamente aí que a biografia se apresenta não apenas como gênero, mas como um instrumento de caráter educativo. Em seus estudos sobre biografia, Carino afirma que não se biografa em vão. Biografa-se com finalidades precisas: exaltar, criticar, demolir, descobrir, renegar, apologizar, reabilitar, santificar, dessacralizar. Tais finalidades e intenções fazem com as experiências singulares e as trajetórias individuais se transformem numa pedagogia do exemplo daí o caráter educativo o qual mencionamos anteriormente (CARINO, 1999).

Essas reflexões postulam, portanto, a importância do estudo da biografia como veículo educativo do ponto de vista ora proposto neste trabalho, estabelecendo um elo entre a história da educação em Quipapá e o professor Amaro Matias.

Inicialmente, esta pesquisa surge como um projeto apresentado ao Núcleo de Identidades e Memórias, do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com a perspectiva de contribuir com o campo do Conhecimento Biográfico no Brasil, trazendo uma delimitação precisa do objeto bem como do seu recorte espaço-temporal. Vale salientar, que no contexto nacional é inegável o posto que a biografia tem alcançado, atraindo o interesse de vários pesquisadores em diversas áreas do conhecimento.

O conceito de biografia utilizado no presente trabalho dialoga com a noção desenvolvida por François Dosse (2009), quando o mesmo coloca que a biografia é um gênero híbrido, onde permanece a tensão entre a ânsia de verdade e a narração que perpassa o ficcional, situando o gênero biográfico em um ponto médio entre a ficção e a realidade histórica. Devido a essa tensão que torna a biografia um gênero singular, perpassam pela escrita biográfica escritores de diferentes áreas, estilos e objetivos como jornalistas, historiadores, romancistas e políticos. Por outro lado, o conceito de biografia relaciona-se a narração de uma história de vida.

“Atualmente, porém, a biografia voltou à cena nas ciências humanas dentro de novos aportes teórico-metodológicos, em que novos sujeitos ganham espaços. Ao invés das biografias que supervalorizam indivíduos excepcionais, no sentido de grandes personagens” (GALVÃO, 2019, p.17), temos uma produção cada vez mais próxima da análise das articulações entre as trajetórias individuais e os contextos em uma via de mão dupla, onde os personagens biografados não são necessariamente os ‘grandes homens’, mas também as ‘pessoas comuns’.

Neste trabalho, também busquei reconstruir um mundo que, embora, não tão distante no tempo, era desconhecido de boa parte da população quipapaense. O mundo do poeta e professor Amaro Matias que viveu entre 1922 e 2002. Investigando parte de sua vivência pude conhecer melhor a história da educação em Quipapá na década de 1950 tendo como base sua vida cotidiana.

Penso ser importante, antes de mais nada, contar um pouco da gênese e do desenvolvimento desta pesquisa. Sendo mais clara: gostaria de resgatar sumariamente a trajetória desta pesquisa, e desta pesquisadora (a viva), a fim de esclarecer melhor a forma assumida pelo objeto de investigação (o morto), bem como os impasses enfrentados na busca por respostas e preenchimento de algumas lacunas.

Conheci Amaro Matias em 2009, na leitura para a escrita do meu trabalho de conclusão do curso de Especialização Lato Sensu em Psicopedagogia, na Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Garanhuns. O trabalho discorria sobre a História da Educação em Quipapá e mencionava ainda que de forma tímida a presença desse educador no cenário educacional do município. Na época, não me aprofundei muito nesse ponto apesar do personagem ter me despertado interesse.

Amaro voltou para a tumba, ou melhor, para meu arquivo, mas para minha surpresa, em 2020, quando participei da seleção ao mestrado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), encontrei novamente o mestre Amaro e desse encontro, resultou um projeto inicial, o qual recebeu aprovação e abriu as portas para meu ingresso no curso da referida instituição. Assim, lendo e analisando as novas tendências e impasses epistemológicos que marcam o conhecimento histórico na atualidade, iniciei uma reflexão teórica, metodológica e historiográfica sobre o gênero biográfico.

A leitura de algumas biografias descortinou-me um leque de possibilidades analíticas: havia diversas maneiras de se conversar com Amaro Matias. Desde o primeiro contato com este personagem achei mais interessante e significativo recuperar as diversas facetas de sua vida: as práticas e as representações, o público e o privado, a razão e a emoção. Neste sentido, nas entrelinhas das fontes, era possível recuperar elementos miúdos de sua existência, flagrantes do seu dia-a-dia, instantâneos de sua vida privada.

Senti a curiosidade de conhecer não apenas o Amaro professor, mas também este homem que lutava pela sobrevivência, que estudava “com frenesi”. A maneira de transformar isso numa realidade foi definir uma perspectiva de análise: aquela que me pareceu mais adequada foi a da vida cotidiana. Desta forma, pensava em evitar as distorções comuns dos biógrafos que investigam apenas os fatos destacados de uma trajetória singular, sem levar em conta que os homens passam a maior parte de sua existência imersos nas rotinas e nas atribulações da vida diária.

Além disso, através desta abordagem, busquei resgatar os múltiplos papéis desempenhados por Amaro no dia a dia, compondo um mosaico multifacetado de sua vida. Porém, Amaro não submergiu simplesmente nos papéis do cotidiano. Em diversos momentos de sua trajetória, o mesmo alcançou uma consciência mais ampla sobre a época em que viveu.

Tais constatações impeliram-me a realizar um esforço teórico no sentido de caracterizar mais precisamente a dimensão cotidiana do magistério, bem como sua relação com os aspectos não-cotidianos da existência.

Definida esta perspectiva analítica – de uma abordagem biográfica pelo ângulo da vida cotidiana prossegui meu diálogo com Amaro a partir de todas as fontes que pude localizar: lista de alunos, certidões de nascimento, casamento e óbito, títulos recebidos, artigos e obras publicadas. Entre essas obras está o livro *Meus Caminhos*, uma documentação importante para estudos futuros, pois nele o personagem central dessa pesquisa, narra a sua autobiografia a qual utilizei como material de análise.

Alguns silêncios atravessaram esta pesquisa, sobretudo alguns documentos que foram consumidos pelo fogo em um incêndio ocorrido na prefeitura de Quipapá na década de 1960. No mesmo prédio funcionava a câmara de vereadores que também teve seu arquivo danificado. Documentos ligados a Amaro Matias, tais como: a Lei Municipal nº 69 de 1955 que reconhecia o Externato Anchieta como sendo de utilidade pública, bem como a portaria que o nomeou Superintendente do Ensino Municipal, não constam mais nos arquivos dos referidos prédios citados.

Sendo assim, procurei preencher alguns desses vazios com inferências a partir do contexto<sup>1</sup> mais geral. Espero que esta pesquisa regozije um pouco mais o nosso mundo e permita conhecer a trajetória de um ser que, mesmo morto, ainda pode contar muito sobre seu tempo.

A presente dissertação pretende ter uma dupla face: uma reflexão teórica sobre o gênero biográfico e outra de pesquisa empírica sobre a trajetória de Amaro Matias Silva. Evidentemente que ambas são face da mesma moeda à medida em que uma foi pensada em função da outra.

Vale ressaltar que esta pesquisa está sendo concluída no ano em que se comemora o Centenário de Amaro Matias e que o personagem em foco está sendo alvo de diversas homenagens em várias cidades do estado de Pernambuco onde o mesmo residiu, atuou e contribuiu em diferentes áreas.

---

<sup>1</sup>Estou usando o “termo contexto” na acepção que lhe é dada por Carlo Ginzburg: “campo de possibilidades historicamente determinadas”. Neste sentido, procurei em determinados momentos do trabalho, sobretudo quando a documentação era mais escassa, explicar alguns aspectos da trajetória de Amaro Matias a partir das possibilidades oferecidas pelo contexto. Obviamente que não quero reduzir o personagem ao contexto mas apenas indicar as possibilidades de sua atuação.

Os resultados da investigação, para sua exposição aos leitores, foram organizados da seguinte forma: o primeiro capítulo - O gênero biográfico- é de cunho teórico e apresenta-se em duas partes. Na primeira (1.1), trato inicialmente da trajetória da biografia no campo historiográfico. Destaco as três correntes que marcaram o conhecimento histórico a partir do século XIX: o positivismo, o marxismo e a Escola dos Annales. Analiso também as tendências recentes que resgatam a biografia como perspectivação do social, quais sejam: a nova história francesa, o grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista, a micro-história italiana e a psico-história.

A seguir (1.2), demonstro as vantagens analíticas de se construir uma biografia a partir da perspectiva do cotidiano.

No segundo capítulo – O caminhar metodológico, dividido nas seções: (2.1) - Professores: as pesquisas sobre sujeito; (2.2) - Os dados; e (2.3) - Utilizando o diagrama do constructo nas análises. Neste, examino parte da trajetória do professor Amaro Matias a partir de vários conceitos teóricos com vistas a fortalecer a ideia do indivíduo como fonte de pesquisa e ponho em destaque a ferramenta diagrama do constructo cuja finalidade é promover a unicidade de documentos que estão dispersos.

No terceiro capítulo- apresento um panorama da educação em Quipapá, antes da chegada de Amaro Matias ao município.

No quarto e último capítulo – Aspectos da realidade de Amaro Matias Silva-, apresento a parte empírica do trabalho, articulando-a com as discussões teóricas. Neste, destaco conteúdos centrais e indissociáveis que, segundo a documentação, compunham o dia a dia de Amaro: quem foi Amaro Matias (4.1) o estudo e a produção intelectual (4.2). Depois, mostro as contribuições do referido professor no cenário educacional quipapaense (4.3).

Gostaria de alertar ao leitor que, em alguns momentos neste trabalho, eu trato Amaro Matias como personagem biografado, em outros como professor e em outros como autor, esclarecendo assim, a diferenciação no tratamento dado ao nosso objeto de pesquisa ao longo do texto. Por fim, em cada um destes itens, verifico como se deu a relação entre as dimensões cotidiana e não-cotidiana de sua vida.

## 1 – GÊNERO BIOGRÁFICO- APRENDENDO COM HISTÓRIA DE VIDA

### 1.1 - A trajetória da biografia no campo historiográfico

Segundo Carino (1999) “as biografias fascinam. Raros são os que se quedam indiferentes diante das vicissitudes de uma vida” (CARINO, 1999, p. 154). Assim, para este autor poucos conseguem manter-se alheios a embates, fracassos e vitórias vividas nas existências alheias. Quanto ao sucesso das narrativas de vida, é inegável, posto que se mantêm em evidência há mais de 2000 anos. Desta feita, o uso do termo é bem antigo e se atribui o pioneirismo em seu uso ao neoplatônico Damaskios, na Antiguidade Clássica.

Devido a longevidade da escrita de biografias as mesmas passaram por várias mudanças. De acordo com Galvão (2019), “em períodos de conflitos, guerreiros e generais, os chamados heróis são os personagens principais da escrita biográfica. Em períodos de crise e busca de soluções, figuras políticas são alçadas a heróis consequentemente tornam-se os principais alvos dos biógrafos.” (GALVÃO, 2019, p. 28). O autor ainda ressalta que as biografias escritas na antiguidade estão permeadas de tais figuras heroicas e que em períodos de profunda fé, como a Idade Média, são as hagiografias<sup>2</sup> que passam a se destacar.

Em sua longa trajetória, as biografias históricas têm sido concebidas, elaboradas e classificadas de diferentes maneiras. A essa multiplicidade de feições do gênero biográfico, no campo historiográfico, o historiador italiano Giovanni Levi chama de “Complexidade irresoluta da perspectiva biográfica” (COSTA, 2007). Ele propõe uma tipologia de suas diversas abordagens pela historiografia, classifica-as em cinco tipos: 1. prosopografia e biografia modal; 2. biografia e contexto; 3. biografia e os casos extremos; 4. biografia e hermenêutica; 5. psicobiografia.

Assim, Costa (2007), descreve de maneira sintética algumas das características apresentadas por Giovanni Levi: a prosopografia – é geralmente praticada pelos historiadores da mentalidade, para os quais “as biografias individuais só despertam interesse quando ilustram os comportamentos ou as aparências ligadas às condições sociais estaticamente mais frequentes”. (COSTA, 2007, p. 148). Trata-se, mais especificamente, do uso de dados biográficos quantificáveis,

---

<sup>2</sup>As hagiografias são biografias sobre a vida de santos.

para uso da história das massas, dos anônimos. Na biografia modal, a biografia de um indivíduo “concentra todas as características de um grupo”; biografia e contexto – a biografia conserva sua especificidade, embora o meio e a ambiência sejam muito valorizados como fatores característicos e explicativos da singularidade de uma trajetória (COSTA, 2007, p. 148). Seu postulado considera que uma vida não pode ser compreendida unicamente através de seus desvios ou singularidades, mas, ao contrário, mostrando-se que cada desvio aparente em relação às normas ocorre em um contexto histórico que o justifica.

Biografia e os casos extremos – as biografias são usadas “especificadamente” para esclarecer o contexto, que por sua vez, não é percebido “em sua integridade, mas por meio de suas margens”; biografia e hermenêutica – nessa perspectiva, o material biográfico torna-se intrinsecamente discursivo e apenas o uso do ato dialógico e da antropologia interpretativa, a natureza real pode ser traduzida. Para este tipo de abordagem o que importa é o próprio ato interpretativo, isto é, o processo de transformação do texto. (COSTA, 2007, p. 148).

Por fim, a psicobiografia – “considere-se que Giovanni Levi abstém-se de caracterizar este último tipo, restringindo-se a comentar, apenas, o fato dela comportar muitos elementos equívocos ou contestáveis.” (COSTA, 2007, p. 148).

Para além da escolha dos personagens a serem biografados em diferentes épocas a própria instrumentalidade social e/ou educativa das biografias também passaram por profundas mudanças ao longo do tempo e dependendo da sociedade onde a mesma foi ou é produzida. Como bem atesta Galvão:

Dessa forma, podemos afirmar que a escrita biográfica é sempre o reflexo da sociedade que a produz exaltando geralmente seus valores, sejam as questões morais, os valores heroicos, a inteligência estratégica, o gênio individual, os comportamentos modelo diante das estruturas, ou as singularidades individuais. (GALVÃO, 2019, p 29).

Assim, a história do gênero biográfico é a história de suas transformações e adaptações as novas visões do ser humano desenvolvidas culturalmente ao longo do tempo.

De acordo com Silva (2011), “A palavra biografia, aliás no moderno termo que hoje a tomamos, apareceu nos dicionários europeus somente no século XVIII”, o que só ratifica o seu “gênero híbrido”. Isso porque sabemos, este “ato” remonta aos

primórdios da humanidade e, mesmo se desconsiderarmos a tradição oral, encontraremos provas dele na Antiguidade (via Plutarco e suas “Vidas Paralelas”, por exemplo); na Idade Média (via hagiografias incensadas durante todo este período), na Modernidade (via perfis de heróis e dos “grandes homens” dos cursos de moral e cívica) e na Idade contemporânea (via biografia de personalidades do mundo artístico). Só para continuarmos na eurocêntrica divisão quadripartite da história.

Segundo Dosse (2009), apud Silva (2011), “é hábito nosso distinguir dois gêneros: a biografia e o relato de uma vida [...] Da antiguidade ao século XVIII, seria a época do registro das Vidas, impondo-se depois, quando da ruptura moderna, a biografia”. O que mudou, no fundo, foi o método de escolha dos grandes homens, dos sujeitos das biografias.

Com tantas adaptações e recriações do gênero biográfico ao longo do tempo, existem alguns estudos que visam periodizar a escrita desse gênero. Destaca-se nesse sentido, François Dosse, o qual desenvolveu sua periodização a partir do campo historiográfico. Ao analisar a trajetória da escrita de biografias em sua obra, *O Desafio Biográfico*, o mesmo divide essa prática em três fases. A Idade Heroica, a fase da Biografia Modal e a Idade Hermenêutica. A fase heroica teria sido marcada pela característica exemplar conferida aos personagens biografados. Essa fase bem longa, tendo se iniciado na Antiguidade chegou até a Idade Contemporânea, quando foi substituída pelas biografias modais.

O historiador francês, François Dosse tornou-se reconhecido em seu meio como analista da situação intelectual francesa no século XX e especialmente como crítico da chamada *Nouvelle Histoire*, ou também conhecida como terceira geração da Escola dos Annales. Em seu “*Desafio Biográfico: escrever uma vida*”, ele analisa historicamente as produções biográficas, inserindo as mais diferentes publicações em seu contexto de produção, verifica os momentos de maior ou menor intensidade na escrita de biografias e como o historiador profissional se relaciona com a biografia pelo menos durante o decorrer dos últimos dois séculos.

Segundo Lorenzetti (2010) “Dosse intenta construir uma espécie de panorama histórico das produções biográficas, demonstrando assim, as diferentes concepções

a respeito dessa forma de escrita durante o tempo.” (LORENZETTI, 2010, p. 1). Para tanto, recorre a uma divisão metodológica das biografias, traçada por ele próprio. Assim sendo, as primeiras obras datadas da antiguidade clássica até a modernidade passam a integrar a idade heroica. Posteriormente, as biografias produzidas durante o século XX, por suas características singulares são denominadas modais. E por fim, as biografias que expressam a heterogeneidade e a multiplicidade de identidades da contemporaneidade pertencem à era da hermenêutica.

A esse respeito, Galvão (2019) compreende que um novo momento para o gênero biográfico começou a emergir a partir da década de 1970, com a crise do paradigma estruturalista. A Idade Hermenêutica. Esse novo período na escrita de biografias corresponde a revalorização da singularidade dentro das ciências humanas.

Uma outra tipificação foi proposta por Schmidt (1996), tendo como parâmetro os modelos de explicação histórica no interior das correntes historiográficas: a positivista, a nova história francesa, a do grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista, a micro história italiana, a psico-história, a nova história cultural norte-americana, a historiografia alemã recente e a historiografia brasileira atual. Apesar das diferenças entre estas tradições historiográficas é marcante em todas elas o interesse pelo resgate de trajetórias singulares.

A biografia ocupava um lugar de destaque na historiografia de inspiração positivista. Augusto Comte, fundador do positivismo, corrente tributária do projeto burguês da modernidade negava o voluntarismo individual e postulava que a única ação possível dos homens na história consiste em desvendar as leis da evolução social e as pôr em marcha. Contudo, a sua teoria, na forma como foi apropriada pelos historiadores, acabou privilegiando a atuação dos grandes homens. Tal apropriação deriva de alguns elementos intrínsecos ao positivismo. Os biógrafos de inspiração positivista celebram os heróis da sociedade, dignos de servirem de exemplo para os seus contemporâneos. Essa forma de se encarar a história e, conseqüentemente, as biografias produzidas sob sua égide, foram fortemente contestadas pelo marxismo e pela Escola dos Annales.

Schmidt (1996), esclarece que a nova história francesa corresponde à terceira geração que assumiu a direção da revista *Annales*<sup>3</sup>, reivindicando a herança e a continuidade da Escola. Uma das características deste grupo é o interesse por gêneros que haviam sido desprezados pela tradição dos *Annales* entre eles a biografia; Já o grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista constituiu-se nos anos 40, objetivavam recuperar a dimensão subjetiva dos processos sociais, que foram negligenciadas pelos enfoques marxistas excessivamente estruturalistas; na micro história italiana a biografia é pensada como um ângulo uma escala de observação de problemas que transcendem a individualidade. Nela o historiador adota em seu texto um estilo mais literário, centrado numa trajetória singular e busca apreender diversos aspectos da vida do personagem enfocado; a psico-história não é exatamente uma tendência recente e nem tem uma nacionalidade definida. Refere-se, de modo geral, aos historiadores que, em diversos momentos e em lugares diferentes, buscaram instrumental na psicologia e na psicanálise para explicar as ações dos homens na história.

Enfim, o autor nos diz que é possível constatar que a psico-história na atualidade tem como meta fundamental resgatar os caminhos que ligam a subjetividade ao contexto social. Ressalta ainda, que realizar um balanço de conjunto destas diversas correntes e autores é algo temerário, mas não deixará de assim fazê-lo.

Realizar um balanço de conjunto destas diversas correntes e autores pode ser temerário. Afinal, se são perceptíveis os pontos de contato entre eles, não o são menos a variedade de preocupações e as diferenças de enfoques. Contudo, não me furtarei de indicar alguns traços comuns que caracterizam o gênero biográfico na atualidade, pelo menos no campo do conhecimento histórico. (SCHMIDT, 1996, p. 40).

Percebe-se que a preocupação central dos biógrafos continua sendo desvendar os múltiplos fios que ligam um indivíduo ao seu contexto, sem cair nem no individualismo exacerbado (como nas biografias tradicionais), nem na determinação estrutural estrita (como nas análises marxistas).

---

<sup>3</sup>É uma revista acadêmica da França consagrada pelo enfoque em história social, fundada em 1929 pelos historiadores franceses Marc Bloch e Lucien Febvre e que originou o movimento historiográfico conhecido como a Escola dos *Annales*.

Na nova história cultural norte-americana, os historiadores deram ênfase na construção do campo cultural através dos discursos e das práticas sociais, já historiografia alemã recente encurtou a distância entre a ciência e a política. Aqui em nosso país a historiografia brasileira atual tem crescido muito nas últimas décadas e têm sido férteis as produções de biografias históricas por historiadores brasileiros entre os quais Avelar e Schmidt (2018).

Neste sentido, os estudos biográficos contemporâneos procuram relacionar o personagem enfocado com dimensões sociais mais amplas. Assim houve quebra de alguns paradigmas entre os quais se destaca a escolha dos personagens biografados, que agora, seriam não apenas os grandes homens, mas também homens comuns que merecem esta dignidade. Outro aspecto importante, é o estilo mais literário da escrita (muito próximo do romance), o caráter de relato dos textos biográficos.

Por fim, pode-se perceber que os historiadores buscam mostrar facetas diversificadas do biografado e não apenas a vida pública e os feitos notáveis como nos atesta Schmidt (1996). Assim, emerge em seus textos, entre outros aspectos os sentimentos, o inconsciente, a cultura, a vida privada, a inserção classista, política e religiosa e a vida cotidiana como espaço significativo da existência humana.

Na biografia do professor Amaro Matias, tentei mostrar como as fronteiras entre a vida privada e a vida pública em alguns momentos se entrecruzam. Assim, por exemplo, acontecimentos do âmbito pessoal influenciaram suas decisões no campo do trabalho. A perspectiva do cotidiano é útil para elucidar tais relações já que no dia-a-dia, os indivíduos transitam constantemente entre estas dimensões.

Ao recuperar a existência de Amaro Matias, priorizei um ângulo de observação pré-determinado de suas diversas facetas, assim, busquei captar os diversos conteúdos que compuseram a sua trajetória na educação. É bem verdade, que algumas fontes disponíveis são limitadas pois priorizam alguns elementos em detrimento de outros. Por exemplo a documentação autorizando o funcionamento do Externato Anchieta e o Projeto Político Pedagógico da escola não foram encontrados nos órgãos credenciados para tal fim. Tais limitações refletem no texto desta dissertação e até mesmo, na desproporção de páginas dedicadas a cada

conteúdo da vida do personagem. O caráter fragmentário do objeto estudado, impeliu-me a realizar uma pesquisa que lembra o ofício de detetive: ouvir gravações de áudios, descobrir o que está nas entrelinhas, decodificar pistas aparentemente insignificantes. Enfim, espero uma investigação bem-sucedida.

Conforme Carino (1999, p. 167), “nos dias que correm, mais do que nunca, recorre-se ao gênero biográfico. E o momento histórico se afigura muito propício para a construção de biografias”. Sem sombra de dúvida, as peripécias ocorridas ao longo da vida de qualquer indivíduo, num mundo tão complexo como o nosso, nunca pareceu tão atraente e adequada como instrumento de investigação histórica como se percebe atualmente.

É importante destacar também que a memória é seletiva ao se escrever qualquer biografia ou autobiografia e que é necessário fazer uma seleção do que será relevante se biografar. Sobre isso, Souza, E. F. (2020a, p. 791) afirma que a memória é seletiva e tem o poder de conceder ou não o registro de pessoas ou cenas. Destaca-se, portanto, um dos pontos fundamentais desta pesquisa: não deixar que o professor Amaro Matias caia no esquecimento em relação à história da educação no município de Quipapá.

A partir desta breve revisão de literatura, espero ter apontado para as complexas questões teórico-metodológicas envolvidas na construção de uma biografia. Espero, ainda, ter explicitado que na feitura de uma análise biográfica se exige um constante deslocamento, e não um isolamento, entre os polos envolvidos.

Assim, objetivando dar conta do que me propus a desenvolver nessa pesquisa, optei por analisar este trabalho pelo viés da perspectiva da vida cotidiana pois o mesmo apresenta proximidade com as questões das identidades e memórias, linha pela qual este trabalho foi construído. Tal análise será discutida mais detalhadamente no tópico (1.2) o qual apresenta uma proposta de investigação nessa vertente.

## 1.2 - Uma proposta de investigação: a biografia pela perspectiva da vida cotidiana<sup>4</sup>

Como ressaltai anteriormente, as biografias tradicionais voltam-se, via de regra, para aqueles personagens a quem se atribui grandes feitos na História. Recuperam de forma privilegiada, as ações políticas, os atos conscientes, o lado público da existência; enfim, as manifestações notáveis. Este viés deixa de lado, a vida diária, o inconsciente, o privado, as pequenas ações.

Com isso, já se percebe uma abordagem no mínimo incompleta. Por que então, eleger o cotidiano como foco privilegiado de análise?

Como nos esclarece Schmidt (1996), em primeiro lugar, esta perspectiva traz para biografia sua matéria mais extensa, a vida diária. O cotidiano é a vida de todos os dias: do gesto, ritos e ritmos repetidos diariamente. Seu espaço é o do automático, da rotina, do instintivo, do familiar e do conhecido. A esse respeito o escritor e também biógrafo Ferreira Gullar (1997), deixou registrado que: “A história humana, não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas”.

Sendo assim, não se deve encarar o cotidiano como curiosidade. O ideal é ampliá-lo conectando os vários fragmentos para obter uma visão estruturada da realidade. Veja-o como ponto de partida, não de chegada.

Além disso, essa é a melhor forma de mostrar que a História é feita por todas as pessoas, em todos os momentos da vida – não apenas quando uns poucos participam de feitos extraordinários. “Esse viés, consolida o estudo dos grupos anônimos (operários, crianças, quilombolas...), iluminando aspectos da vida deles que até então não eram vistos”, (PRIORI, 2005) diz a historiadora Mary Del Priori, em texto escrito no Blog Saiba História. Esta sucessão repetitiva do dia-a-dia comporta conteúdos bastante heterogêneos: engloba a vida familiar, o trabalho, as relações de vizinhança, o lazer, entre outros aspectos. Além disso, a perspectiva do

---

<sup>4</sup>Na reflexão sobre a vida cotidiana, adotei uma postura teórico-metodológica eclética. Acredito que tal abordagem é a mais adequada para o estudo desta dimensão do social, devido ao caráter multifacetado e contraditório do objeto cotidiano conforme prega Netto e Falcão (1984).

cotidiano contribui para a pesquisa biográfica ao trazer para análise uma dimensão universal, ontologicamente insuprimível, presente em todo modo de existência humana. A cotidianidade está presente em qualquer esfera da vida do homem. Por exemplo, no âmbito público e no privado, nas experiências e nos discursos.

No livro *Estudos de História do Cotidiano* publicado pela editora da UFPEL (Universidade Federal de Pelotas), sob a organização de Edgar Gandra e Paulo Possamai (2011) vemos como essa perspectiva do viés cotidiano chegou aqui em nosso país. Nessa obra o professor e historiador Benito Schmidt fala do surgimento da história do cotidiano aqui no Brasil da seguinte maneira:

A história do cotidiano foi uma moda historiográfica no Brasil nos últimos anos da década de 1980 e nos primeiros do decênio subsequente, e não falo aqui em moda como algo pejorativo, mas como uma forma de se vislumbrar o passado que alcançou grande difusão entre os historiadores e visibilidade junto ao grande público, expressando preocupações e anseios intelectuais e sociais. (GANDRA; POSSAMAI; Apud SCHMIDT, 2011, p. 7).

Assim, naquele momento, foram lançadas coleções cujo títulos iniciavam com a expressão “A vida cotidiana nos tempos de ...” e o vocábulo cotidiano passou a frequentar as páginas de livros, artigos, monografias, dissertações e teses no campo da História.

Antes a história do cotidiano era associada a uma história tradicional, dos “usos e costumes”, incapaz de explicar os processos sociais relevantes, praticada por historiadores afastados das principais correntes do conhecimento histórico, a partir de então, ela passou a ocupar um lugar de destaque na produção historiográfica.

Do ponto de vista social e político, via-se o momento da redemocratização do país e da efervescência dos chamados novos movimentos sociais que clamavam por alterações justamente do nível das relações cotidianas, vistas como mais significativas na implantação de uma nova ordem social. Já no plano intelectual, o momento foi marcado pela recepção, no Brasil, das discussões sobre a crise dos grandes paradigmas explicativos, em especial do estruturalismo e do funcionalismo, sobretudo em suas versões marxistas. Gandra e Possamai (2011), nos relata que sob a égide de autores como Michel Foucault e Edward Palmer Thompson, desconfiava-se cada vez mais de uma história focada nas grandes agências de dominação e apostava-se numa perspectiva de análise que priorizava a experiência

dos atores. O cotidiano parecia ser então o espaço privilegiado para realização desse propósito.

Conforme Gandra e Possamai Apud Schmidt (2011, p. 8), “Destas motivações resultaram obras de grande qualidade que revolucionaram a historiografia brasileira”. Emergiram das páginas dos trabalhos historiográficos verdadeiros agentes sociais (escravos, operários, mulheres, bruxas, loucos, marginais...) que atuaram de múltiplas e contraditórias maneiras, por meio de suas ações cotidianas, e, dessa maneira, não só resistiram, mas ajudaram a moldar as próprias estruturas de dominação.

Como toda moda, essa tendência também teve seus aspectos negativos. Ao lado de obras de excelente qualidade, surgiram outras que meramente descreviam aspectos do dia-a-dia de outros tempos, sem nenhuma preocupação analítica. E em meio à euforia do “novo” (nova República, nova história, novos movimentos sociais...), perdeu-se de vista uma interrogação: que dimensões da História é possível se conhecer melhor, ou ao menos de outra forma, quando o olhar se volta para o dia-a-dia?

Nestes questionamentos foram fundamentais os trabalhos de Sílvia Petersen (1992), os quais, detectaram que à palavra cotidiano, apesar de aparecer nos títulos de muitos trabalhos produzidos por historiadores, não funcionava como uma verdadeira categoria de análise, despontando, no máximo, como o “palco” onde as tramas investigadas se realizavam. Além disso, a autora questionou o fato de que a história do cotidiano era, em geral definida por negação, pelo que ela não significava, sem que houvesse uma preocupação mais efetiva em conferir conteúdo a essa perspectiva. Lembrou ainda, que já existiam significativas contribuições teóricas para se pensar o cotidiano e que essas não poderiam deixar de ser, ao menos superficialmente, conhecidas pelos historiadores, sob o risco deles estarem “reinventando a roda”.

Assim, ficou claro que a produção historiográfica poderia se enriquecer com as contribuições de autores que encaram o cotidiano, por seu caráter repetitivo e automatizado, como o âmbito fundamental para o entendimento do fenômeno da alienação, pois a vida de todos os dias permite ao ser humano uma margem de manobra e ação de individuação e configuração de novas atitudes.

Torna-se evidente, que esses e outros estudiosos têm muito a oferecer, pois estudar o funcionamento da vida social é algo fundamental, já que não existeninguém que não viva boa parte de sua existência imerso nas rotinas e atribuições do cotidiano.

Deste modo, o entendimento de uma trajetória individual passa necessariamente pela análise do cotidiano. Esta, permite ao pesquisador atingir uma das principais metas das novas biografias: respeitar o personagem enfocado em suas múltiplas facetas, como um “homem inteiro”.

Ressalto ainda a pertinência de se pensar numa biografia por esta ótica pois o cotidiano apresenta-se como espaço do indivíduo, do exercício mais direto e imediato da individualidade, da percepção do mundo pela ótica do singular. Como afirma Carino (1999, p. 170), “cada homem concreto, individual é, portanto, o produto dessa simbiose entre sua época, o momento histórico em que vive e sua própria consciência”.

Assim, a perspectiva da vida cotidiana possibilita ao historiador recuperar a tensão entre o biografado e seu contexto. Afinal, esta dimensão universal, rotineira e heterogênea da vida humana não deve ser examinada de forma autônoma, descoladas das demais relações sociais. Até porque a vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico.

Exemplificando esta ideia, Souza, E. C. e Oliveira. R. C (2016), afirmam que “essa procura da vida cotidiana, nos impulsiona a estar lá constantemente pensando, refletindo e compreendendo o que acontece e como vivem as pessoas.

Estas ponderações credenciam-me a inserir o cotidiano do mestre Amaro Matias, num período significativo de sua vida, num plano mais geral: o cotidiano do professor, portador de uma especificidade que o diferencia dos demais professores de sua época. Obviamente que estes cotidianos devem ser articulados entre si e relacionados com o contexto histórico do personagem em tela, o qual chegou em Quipapá no início da década de 1950 (1951), vindo transferido da cidade de Rio Formoso.

Sabemos que o “cotidiano só tem valor histórico no seio de uma análise dos sistemas históricos que contribuem para explicar o seu funcionamento. Até porque, a

maior parte das pessoas passa praticamente toda sua existência submersa no automatismo dos papéis cotidianos, simplesmente vivendo a vida sem questioná-la. Nesta situação, os homens percebem o mundo com a sensação de familiaridade, de que tudo está a mão. Jogam-se inteiros nas exigências do dia a dia, mas sem nunca esgotar inteiramente suas possibilidades.

Alguns indivíduos conseguem realizar a passagem do “homem inteiro” (o homem cotidiano, onde convivem mudamente o singular e o genérico) para o “inteiramente homem” (quando se toma consciência da unidade entre particularidade e genericidade). Isso ocorre quando uma pessoa joga toda sua força num projeto, num ideal, homogeneizando suas capacidades e suspendendo a heterogeneidade que caracteriza a vida cotidiana.

Segundo Schmidt (1996), esta suspensão é temporária e não implica no rompimento com a cotidianidade, e sim, em um vai e vem entre a vida diária e o humano genérico. Quem passa por tal experiência, pode obter ganhos de consciência e possibilidades de compreensão e transformação do cotidiano singular e coletivo.

Henri Lefebvre filósofo francês, falecido em 1991, sinalizou que a vida cotidiana nos cerca e nos rodeia, tanto no espaço quanto no tempo e da mesma forma que ela estaria em nós, nós estaríamos nela. De certa forma, Lefebvre já apontava para o tamanho da tarefa que se apresentaria para aqueles que desejam fazer uma discussão sobre a vida cotidiana ao afirmar que: “Todos nós a conhecemos e cada um de nós a ignora”. Como definir a vida cotidiana? Era essa a questão que angustiava Henri Lefebvre.

No artigo “O cotidiano e o território” escrito por Trincherro et al. (2017), os autores ressaltam que no senso comum é normal definir-se negativamente o cotidiano, como algo entediante, aborrecido e rotineiro ou como a mera repetição mecânica dos mesmos gestos, desde o café da manhã até o anoitecer ou o adormecer. Muitas vezes procura-se banir o cotidiano para a ficção ou para o campo do imaginário, mesmo na incerteza de poder escapar-se dele, como pontuou Lefebvre.

Vale ressaltar que no meio científico, várias são as áreas do conhecimento que, já há algum tempo, se dedicam à tarefa de entender os aspectos positivos e

negativos da vida cotidiana ou os reflexos negativos e positivos. Mas, à inquietação de Lefebvre, é necessário acrescentar também outra pergunta: Como fazer um estudo sobre o cotidiano? Explicando melhor, seria necessário acrescentar o questionamento de como fazer os estudos sobre o tema sem cair num empirismo simplista, dedicado exclusivamente às descrições dos acontecimentos diários, ou num filosofismo exagerado. Seria, portanto, possível estudar a vida cotidiana sem limitá-la aos aspectos meramente mecânicos e repetitivos das tarefas diárias? Ou, seria possível realizar tais estudos sem considerar o cotidiano como o elemento mais profundo, como a essência, a existência de todas as coisas?

Heller (1992, p.17) afirmou que todos vivem a vida cotidiana, “sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão de trabalho intelectual e físico”. A autora argumenta que nenhum ser humano consegue desligar-se completamente da cotidianidade a ponto de identificar-se somente com os aspectos humanos genéricos, assim como, também ninguém consegue viver exclusivamente na cotidianidade, embora ela absorva preponderantemente todo o indivíduo. Assim, entendemos o cotidiano na maneira de como a vida dos indivíduos (dos seres humanos) é produzida e reproduzida e nesse ato contínuo e cumulativo, a sua transformação em humano.

Nesta dissertação pretendo apontar para uma perspectiva biográfica que permita seu emprego, metodologicamente, investigando alguns fatos ocorridos na vida do professor Amaro Matias. Assim, o território do cotidiano define-se por um lugar onde age o indivíduo tornando humana a sua vida. Dialoga o cotidiano com o estranho e o diferente, mas é somente diante destes que se reconhece.

Segundo Rocha Junior (2006), a ordem do cotidiano está contida na história. Torna-se pouco proveitoso perceber a história senão permeada pelos acontecimentos do cotidiano, de onde tudo parte, como nos sugere Agnes Heller (1992) quando afirma que a “vida cotidiana não está fora” da história, mas no “centrohistórico”: é a verdadeira essência da substância social. (HELLER, 1992, p.20).

No cotidiano construímos a nossa existência como percepção da nossa humanidade e como percepção da identidade e da diferença que estabelecemos com o outro. Conforme Rocha Junior (2006), acima supracitado, a nossa identidade remete sempre àquilo que concebemos como o modo de ser humano. E naquilo que

duvidamos do modo do ser humano inscrevemos a diferença. O cotidiano se revela assim, plural, híbrido, miscigenado e complexo. Longe da unicidade sugerida pela ideia de repetição dos atos cotidianos, estes se revelam plurais porque suas ocorrências, como notamos acima, fundam sentidos diversos e traçam a continuidade indecisa da história.

Torno a ressaltar o quanto essa perspectiva está imbricada com a linha de identidades e memórias, pois, é justamente no cotidiano que construímos e vivemos as identidades. O cotidiano é então o exercício diário dos atos fundadores da identidade e da diferença. Reforçando ainda que, o cotidiano é sempre o cotidiano com os outros. Não o vivemos sozinhos e isolados.

Viver o cotidiano, portanto, não significa, não apenas agir do mesmo modo diariamente, como também mover-se guiado somente pelo senso comum. É preciso considerar que os modos de conhecimento do mundo são postos em ação na elaboração da nossa vida diária e o seu resultado, o cotidiano, se consolida nos acontecimentos ordinários e excepcionais que nos ocorrem.

## 2- O CAMPO BIOGRÁFICO E O DIAGRAMA DO CONSTRUCTO

### 2.1 - Professores: as pesquisas sobre sujeito

Conforme Weiss (2013), no decorrer das últimas décadas, o professor passou a ser fonte de pesquisa nas mais diferentes etapas e papéis que compõem sua atuação, como os seus saberes (ou conhecimentos), as suas práticas e as suas relações (com os alunos, professores e sociedade); tais pesquisas nos ajudam a compreender os processos de formação docente em que ocorre uma dicotomia entre o profissional e o pessoal. (NÓVOA; FONTOURA, 2007).

Essa visão dicotômica perdurou nas pesquisas sobre o professor, tanto que as perguntas sobre quem era o professor se focaram nas questões que envolviam as técnicas de ensino. Com isso, o professor foi “esquecido” como pessoa, como sujeito, como ser, sendo percebido como uma parte, um fragmento. O pessoal e o profissional dialogam constantemente e isso foi negado ao professor por muito tempo.

Essa percepção, que até pouco tempo era tímida, agora traz o professor para a discussão e compreensão de que ele é alguém que fala, intensificando o interesse em conhecer como ele fala e de quê? Tal conduta respeita as particularidades que existem em cada pessoa e torna o ato da pesquisa envolvente, porque não falamos de um ser homogêneo, mas falamos de pessoas, aliás, de cada pessoa por sua vez.

Nessa direção, as perguntas nas pesquisas relacionadas ao professor se modificaram, se tornaram mais sensíveis ao sujeito, possibilitando, principalmente pela história de vida e pelas pesquisas biográficas e autobiográficas, o direcionamento, o enfoque e os questionamentos para a pessoa do professor, e não para o técnico professor. Sobre isto, Pereira (1999), nos diz que o gênero biográfico se fez acompanhar da revalorização da História Oral, como fonte/método/técnica de pesquisa, bem como dos arquivos pessoais – autobiografias e toda sorte de documentos pessoais, como diários, memórias, correspondências etc. -, como preciosa fonte histórica.

As pesquisas na área educacional possuíam um forte traço das pesquisas quantitativas, e essa forma de realizar pesquisa, não atendia mais aos anseios dos pesquisadores das ciências sociais e humanas, principalmente quando se

pesquisava o professor. Nessa busca por novos olhares sobre a pesquisa com professores, a Escola de Chicago revive a história oral e a pesquisa antropológica, que por sua vez, auxilia as pesquisas biográficas, que começam a ter neste momento a possibilidade e a metodologia necessária para se estruturar.

Nesse sentido, a busca pelas abordagens (auto) biográfica e biográfica vem o momento em que as ciências sociais ampliam seu olhar sobre o sujeito, não o vendo mais como um número, uma estatística ou um fato isolado, mas, sim, como ponto de reflexão mais amplo. Sobre isto Ferreira e Amado (2006, p.197) retratam que “a biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia”.

As pesquisas na área educacional ampliam-se para as novas possibilidades quanto ao sujeito e quanto a pessoa pelas abordagens (auto)biográficas, de forma que “[...] o movimento nasceu no universo pedagógico, numa amalgama de vontades de produzir um outro tipo de conhecimento, mais próximo das realidades educativas e do cotidiano dos professores” (NÓVOA, 2007, p. 19).

Com o surgimento de novas pesquisas nessa linha, cada vez mais a biografia vem se apresentando como uma possibilidade de pesquisa, e apesar de algumas fragilidades e ambiguidades, é inegável que as biografias têm dado origem a práticas e reflexões extremamente estimulantes, fertilizadas pelo recurso a uma grande variedade de enquadramentos conceptuais e metodológicos.

Com essa nova perspectiva, a biografia vai ao encontro do sujeito que narra sua história a partir de suas trajetórias: pessoal e profissional. Por conseguinte, a biografia está relacionada com a história oral e a entrevista, porque no momento em que o sujeito relata, mostra imagens, documentos, cartas, ele está apresentando sua história, sua memória, com isso, a vida pessoal se entrelaça com a social, que por sua vez, se entrelaça com a profissional.

Para fundamentar ainda mais, busco em Bosi (2003) a compreensão de que o processo da história de vida é auxiliado pela narrativa, na qual objetos, imagens, recortes de jornais, cartas, convites, permitem que o sujeito conte a sua história, a sua origem.

Assim, percebemos o encontro entre a biografia e a história oral, porque a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida pra dentro da própria história e isso alarga o campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo.

“Fizemos o estudo da história ficar mais emocionante. Não creio que reste a menor dúvida de que o trabalho de campo da história oral seja emocionante e de que isso faça com que se tenha novo apreço pelo estudo do passado”. (AMADO; FERREIRA, 2006, p. 301).

Para tanto, a história oral torna-se parte fundante desse processo que envolve essa trajetória que, por sua vez, se traduz na trajetória/história de vida do professor Amaro Matias Silva. Por este ângulo, a história oral aliada a biografia nos possibilita uma proximidade com o pesquisado, nos possibilita ouvir através de sua narrativa a sua versão da sua história, do seu vivido.

Nesta perspectiva, Pereira (1999), ressalta que a história oral, tem desempenhado importante papel, ao dar a palavra e tornar pública a voz daqueles que não têm acesso à escrita: os trabalhadores rurais e urbanos, as camadas populares, em geral, as minorias. “Nós lhe ‘damos a palavra’ – quer dizer que nós a tomamos para fazer dela um escrito”. Assim, muito respeito se cabe à pesquisa de biografia, que não mede, não julga e não quantifica o sujeito, porque cada pessoa, cada entrevistado é único e particular.

Segundo Souza, E. F. (2020a, p.356), “a construção histórica de um indivíduo se faz a partir de muitas clivagens, algumas das quais devotamos muito orgulho e prazer em tê-las na trajetória; outras, nem tanto. Porém todas contribuem para a compreensão que temos de nós mesmos, de nossa subjetividade”. Esse autor reforça ainda que essa compreensão é inevitavelmente ancorada na objetivação e subjetivação do agente social, inclusive, pela razão narrativa, como uma tomada de consciência de uma dispersão evidente. Dispersão esta que precisa de alguma forma ser organizada para que não se perca nada durante a trajetória.

## 2.2- O caminhar metodológico e os dados

O que leva alguém a escolher o que falar, escrever ou ver? Ou ainda começar uma aproximação com alguém que estamos interessados em conhecer? Não sei ao

certo como esse processo ocorre, mas o interessante é que, no decorrer dele, alguns temas ou assuntos tornam-se mais próximos do que outros. Isso aconteceu comigo no momento em que me dispus a pesquisar sobre o professor Amaro Matias.

Acredito que, numa pesquisa dessa natureza, um dos grandes desafios está no reconhecimento do outro, de suas singularidades ao mesmo tempo em que este outro é um ser igual a mim, que não se posiciona como alguém sozinho ou distante, mas, sim, a partir da sua história, da sua construção como sujeito (MOITA, 2007), (FREIRE, 2000).

Em outras palavras, o conhecimento se apresenta como transdisciplinar, pois se falamos de um sujeito, falamos das diversas relações que ele possui com os outros sujeitos, com os objetos e com outros ambientes, e são justamente essas relações que o pesquisador deve estar aberto a pesquisar e compreender.

Por essa perspectiva, Weiss (2013), nos diz que o conhecimento se organiza a partir de um imbricado conjunto de métodos que auxiliam a compreender, explicar e conhecer esse sujeito. Por esse viés, eu conheço o sujeito e conheço seu contexto e suas relações, iniciando e propondo uma possibilidade de pesquisa, onde estamos o tempo todo reorganizando os conhecimentos sobre aquele sujeito.

Essa percepção do conhecimento científico, auxiliou no entendimento de que a pesquisa que fomos delineando se configura na metodologia qualitativa, onde a frase metodologia qualitativa se refere em seu sentido mais amplo a uma investigação que produz dados descritivos.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2002, p. 21).

Busca-se compreender o contexto em que a pesquisa se desenvolve, onde todos os dados são imprescindíveis para a análise. Com isso, o ponto chave da pesquisa torna-se o processo, e não mais o resultado, assim, os dados do contexto onde a pesquisa ocorre são imprescindíveis para compreender esse processo. As ideias do sujeito, são amparadas pela descrição e pelos vários métodos de coleta de dados: entrevista, transcrição das entrevistas, fotografias, documentos pessoais.

Dessa maneira, o pesquisador se preocupa em construir sua análise a partir do processo de investigação, e não de hipóteses pré-definidas.

A medida que se foi organizando a pesquisa via biografia, Avelar (2018) e Schmidt (2018), foram balizadores no processo de compreender e dar corpo, tanto no andamento quanto na posterior análise para a pesquisa.

Dessa maneira, ambos os autores nos auxiliaram a pontuar, o processo que envolveu a pesquisa em si, que tínhamos:

- 1- Fase inicial: fundamentação quanto à escolha teórica e metodológica que envolveu esta pesquisa, de forma a ampliar o conhecimento sobre biografia, neste caso específico a biografia de um professor.
- 2- Fase que compreende a narração: momento em que o pesquisador se prepara para o(s) encontro(s) com o narrador ou com pessoas que com ele conviveu, o que foi meu caso. A partir de algumas questões como ponto de partida (pontos chaves), do auxílio de fotografias e documentos que o pesquisado dispunha e que auxiliavam/mediavam sua narração.
- 3- A biografia: as diferentes perspectivas, ideias que perpassam pelo espaço/tempo que compreendeu a vida do professor Amaro Matias.
- 4- A análise da biografia: tentativas de organizar os diferentes elementos presentes na narrativa do professor a partir dos fatos narrados dispondo-os histórica e geograficamente com auxílio do diagrama do constructo.
- 5- E, por fim a síntese que envolve esse professor no decorrer do processo sociocultural-histórico.

Com relação aos dados, o processo que envolve a pesquisa qualitativa também se apresentou quando se pensou e se definiu como esta etapa deveria acontecer. Para isso as técnicas devem falar do professor, respeitando-o como sujeito que possui um conhecimento, uma vivência onde o pesquisador torna-se parte desse processo.

O ato de pesquisar e o que pesquisar já deixa transparecer as intenções únicas da pesquisa, e isso também vale para os instrumentos que serão adotados. Não tem como sua organização e utilização serem iguais. Por mais que se utilize a análise documental, a entrevista, a maneira como o pesquisador lidou com esses

instrumentos dirá que a pesquisa que se desenvolveu foi única, pois nenhum método de investigação tem valor por só por si.

As técnicas e os instrumentos usados só terão utilidade e validade em função dos objetivos do investigador e do próprio objeto de investigação. Como nossa escolha metodológica era a biografia, tínhamos uma possibilidade: “A recolha de uma biografia e a sua análise, o tratamento dos dados e o discurso posterior”. Apartir dessa percepção elencamos como técnicas para a coleta de dados: a análise documental e a entrevista.

### 2.3 - As análises dos dados e o diagrama do constructo

Nesse ponto, a preocupação em buscar informações que auxiliaram na compreensão de certos pontos presentes nos materiais selecionados e nas entrevistas foram imprescindíveis, até porque, os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador.

Como documentos que auxiliaram a análise, temos livros escritos por Amaro Matias, artigos que retratam as temáticas biografia e autobiografia, documentos pessoais do biografado, hinos oficiais e cartas de ex-alunos. Também nos apropriamos de livros que tematizam sobre o município de Quipapá, entre eles o de Assunção (2006) e Valença Júnior (1986). Por fim, temos fotografias que registram cenas onde se entrelaçam a história da educação quipapaense e o professor Amaro Matias.

Esses e outros materiais auxiliaram a análise desta pesquisa a fim de compreender a trajetória profissional e pessoal do professor.

As entrevistas pela perspectiva da pesquisa qualitativa se apresentam como uma possibilidade de conhecer e compreender quem é o sujeito, para tanto, esse processo necessita de flexibilidade, tanto para a condução como para a organização da mesma.

A entrevista é um dos instrumentos que permitem captar, ouvir e registrar o que, como e sobre o que o sujeito fala, e não apenas sobre os temas da entrevista, mas também sobre os demais. Sobre isto, Minayo (2015), relata que existem

diferentes tipos de entrevista individual, entre eles a entrevista estruturada (que se direciona a partir de um roteiro definido), a semiestruturada (que possui uma estrutura que não é rígida sendo flexível no decorrer de seu andamento) e a entrevista aberta (onde o interlocutor, discorre à vontade sobre o tema). Optamos por seguir os parâmetros da entrevista semiestruturada por melhor atender ao que objetivamos.

Um dos fatores essenciais nesse processo é a confiança estabelecida em ambas as partes. Sob esse viés, Ferreira e Amado (2006), afirmam que é indispensável criar uma relação de confiança entre informante e entrevistador. E destacam que disso depende o sucesso.

Sendo assim, a entrevista apresenta-se como parte constituinte de uma análise de dados e sobre a percepção do objetivo da pesquisa, de quem é o sujeito. Para isso, as informações, impressões, conhecimentos que esse sujeito fala no decorrer da entrevista se apresentam como possibilidades que o pesquisador deverá ter a habilidade de analisar depois, com um olhar único, pois é a partir daí que o sujeito se revela único.

Para realizar a entrevista, alguns pontos foram observados, como conversar com o sujeito, deixando claro quais eram os objetivos que tínhamos e que não sabíamos de antemão de quantas entrevistas seriam realizadas e, algumas vezes, foi necessário retornar para saber mais sobre determinado assunto, informando a importância do uso da gravação e da segurança de que as informações seriam utilizadas para esta pesquisa, respeitando a confiabilidade e a confidencialidade das informações apresentadas pela mesma.

Algumas entrevistas foram de forma presencial outras no modelo virtual, algumas com agendamento prévio, com dia e hora marcada, outras não seguiram esse padrão. Para que nenhuma informação ficasse perdida no decorrer da entrevista, foi utilizado o gravador digital que vem acoplado ao celular para registrar as falas (sendo elas de assuntos do dia-a-dia ou das questões pertinentes à pesquisa).

Após as entrevistas veio o momento de transcrever, momento este considerado como sendo o aspecto mais difícil na história oral, ou seja, o processo

de transcrição das entrevistas. Porque o cuidado em ouvir repetidamente a mesma informação é um cuidado que se teve para que nenhuma informação ou fala ficasse perdida.

Isso vem ao encontro da preocupação no momento em que a entrevista transcorre, em que o pesquisador deve ser um bom ouvinte, porque o sujeito que fala necessita de espaço para isso, mesmo que em alguns momentos isso não era tão fácil, pois o querer participar da conversa foi importante, mas se teve o cuidado em não colocar as impressões, o olhar sob olhar e as impressões do sujeito para não ofuscar ou até mesmo calar o sujeito sobre o que este pensa e acredita.

Depois de discorrermos sobre a análise dos dados chega o momento de apresentarmos uma ferramenta que foi essencial para o procedimento dessas análises, estamos nos reportando ao diagrama do constructo, cuja origem se deu a partir de uma necessidade específica de um professor universitário conseguir reunir em um único lugar diversos arquivos que compunham sua trajetória pessoal, profissional e acadêmica, mas que estavam dispersos em diferentes ambientes. Tal ferramenta foi essencial no processo e o objetivo esperado pelo professor foi alcançado com êxito.

Lendo a tese do referido mestre que está disponível no repositório da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), intitulada À LUZ DO CANDEEIRO E O CONSTRUCTO DO “EU” FONTE: Educação pela Arte, Ciência e Política, descobri tal ferramenta e resolvi utilizá-la nesta pesquisa por acreditar na sua funcionalidade e praticidade na organização dos dados coletados, evitando assim que eles se dispersem, pois:

O que se verifica, no entanto, é que há muitos registros ou vestígios deixados por várias gerações e esses documentos podem servir como fontes de pesquisa. Contudo, essa infinidade de documentos dispersos pode ser organizada pelo pesquisador em forma de fontes, além de servir de exemplo quando estamos diante de um projeto autobiográfico, conforme aqui aplicado. (SOUZA, E. F., 2020, p. 361).

Assim, conforme o autor, é necessário ter uma representação razoável de si mesmo para avançar nas evidências postas pelos documentos produzidos ao longo de uma trajetória.

Nesta dissertação, não está em jogo apenas o ato de retirar dos arquivos o problema de pesquisa, mas, sobretudo acrescentar, descrever e refletir sobre as experiências surgidas na trajetória. No caso aqui tratado na trajetória do professor Amaro Matias.

Segundo Souza, E. F. (2020a), as fontes históricas são construídas e constituídas a partir dos problemas levantados pelo pesquisador, na medida em que se encontram disponíveis em arquivos públicos, privados ou pessoais, uma relação inesgotável de documentos produzidos para finalidades diversas. Sendo assim, as evidências são resultado dos questionamentos feitos pelo pesquisador em suas ações de ofício. Também, não se deve hierarquizar os tipos de fontes pois existe uma relação íntima entre as duas peças da trama, o oral não deve se opor ao escrito.

Com essa construção híbrida será possível responder à pergunta inicial colocada nesta pesquisa biográfica, ou seja: Quais as contribuições do professor Amaro Matias, um homem negro, na educação de Quipapá?

O objetivo é mostrar empiricamente como uma fonte se constitui para efeito de análise. Desta feita, o constructo do “eu” fonte tem base empírica, pois conforme seu criador, ele surge na perspectiva do levantamento da documentação da trajetória de vida em vários campos, como podemos ver abaixo na sua forma original.

**Figura 1 - Diagrama do Constructo**



Fonte: (SOUZA, E. F., 2020a)

Como se percebe o diagrama do constructo é uma ferramenta que, segundo Souza, E. F. (2020a), pressupõe os seguintes arquivos: pessoal, da família, vivo, institucional, on-line e científico.

Esses seis tipos de arquivos serviram de base para o levantamento dos dados que evidenciaram a trajetória do professor Amaro Matias apresentando suas obras, textos publicados, bem como depoimentos de familiares ex-alunos e pessoas que com ele conviveram. Assim, nosso diagrama seguiu o parâmetro proposto por Souza, E. F. (2020a), porém sofreu uma adaptação para que atendesse as exigências deste estudo conforme observamos abaixo.

**Figura 2** - Adaptação do Diagrama do Constructo



Fonte: elaborado pela autora, 2022

No meu caminhar metodológico, me deparo com o diagrama do constructo, onde tenho uma visão preliminar de como ele se apresenta para mim. No centro dessa ferramenta se encontra o nosso objeto de pesquisa o professor Amaro Matias como fonte primária desse constructo. Logo, o sujeito aparece em terceira pessoa e não em primeira como está no constructo original. Ao olhar a imagem temos a nítida impressão que tudo parece estar ligado a pessoa do professor Matias. Ele é o “proprietário”, fonte do constructo, sem o qual essa pesquisa biográfica não existiria. Essa ferramenta foi essencial para se compreender as transmigrações pelas quais o

personagem vivenciou em seu cotidiano. Demarcando diferentes territórios de afirmação de sua trajetória.

Assim nessa busca pelas diversas fontes disponíveis me deparei com ex-alunos, amigos e familiares do professor Matias, pessoas que conviveram com ele em um determinado momento de suas vidas e que agora na tipologia proposta por Souza, E. F. (2020b), constituíam o meu arquivo vivo. Através desse arquivo foi possível a realização das entrevistas contidas nessa pesquisa.

Nesse trabalho investigativo, chegou em minhas mãos alguns documentos do nosso biografado entre eles: certidão de nascimento, casamento e óbito. Bem como, duas carteiras de identificação profissional e vários títulos e honrarias recebidos, documentos que retratam alguns domínios do cotidiano do professor Amaro, que apesar de não está mais em suas posses fazem parte de seu arquivo pessoal.

Prosseguindo nessa busca, me apropriei de documentos que atestam o caminhar acadêmico e cultural do nosso objeto de investigação, como diplomas, certificados e placas de cursos. Esse material tem uma relação direta com o arquivo institucional contido no diagrama.

O trabalho de separação e análise das fontes deve ser feito com muita cautela, é muito minucioso, é necessário que se compreenda cada objeto de forma clara e o coloque em seu devido lugar. Com esse cuidado para se compreender o constructo tendo como fonte primária o professor Amaro Matias, vejo diante de mim, algumas fotografias do referido mestre, em vários momentos do seu cotidiano. Em diferentes fases de sua vida, em diversas ocasiões. Tal acervo ocupa nessa ferramenta o lugar do arquivo da família Matias.

Navegando nas redes sociais, descobrimos alguns blogs e sites que contém reportagem ou matéria sobre o professor Amaro, inclusive alguns artigos escritos por ele para os principais jornais do estado, entre eles o Jornal do Comércio onde Matias foi articulista. Não há dúvidas de que esse rico acervo tem um lugar de destaque no arquivo on-line.

Caminhando para o final das análises, tenho acesso a produção do “proprietário” do constructo, isso mesmo, várias obras que foram escritas pelo mestre Amaro, ainda em vida. Foram um total de oito livros publicados, com

destaque para a obra *Meus Caminhos* (sua autobiografia), diversos artigos jornalísticos, publicados em três jornais de grande circulação no estado: *Jornal do Comércio*, *Diário de Pernambuco* e *Vanguarda de Caruaru*. Um rico material que demonstra algumas transmigrações de campo de interesse do professor Amaro e também indica algumas mudanças em sua trajetória biográfica, esse acervo pertence ao arquivo científico do mestre Matias.

Souza, E. F. (2020b), reconhece a importância do conjunto de arquivos para a consolidação do constructo do “eu” fonte, mas considera que dois desses arquivos são essenciais para essa ocorrência e que sem eles não há possibilidade de se iniciar a verificação empírica da trajetória. O primeiro é o arquivo vivo e o segundo é o arquivo pessoal, deles emergem as memórias do biografado e as informações referentes a sua vida. Tudo isso só foi perceptível quando se deu a unidade a partir do que antes estava disperso, por isso dizemos que as evidências que constam dos arquivos são fundamentais para a compreensão do indivíduo.

“Um constructo é o processo contínuo de observação, admiração e possível análise. É o jogo de tensão e reconhecimento pelo seu proprietário ou por outros que dele devam algum interesse de verificação e estudo”. (SOUZA, E. F., 2020a, p. 389).

Todavia, Souza, E. F. (2020a, p.389), alerta que “não há perfeição em um constructo do “eu” fonte, da mesma maneira em que a trajetória de vida não segue em linha reta.” Ele é a unidade do que antes estava disperso e só nesse processo de busca de seu sentido, ele consegue ressignificar o passado do personagem que estamos biografando. Portanto, o seu real sentido só se consolida na unidade e singularidade com o que tento expressar aqui, por este instrumento de dissertação.

### **3 - PANORAMA DA EDUCAÇÃO EM QUIPAPÁ ANTES DA CHEGADA DO PROFESSOR AMARO MATIAS**

Conforme Assunção (2006), o município de Quipapá tem 231 Km<sup>2</sup> de área territorial e fica localizado na microrregião fisiográfica da Mata Sul do Estado de Pernambuco, distante 188 Km da capital do estado. Limita-se ao norte, com Jurema e Panelas, ao sul, com Ibateguara e São José da Lage (Alagoas), a Leste com São Benedito do Sul e a oeste com Canhotinho. Segundo os últimos dados do IBGE em 2010, o município de Quipapá tem atualmente 25.220 habitantes. O solo quipapapaense apresenta fertilidade alta, principalmente na zona fisiográfica da mata úmida, certamente em decorrência da existência de pequenas reservas florestais.

De acordo com Assunção (2006, p. 15), “o clima é ameno, especialmente na zona rural, onde a altitude é mais elevada. Cortam o município os rios Pirangi, Areias, Choque e Quipapá, todos perenes e integrantes da bacia do Una.”

Quipapá tem uma história de muitas lutas e conquistas, além de uma forte trajetória social e política. A denominação do município tem sua origem, segundo alguns historiadores, num dialeto africano, possivelmente falado na República dos Palmares, significando asilo, refúgio, guarida. Sabe-se que o movimento libertário que entrou para a História como o Quilombo dos Palmares, era protagonizado por escravos fugitivos que se refugiavam nessa região onde hoje encontra-se encravado o Município de Quipapá.

Segundo Assunção (2006), a região de Quipapá, era um magnífico esconderijo e um excelente lugar de moradia para os fugitivos que formaram a “Tróia Negra”. Lugar fácil de se obter alimentos nas matas, caças fartas, rios perenes e cheios de peixes. Além de se apresentar como um excelente ponto estratégico, graças à sua topografia, caracterizada por montes e vales, possibilitando total segurança, tanto para a produção quilombola, formada por escravos negros, quanto para holandeses desertores e índios Tapuias.

Sob essa óptica Valença Júnior (1986) reforça que “a palavra Quipapá é um africanismo, corruela de quipacá, que significa – asilo de fugitivos, refúgio, guarida ou couto de vagabundos”. E na verdade era isso mesmo o Quilombo dos Palmares, porque era constituído por um considerável número de escravos que, abandonando

a casa dos seus senhores, refugiavam-se nessa região, visando ao furto de quanto havia nas cercanias.

Um outro grupo de pesquisadores e historiadores vincula a origem do topônimo Quipapá à língua tupi-guarani, derivando-o de quipá-quipá, plural de quipá, uma planta rasteira e espinhosa estranhamente não muito comum na região. Segundo esses estudiosos a palavra “Quipapá” significa “região de muitos quipás”, ou seja, uma região com predominância de vegetação rasteira, onde existe em abundância um cacto nativo denominado pelos indígenas de quipá.

Evidentemente, por razões óbvias, essa versão vem sendo questionada e atualmente, pouco referida. Afinal, não seria geograficamente correto afirmar que Quipapá se situa na caatinga. A cidade, além de não se achar compreendida na faixa geológica que limita a zona sertaneja, nem ao menos no “agreste” de Pernambuco, parece nunca haver criado no seu seio a planta quipá. Eis aí porque nos inclinamos a aceitar a origem do nome Quipapá como de fonte africana, até que horizontes mais claros derramem sobre este assunto luz mais intensa e mais pura.

**Figura 3** - Vista aérea da cidade de Quipapá (2022)



Fonte: Portal Quipapá - [www.instagram.com/portaquipapa](http://www.instagram.com/portaquipapa)

Segundo Assunção (2006, p. 177), “sempre existiu uma grande afinidade dos filhos de Quipapá com a educação.” Até hoje, a educação encontra-se em pleno desenvolvimento e alcançando grande progresso. O Grupo Escolar Esmeraldino Bandeira foi o primeiro educandário da cidade inaugurado no dia 14 de julho de 1929, pertencia ao Governo do Estado e funcionou até 1979. Seu arquivo guarda

histórias belíssimas dos filhos de Quipapá que por lá passaram e hoje são pais, tios, avós ou bisavós e que aprenderam ali as primeiras lições de vida até se tornarem cultos, honestos, íntegros e responsáveis, conhecidos no Brasil e fora do país.

A escola localizava-se no centro da cidade, na Praça Umbelino Cavalcante. Possuía salas amplas e arejadas, boa iluminação e sua equipe de professores competentes e dedicadas ao trabalho, embora possuíssem apenas o curso pedagógico (depois chamado curso de magistério). Além das lições de português, matemática, estudos sociais e ciências, ainda davam aulas de boas maneiras, cidadania, respeito e amor ao próximo e a Deus.

Ao ouvir o toque da campainha, anunciando o início das aulas, os alunos se concentravam na área central do prédio, todos uniformizados de azul e branco. Em atitude de respeito, faziam uma oração e em seguida cantavam o hino nacional e o hino da escola, sempre acompanhados pelas professoras. No interior das salas reinava o mais absoluto silêncio, atenção e respeito. Sem dúvida o Grupo Escolar Esmeraldino Bandeira marcou a vida de muitos quipapaenses como bem atesta Assunção (2006, p. 183):

Qual cidadão ou cidadã quipapaense, com mais de 35 anos de idade que não ocupou os bancos escolares do Esmeraldino Bandeira? Não brincou de bola, de rodar pião, de pular corda, de pular amarelinha, de ciranda- cirandinha, ou não contou histórias assombradas sob as mangueiras e caramboleiras existentes no pátio da escola. (ASSUNÇÃO, 2006, p.183).

Hoje, muitos quipapaenses recordam saudosamente sua passagem pelo Esmeraldino Bandeira, onde aprenderam as primeiras letras e deram os primeiros passos na escalada do saber, para depois se tornarem cidadãos, honrados e cultos, prontos para enfrentarem a vida.

**Figura 4-** Prédio onde funcionou o Grupo Escolar Esmeraldino Bandeira



Fonte: Fotografia cedida pela amiga Gisele Paulina

Observa-se que o referido prédio mantém em sua fachada o nome de origem Grupo Escolar Esmeraldino Bandeira apesar do mesmo ter sido extinto. Nele funciona atualmente a Secretaria Municipal de Saúde.

Conforme Carvalho (2009), a década de 1930 é marco divisor de águas na História Brasileira. De um lado, o declínio de uma classe social constituída até o momento por uma elite agrária rural, os Senhores do Café. De outro a ascensão da burguesia industrial e o crescimento do proletariado urbano. Nesse tempo, Amaro Matias era uma criança de apenas oito anos de idade e residia no seu município de origem a cidade de Água Preta.

No artigo intitulado “Década de 30 – os anos de incertezas”, a referida autora nos relata que o Brasil é um país marcado por exclusões sociais ao longo de toda a sua história, em qualquer esfera da sociedade: saúde, educação, moradia entre outros. No processo educacional, por exemplo, encontramos um dos maiores exemplos dessas exclusões, que remonta desde o Brasil colônia, em que o sistema educacional era quase inexistente. A partir de 1930, com a ascensão do governo populista do Presidente Getúlio Vargas, vemos a Igreja e as forças armadas atuando na área educacional.

Segundo Hilsdorf (2003), as Forças Armadas como educadora do povo foi um projeto político longamente acalentado pelos militares que era a formação do modelo de “escola como quartel” priorizando a educação pré-militar e o domínio do ensino da educação física. A igreja por sua vez queria o direito de continuar ministrando as aulas de religião, posição essa que contrariava o “Estado Neutro” da oligarquia. Essa ideia dos valores cívicos e religiosos eram bem presentes na escola pública estadual em Quipapá antes da chegada do professor Amaro Matias e se fortaleceu ainda mais com a sua vinda ao município em 1951.

**Figura 5** - Desfile do Grupo Escolar Esmeraldino Bandeira em Quipapá (Década de 1930)



Fonte: Acervo Portal Quipapá

Nota-se através dessa imagem que além do Grupo Escolar Esmeraldino Bandeira as escolas da rede municipal também participaram do desfile cívico. Todos devidamente fardados seguiam o compasso da banda marcial.

No alvorecer da década de 1930, o governo que assumiu o poder no país não elaborou um documento legal único, que disciplinasse a educação em seu conjunto. Antes, conforme Piletti e Piletti (1997), preferiu editar leis separadas e, mesmo assim, uniformes para os diversos graus e modalidades de ensino. Em 1931 a estrutura do ensino secundário foi montada em dois graus, com duração total desete anos. Instituiu-se um curso fundamental de cinco anos, seguido de um curso complementar ou pré-universitário de dois anos. O fundamental era comum a todos e pretendia oferecer uma sólida formação geral, já o complementar tencionava adaptar os candidatos aos cursos superiores. Em Quipapá, o ensino fundamental seguia esses moldes com duração de cinco anos.

Como nos esclarece Aquino (2007), a luta pela escola pública passou a ganhar força na década de 1930, com influências da Escola Nova. Em 1932, o Manifesto dos Pioneiros exigia as mudanças que julgavam necessárias, principalmente a necessidade de se elaborar e colocar em prática um programa de reconstrução educacional de âmbito nacional.

A partir de 1939, foram abertas rodovias que ligaram a cidade de Quipapá ao Distrito de São Benedito e cidades vizinhas, facilitando as comunicações e o comércio entre elas. Favorecendo inclusive o acesso à escola aos estudantes da zona rural.

As festas escolares no Esmeraldino Bandeira, também merecem destaque. Organizadas pelas professoras, sob a coordenação da diretora, dela participavam alunos, pais e membros da comunidade. Merecem ser lembrados, ainda, os serventes Zé de Moça e Zé da Silva. Ambos iniciaram e terminaram a carreira de servidor público naquela escola. Pacientes, cuidadosos e sempre bem-humorados, cuidavam da limpeza e da arrumação das salas de aula. Outro fato curioso diz respeito a diretora do Esmeraldino, Dona Guiomar Urquiza Cavalcanti a mesma dirigiu a escola por mais de 30 anos. Natural da cidade de Bom Conselho, chegou em Quipapá ainda muito jovem, como professora primária. Aqui fincou raízes e permaneceu residindo por muitos anos.

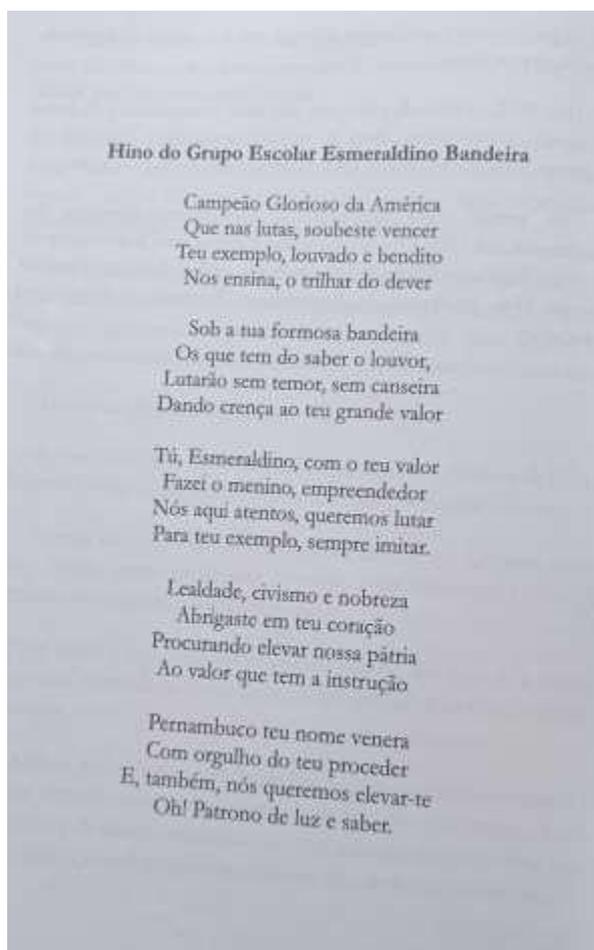
Seu amor e zelo pela escola era tão grande, que passou a morar dentro dela, privando-se do conforto, da privacidade e do silêncio de um lar comum. Alunos, pais e professores lhe dedicavam o mais absoluto respeito e quando tinham qualquer problema, mesmo de vida íntima, a ela recorriam, e lá sempre encontravam uma solução, um conselho, uma palavra amiga, ou mesmo uma advertência feita de forma carinhosa.

Aquela criatura alta, magra e frágil, era um celeiro de bondade, sabedoria e paciência. Em 1972, já cansada pelo peso dos anos e desgastada pela árdua profissão de professora, cheia de saudade, encerrou a sua brilhante carreira e foi morar em Recife, onde faleceu alguns anos mais tarde. No prédio onde funcionou o Esmeraldino Bandeira, foi implantada, em 1986, a Creche Guiomar Urquiza, uma homenagem do Prefeito Reginaldo Machado Dias e de sua mulher, Lucemar Pintode Barros Dias, ex-alunos do Esmeraldino Bandeira, à inesquecível educadora.

Não se sabe de quem é a autoria do hino do Esmeraldino Bandeira, porém, o que se sabe é que todos os dias ele era cantado antes dos estudantes se dirigirem as suas respectivas salas conforme já foi dito. Sua letra enaltece a nação brasileira e corrobora com os ideais de civismo e patriotismo da época. Ele nos auxilia a

entender o contexto histórico que nossa pesquisa percorreu até se encontrar com nosso objeto de estudo na década de 1951.

**Figura 6:**Hino do Esmeraldino Bandeira



Fonte: Livro Quipapá, dos meus tempos de Zilma Assunção

Percebe-se através da letra do hino o quanto o civismo e o patriotismo eram enaltecidos nessa época em todo Brasil e nas escolas do município de Quipapá não era diferente. Com a chegada do professor Amaro à cidade, isto se mostrou de forma mais intensa já que o mesmo era considerado um patriota.

Expressa o amor a bandeira, fala do ato de empreender e da questão da lealdade. Reforça que se deve seguir e imitar bons exemplos. Deixa claro que lealdade, civismo e nobreza são valores que andam juntos e devem ser guardados no coração.

A letra do hino finaliza descrevendo Pernambuco como um estado de destaque, orgulhoso do seu proceder, ou seja, de suas conquistas. Por isso, merece ser elevado como patrono da luz e do saber. Conhecer a letra do hino do Grupo Esmeraldino Bandeira é de suma importância para entendermos as práticas e os valores vivenciados na única escola da rede estadual do município de Quipapá onde essa pesquisa foi realizada.

Grandes transformações ocorriam no país e o “Estado Novo” terminou em 29 de outubro de 1945, com a deposição de Getúlio Vargas. Após a Assembleia Nacional Constituinte, o nosso país buscou retomar a normalidade democrática com a promulgação da Constituição de 1946.

Conforme Aquino (2007), o decreto-lei nº. 8.529, promulgado em 2 de janeiro de 1946, estrutura o ensino primário, com profunda influência do Manifesto dos Pioneiros, principalmente nos quesitos obrigatoriedade, gratuidade e descentralização. Foi nesse quadro político, que tramitou no Congresso Nacional, após a promulgação da Constituição de 1946, a tentativa de formulação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). O projeto foi remetido ao congresso em 1948, mas arquivado em 1949.

Segundo Ghiraldelli (2008, p. 90), “havia alguém bastante hábil contra ele”. Ou seja, graças aos esforços do então parlamentar Gustavo Capanema, que havia ocupado o Ministério da Educação do Governo Vargas durante o “Estado Novo”, o projeto de LDBEN foi barrado.

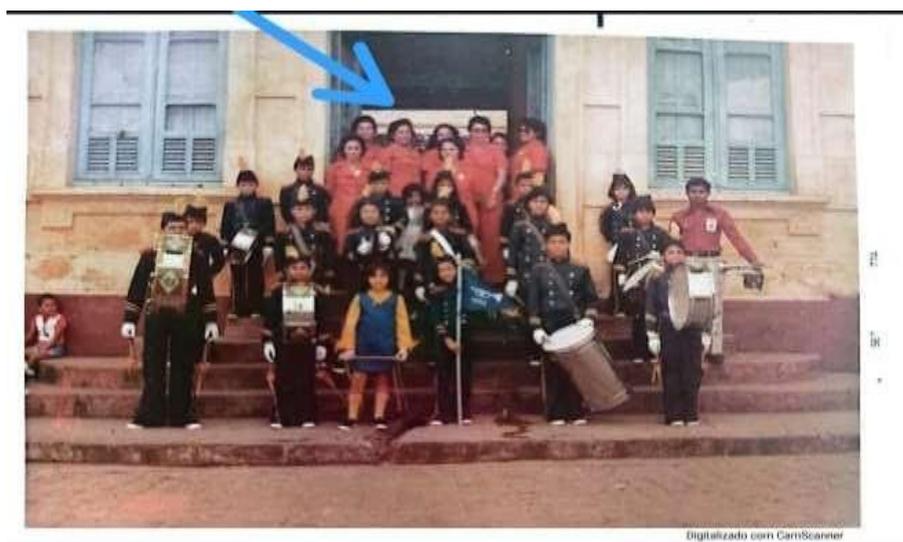
Conforme Piletti e Piletti (1997), a Lei do ensino primário, dividia a escolarização em fundamental e supletiva, destinando a primeira às crianças de 7 a 12 anos de idade e a segunda aos adolescentes e adultos maiores de 13 anos. O fundamental compreendia quatro anos do curso elementar e um do complementar, que era, no fundo, o anterior “cursinho” de adestramento para o exame de admissão ao ginásio.

Nota-se que a cidade de Quipapá, segue acompanhando esse processo evolutivo na educação. Porém, a maioria dos estudantes paravam seus estudos ao término do fundamental (antiga 4ª série) por vários motivos. Alguns optavam por trabalhar, outros por questões financeiras e uma boa parte desse alunado não conseguia ser aprovado no dito exame de admissão para o ginásio. Sem contar que

os que conseguiam esse feito, não avançavam para as séries posteriores, assim, o número de reprovação e desistência na primeira série ginásial era muito alto.

O tempo foi passando e no início da década de 1950, período em que se situa nossa pesquisa, observa-se uma acentuada melhora nesse cenário pois a cidade já possuía conforme Valença Júnior (1986), quarenta e cinco unidades escolares do ensino primário fundamental e três supletivas, um considerável avanço para um município com meio século de existência. Justamente nesse contexto, chega à Quipapá o professor Amaro Matias, transferido do seu emprego na cidade de Rio Formoso, o qual traria inúmeras contribuições para educação do município.

**Figura 7:** Desfile do Grupo Escolar Esmeraldino Bandeira (Década de 1970)



Fonte: Acervo da família Wanderley, arquivo do professor Érlon Wanderley

Esta imagem registra um dos últimos desfiles do Esmeraldino realizado em 1977. Nela estão algumas professoras da época, com destaque para a diretora Dona Nilda Wanderley e um grupo de alunos que compunham a banda marcial. Nota-se a utilização de uniformes padronizados e do visual das professoras, ressaltando o modelo padrão dos grupos escolares da época. O Grupo Escolar Esmeraldino Bandeira, transferiu suas atividades para a Escola Estadual Doutor Fernando Pessôa de Mélllo, em março de 1979, conforme a Gerência Regional de Educação da Mata Sul- GRE.

## **4- ASPECTOS DA REALIDADE DE AMARO MATIAS SILVA**

### **4.1- Quem foi Amaro Matias Silva?**

Neste capítulo, não pretendo reconstruir linearmente a vida de Amaro Matias desde o nascimento até à morte, mas sim descrever e analisar os temas, que segundo as fontes consultadas, foram mais significativos no seu cotidiano: a família, o trabalho, o estudo e a produção intelectual e sobretudo sua vocação e atuação no magistério. Vemos o quanto este personagem transitou entre as dimensões cotidiana e não cotidiana (“humano genérica”) da existência.

Tal procedimento, permitiu articular a trajetória individual de Amaro Matias com o contexto onde esta se realizou. Isto porque a vida cotidiana embora seja o espaço da ação individual, tem seus conteúdos, potencialidades e hierarquia social historicamente determinados.

Nos últimos anos, as biografias voltaram a ocupar um papel de destaque nas livrarias e na lista dos mais vendidos. É bem verdade que o gênero biográfico sempre teve um público leitor fiel, interessado nas particularidades das vidas dos personagens retratados e nos exemplos que eles poderiam oferecer. Em entrevista ao Portal Científico Café História, o professor Alexandre Avelar da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), referência no tema biografia, enfatiza que apesar dos “historiadores terem demonstrado, não poucas vezes, fortes desconfianças em relação à biografia, eles jamais deixaram de se interessar pelo papel do indivíduo na História” (AVELAR; SCHMIDT, 2017), até porque não existe uma biografia que não seja histórica, pois seria impossível narrar a vida de um indivíduo sem o recurso de algum ordenamento temporal.

Curiosamente, na mesma entrevista ao portal acima citado, o professor Benito Schmidt da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), outra referência no tema, faz-nos refletir com mais clareza no assunto ao dizer que não existem biografias “completas” ou “definitivas”, mas possibilidades interpretativas sobre o passado, determinadas por locais específicos de produção. É por esse viés que pretendemos narrar alguns fatos ocorridos na história da educação no município de Quipapá, com foco na biografia do professor Amaro Matias, personagem que viveu em um determinado momento histórico.

Apesar de focar o personagem a partir de diversos ângulos: o Amaro pai de família, o Amaro agente de estatística do IBGE, cultor de heráldica e defensor do tupi-guarani, me deterei com maior afinco no Amaro professor como anteriormente já havia dito. Tais facetas emergiram e foram vividas ao menos inicialmente, no cotidiano, espaço onde o homem joga todas as suas potencialidades, sem desenvolvê-las integralmente (o “homem inteiro”).

Qual seria a importância de biografar alguém não tão conhecido nos dias de hoje e que por sinal já não está entre nós? Refletindo nesse ponto temos diante nós o seguinte problema de pesquisa: Quais as contribuições do professor Amaro Matias um homem negro na educação do município de Quipapá?

Tenciono apresentar um personagem que exerceu um papel na área educacional, homem de sobrenome comum, Matias, que atuou na educação do município de Quipapá, que propôs e fez a diferença sendo por isso até os nossos dias lembrado e estudado. Pelo legado deixado merece ser reconhecido pela nossa ciência histórica através de um estudo biográfico.

Geralmente, vemos trabalhos biográficos acerca de grandes homens e mulheres, pessoas que são reconhecidas em determinada área. Embora o professor Amaro fosse admirado por boa parte dos seus conterrâneos, é pouco reconhecido pela maioria da população quipapaense dos dias atuais. Por que vale a pena conhecer a sua vida, a sua trajetória? O que as pessoas poderiam aprender com seus ensinamentos, suas percepções, opiniões, estudos e coisas da vida?

Segundo Souza, E. F. (2020a, p. 26), “uma vida, seja ela qual for, a de um analfabeto, grande intelectual, empresário ou celebridade, é sempre única.” E é por esse viés que esse estudo se justifica pela própria natureza do método biográfico. Algo único, de caráter singular e que possibilita falar de uma experiência pessoal de uma forma científica.

Mais do que narrar sobre pessoas, ambientes ou períodos, o importante numa biografia é apresentar as escolhas, as ações dos personagens, pois só assim se colabora na construção de uma identidade subjetiva. Dessa forma, a partir das reflexões de Alcântara (2020), observa-se o quanto a biografia tem trazido consigo esse caráter didático-social.

O professor Amaro orgulhava-se de sua origem e cor, sobre isso fez questão de registrar em seu livro de memória o quanto era feliz sendo negro, sem nenhum receio de expor sua identidade:

Sou negro vindo ao mundo bem nutrido. Nascido em um lar singelo, mas aconchegante, na cidade de Água Preta, na Mata Sul do estado de Pernambuco no dia 21 de fevereiro de 1922. Sou genuinamente pernambucano da zona canavieira. (SILVA, 1992, p. 15).

Vemos na fala do professor sua autodeclaração de cor e percebemos amaneira como o mesmo expõe sua origem, revelando sua identidade ligada aos aspectos étnicos e regionais.

Assim, este estudo contribui para a produção científica sobre a temática biografia a qual tem levado muitos pesquisadores a adentrar nessa área. Também é uma oportunidade de voltar ao passado e ver o quanto o professor Amaro conseguiu fazer por outros indivíduos em seu processo de mudança e aquisição do conhecimento, atuando na educação básica e no Ensino Superior, com destaque para a educação básica foco de nossa pesquisa.

Amaro Matias não viveu apenas os seus papéis cotidianos, mas também conseguiu, muitas vezes, sobretudo através da práxis social, suspender a heterogeneidade inerente ao dia a dia e obter uma visão mais ampla sobre a sua época (O “inteiramente homem”). Isto aconteceu, principalmente, porque, em diversos momentos de sua trajetória, ele concentrou todas as energias num ideal: a educação, a cuja causa se devotaria com corpo e alma. E fazia questão de dizer: “Tudo quanto vale ser feito vale ser bem feito”<sup>5</sup>. Assim tirava, não raras vezes, das fraquezas forças para um trabalho a ser executado, um escrito ou uma aula, uma palestra ou um discurso sob diversos temas dados.

Foi um educador de gerações, por onde transitou deixou marcas em seus alunos. Tendo sido lembrado por grande parte deles, os quais faziam questão de continuar mantendo contato e o homenageando sempre que podiam. Essas homenagens em forma de carta, cartão ou mensagem faziam parte do seu arquivo pessoal e algumas delas estão no seu livro de memórias “Meus Caminhos”, onde o mesmo narra sua autobiografia.

---

<sup>5</sup>*Expressão sempre usada por Amaro Matias.*

Segundo Avelar (2017, apud ALCÂNTARA, 2020, p. 809), espera-se de uma “biografia a comprovação documental da descrição da vida do personagem e o seu registro em quadros contextuais que o localizem, emprestando sentido às suas ações e feitos”. Assim o sujeito histórico está inserido no mundo, bem como o mundo está presente em sua experiência individual. Por essa razão, alinhei a essa escrita, à pesquisa documental por entender que existe a necessidade de mostrar algumas evidências e assim validar ainda mais o presente estudo.

As reflexões levadas a cabo pelo professor Amaro Matias, e que nasceram das experiências de sua vida diária, escaparam do automatismo destas mesmas experiências e permitiram a sua elevação ao nível humano-genérico<sup>6</sup>. Tal processo não implicou o rompimento com o cotidiano e sim a possibilidade de vivê-lo de forma mais criativa e livre. Afinal, estas objetivações humano-genéricas não nascem no vazio, mas partem das práticas e representações do dia a dia.

Na década de 1920, após o fim da Primeira Guerra Mundial, como bem atesta Ghiraldelli (2008), o mundo conheceu o início da emergência dos Estados Unidos da América como potência mundial, roubando o posto até então ocupado pela Inglaterra no cenário internacional. Nós, brasileiros, tínhamos até então como credores os ingleses, mas logo passamos a ter como tais também os norte-americanos (GHIRALDELLI, 2008). Nesse contexto, surgiu entre alguns grupos de intelectuais brasileiros, a ideia de “republicanização da República”. Era como se, após duas décadas de República, as promessas governamentais de criar um Brasil diferente daquele que existiu sob o Império não tivessem sido realizadas. No campo da educação tínhamos um dado em favor dessa reclamação.

Em 1920, 75% ou mais de nossa população em idade escolar era analfabeta. Para os olhos de alguns grupos, era como se a República não tivesse de fato tornado a “coisa pública” algo realmente público; no caso, o ensino público não aparecia como uma prioridade. (GHIRALDELLI, 2008, p. 17).

Corroborando com a informação acima Hilsdorf (2003 p. 71), esclarece que em 1920 existiam 6 milhões de jovens em idade de receber instrução secundária, mas somente, 52 mil estavam matriculados, sendo que três quartos deles em

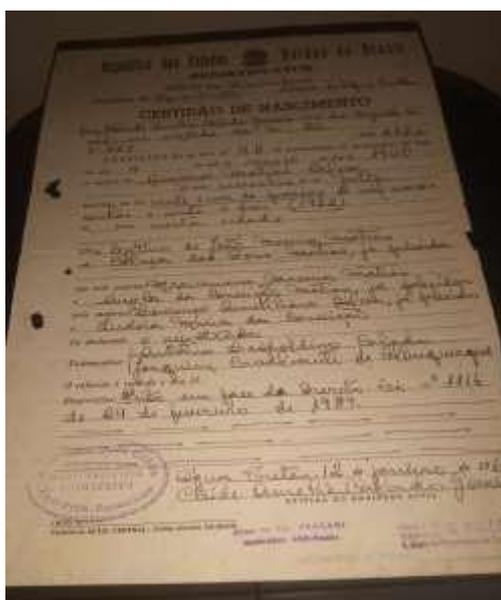
---

<sup>6</sup>Se analisarmos o ser humano sobre os aspectos biológicos, psíquicos e sociais pode-se afirmar que ele é um ser genérico, pois ele é um animal, racional, bípede, que fala e pensa.

instituições particulares. Vale lembrar que nesse tempo, os comunistas aqui no Brasil assumem a vanguarda da esquerda operária e dois anos depois, ou seja, em 1922, organizam um partido que apresenta alguns princípios de política educacional. Entre esses princípios estavam o apoio a escola pública e melhoria das condições de trabalho do professor. Esse grupo também defendia a escola unitária sem divisão em ensino profissionalizante e intelectual.

É nesse cenário, que chega ao mundo o personagem central de nossa pesquisa. Amaro Matias Silva, filho do Sr. João Macena Matias e da Sra. Colaça das Dores Matias, nasceu em Água Preta, Zona da Mata Setentrional de Pernambuco, no dia 21 de fevereiro de 1922.

**Figura 8** - Certidão de Nascimento de Amaro Matias



Fonte: Acervo da família, arquivo da filha Irene Matias

Como o leitor pode perceber, essa é a certidão de nascimento do professor Amaro Matias Silva, expedida pela oficiala do registro civil Cleide Amélia Calado Gomes do cartório em Água Preta no dia 12 de janeiro de 1962. Nela consta o nome dos pais, dos avós paternos e maternos e das testemunhas. A mesma foi solicitada pelo próprio professor Amaro, portanto trata-se de uma segunda via do documento.

É bom lembrar que durante muito tempo, a população negra brasileira não teve acesso à educação escolar porque se acreditava que eles poderiam ameaçar a

estabilidade escravista, baseado no perigo que a educação poderia causar ao se trabalhar a intelectualidade dos negros e também porque estes poderiam contaminar os brancos com costumes de um povo “bárbaro, incivilizado e primitivo” (CUNHA, 1999, p.59).

Assim, conforme Silva (2009), até 1837 os negros eram terminantemente proibidos de frequentar os estabelecimentos de ensino. A educação escolar só deixa de ser uma ameaça e passa a ser um fator de “desenvolvimento” após a aprovação da lei do ventre livre em 1871, quando surge uma educação considerada “moderna na época” e que deveria se estender também aos negros. E assim, os anos se passaram e a educação chegou a cidade de Água Preta, sendo bem recebida pela família Matias, uma família predominantemente negra.

Amaro realizou seus primeiros estudos na Escola Paroquial Pe. Francisco Geraedts no município de nascimento. Sua ânsia pelo saber fez o buscar instrução bem cedo, para ele era gostoso ir às aulas! Amava os estudos e tudo o que era bom e bonito. Admirava a elegância e o belo sempre foi seu fraco. Seu curso Primário foi feito com distinção, provas escritas e orais, na presença dos professores, pais e convidados. Questões com respostas subjetivas para um aluno regular ansioso para aprender.

Como bons católicos que eram, seus pais colocaram-no na escola primária e no catecismo, no preparo à 1ª Eucaristia cuja preparação era difícil com provas à altura da celebração. Sobre isso, ele mesmo compartilhou em seu livro de memórias intitulado *Meus Caminhos* dizendo que nessa época muito aprendeu. Orações e cantos faziam parte da sua vida, logo, a festa religiosa, em sua visão, não era como a de hoje, um encontro social sem consequências duradouras. Aos nove anos, estava preparado. Ainda frequentou o catecismo por mais dois anos participando de concursos sobre religiosidade, conseguindo prêmios. Foi coroinha ajudando missa em latim e canto gregoriano.

Conforme Hilsdorf (2003), o novo estado que se instalara no país em 1930 necessitava que a educação escolar concorresse para promover esses valores atribuídos à família, à religião, à pátria e ao trabalho, que já circulavam desde os anos 20, para serem aceitos nacionalmente por toda sociedade, como bases de uma

nação moderna. A primeira escola frequentada por Amaro Matias, seguia esses princípios.

Diante do exposto à questão que se coloca é, servindo à nação, a educação servia ao estado instituidor da nação. Assim as linhas ideológicas que definem a política educacional desse período vão se orientando pelas matrizes instituintes do Estado Novo: centralização, autoritarismo, nacionalização e modernização.

O cotidiano do personagem em Água Preta parece ter se caracterizado pela alegria e pelas ilusões típicas da mocidade, época na qual apesar da simplicidade do lar, “tudo lhe sorria: amor, carícias e ventura, para buscar o desconhecido”.

Amaro Matias chega à adolescência e com ela vêm os fogachos de vontade, os ímpetos da idade, mas o espírito gregário sempre o acompanhou o destacando entre os jovens com os quais convivia. A vontade de vencer era grande, via ricos indo estudar na capital ou em Garanhuns. Foi eleito porta-bandeira do ano de conclusão do Curso Primário (hoje o 5º ano) e conduziu orgulhosamente o pavilhão nacional. Este feito está entre os fatos de imorredoura lembrança em sua vida.

**Figura 9:** Amaro Matias na adolescência (15 anos)



Fonte: Acervo da família, arquivo da filha Irene Matias

Na fotografia acima vemos o jovem Amaro Matias em plena adolescência, aos 15 anos de idade, vestido com a farda da escola, uma blusa branca de mangas compridas, um ar de seriedade, alguns livros na mão, demonstrando o quanto era estudioso e amante da cultura e do saber. Nessa época, o mesmo residia em sua cidade natal Água Preta e frequentava a escola regularmente junto com suas irmãs.

Aos 17 anos, apenas com o ensino primário, torna-se professor por obra e graça de alguns amigos como ele mesmo retrata em uma de suas obras:

Tornei-me professor por obra e graça de amigos crentes de meu poder de comunicação e base estrutural. Tomei as rédeas, dediquei-me inteiramente a arte de ensinar, buscando mais conhecimento para a luta contra a ignorância, descoberta a vocação com o poder de transmitir as lições ensinadas, motivando educandos. (SILVA, 1992, p. 21).

Foi assim mesmo que aconteceu conforme o registro acima, depois de passar uma temporada longe de casa no município de Palmares, o jovem Amaro retorna ao lar e ao chegar tem uma grande surpresa. Alguns amigos prepararam uma sala, colocaram alguns utensílios e a entregaram a Amaro Matias. Na entrega foram enfáticos em dizer que seus filhos seriam alunos dele e que bastava ele ensinar o que sabia. Foi assim que ele iniciou sua carreira no magistério.

No ano de 1940 entra na juventude alegre e disposto, ensinando e cheio de responsabilidade no auge dos seus 18 anos. No segundo semestre do referido ano, abrem-se inscrições para candidatos a agente recenseador para o IV Recenseamento Geral do Brasil. O jovem Amaro se inscreve e ao sair o resultado obtém a 1ª colocação. Disposto a trabalhar para apresentar o retrato do Brasil de corpo inteiro assume o cargo e realiza um trabalho muito bom. Concluído o censo, foi chamado a ensinar no engenho Canoa Grande da família Souza Leão a filhos de parente do Barão de igual nome na zona rural de Água Preta. Para lá se mudou, o ano era 1941, solteiro, alojado no quarto de hóspede da casa grande lá permaneceu até casar-se no ano seguinte, pois já era noivo.

No Brasil, se vivenciava o período chamado Estado Novo (1937-1945), Getúlio Vargas, que havia se tornado Presidente da República pelo resultado da votação de 1934, logo depois, em 1937, tornou-se ditador através de um golpe militar. Segundo Ghiraldelli (2008), nasceu aquilo que o próprio Getúlio denominou “Estado Novo”, com outra constituição – esta, então, feita por um homem só, Francisco Campos. Nos anos 40, como bem esclarece Santos e Chaloba (2020), o

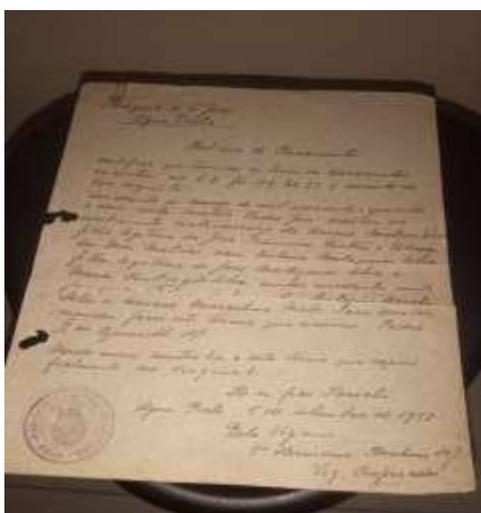
estado de Pernambuco vivia sob um projeto educacional alinhado com o discurso político do Estado Novo, baseado no nacionalismo e no trabalho. Seguindo esses princípios e ancorado nesses fundamentos o professor Matias ministrava suas aulas no Engenho Canoa Grande da família Souza Leão, conforme citado anteriormente. Sobre esse fato Silva (1992, p.31), conta como foram esses dias:

Lecionei aos 4 filhos menores do casal Celina e Estácio Souza Leão, bem como a moradores e seus filhos em dois depois três turnos – com relutância e certa desaprovação dos proprietários. Para eles levar luz aos rurícolas seria prejudicial. Mesmo assim, insistir em democratizar o ensino para todos. (SILVA, 1992, p.31),

Em três anos o professor Amaro deixou os dois filhos mais velhos da casa prontos para prestarem o exame de Admissão ao Ginásio em consonância com exigências legais.

Após o casamento, Amaro ficou residindo no engenho onde lecionava. Sobre esse fato, Silva (1992), conta que cresceu seu prestígio porque naquele tempo professor solteiro era observado dentro do lema: “Professor deve ser casado”. Ali, nas horas vagas, aplicava até injeções na vizinhança. A confiança de todos era grande. Segundo Delory-Momberger (2016), as experiências que vivemos atravessam um grande número de espaços sociais e de campos institucionais incluindo a família. Assim o mestre Amaro vivia cada instante de sua vida como momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, história de uma vida.

**Figura 10** - Certidão de Casamento Religioso



Fonte: Acervo da família, arquivo da filha Irene Matias

O documento foi emitido pela paróquia de São José na cidade de Água Preta, convém lembrar que nessa época o casamento religioso tinha mais credibilidade e prestígio do que o casamento civil conforme o relato de pessoas que viveram nesse período específico. Por essa razão, casava-se primeiro na igreja e só depois iam ao cartório oficializar o casamento civil, foi assim com nosso biografado e sua esposa Dona Eulina Malaquias.

O dia do casamento ficou marcado na memória do professor Matias o qual chegou a dizer: — “Nunca esquecerei esse dia!”. Usando sua roupagem de poeta, compôs uma bela poesia que depois foi introduzida em seu livro Meus Caminhos, celebrando essa ocasião memorável. O momento é retratado da seguinte forma:

#### **MEU ENLACE**

Nunca esquecerei do meu enlace  
ah, hei de lembrá-lo docemente  
o dia amanheceu risonho  
para mim parecia 'té um sonho  
para casar-me estava contente.

Afinal, às 5 horas da tarde  
já o povo se impacientava  
aglomerado para assistir  
onde nem eu pude distinguir  
alguém que ali no meio estava.

Crepúsculo vespertino  
o sol todo luminoso  
iluminava meus sonhos  
para mim todos risonhos  
que me sentia radioso.

Da hora séria  
aproximamos  
todos queriam  
pois assistiam  
todos recamos

As luzes iluminaram  
o templo assim que chegamos  
do recanto nupcial  
com sua resposta ideal  
ao ministro logo falamos

Co' a minha Eva mui querida  
saí do templo entrelaçado...  
Recordava como o Cupido  
minara a nós bem resolvido  
tornar um casal acertado.

Bailamos por duas noites inteiras.

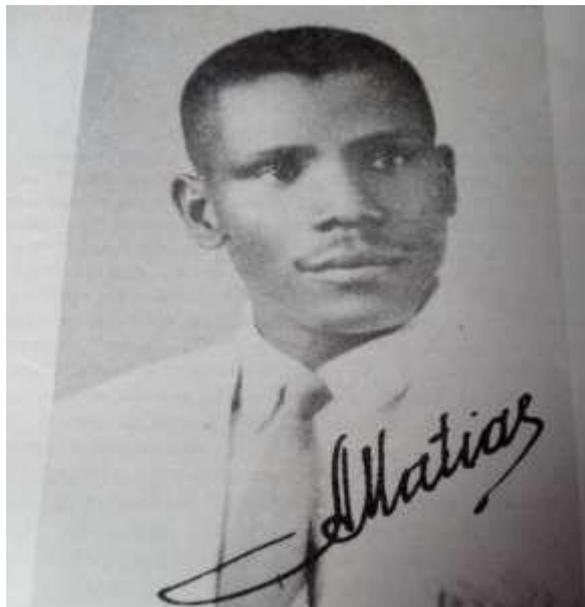
Houve adeus e saída à granel  
de muitos lugares distantes  
enfim começamos confiantes  
nossa almejada - Lua de Mel.  
Mar/42(SILVA, 1992, p.33)

De Canoa Grande o professor Amaro foi contratado para o Engenho Piranji de propriedade dos Bezerra Cavalcanti parentes do Barão de Suaçuna. Ali a criançada era diferente. Meninos nutridos, sem medo de vento ou de chuva, correndo molhados nas imediações do estábulo e a tomarem banho no canal que fazia moer o engenho na fabricação de aguardente. Os trabalhadores pagavam uma taxa e tinham direito a remédios e escola. Tudo bem organizado.

O Sr. Aurino Cavalcanti, filho do proprietário, posseiro de muitas letras, ex-professor, ex-acadêmico de Direito dava força à Educação e via feliz seus sobrinhos aprendendo sob as ordens do professor Amaro. Eram eles: Airton, Lindaura, Luiz Carlos, Gilberto, Maria José e Joel, todos obedeciam às normas estabelecidas. Somente a Lindaura deu um pouco de trabalho pois menina-moça era vaidosa e travessa. Nesse engenho de fato a educação era vista com bons olhos e o progresso nessa área era visível.

Segundo Silva (1992), ali pelas mãos do professor Matias foi fundado um pelotão da saúde, depois o Grêmio Littero-Recreativo com eleições diretas e intercâmbio escolar com todo o estado. O destaque também foi o ensino Supletivo para adolescentes e adultos a nível estadual com 90% de aprovação nos exames. Isto fez com que a escola de Piranji recebesse muitos elogios. No pelotão da saúde os associados eram ensinados a cultuarem hábitos sadios físicos e mentais por estímulo individual e emulação coletiva. Do Engenho os alunos foram desfilar na cidade era dia 7 de setembro. Depois participaram dos 300 anos da 1ª batalha dos Guararapes em mais um desfile na cidade. Neste tempo, o nosso personagem estava em plena juventude aos 25 anos de idade.

**Figura 11:** Amaro Matias em 1947 aos 25 anos



Fonte: Livro Meus Caminhos, de autoria de Amaro Matias

Na imagem acima vemos Amaro Matias com toda força e vigor no auge de sua juventude aos 25 anos de idade, usando terno e gravata.

No início de 1948, abre o concurso para professor do Ensino Supletivo, implantado no Governo do Gen. Dutra a nível estadual. Amaro Matias faz sua inscrição. As provas foram bem concorridas, disputadas entre candidatos da capital e do interior onde os primeiros se achavam superiores e autossuficientes em relação aos segundos, classificados como simples estudiosos. O resultado foi publicado no Diário Oficial no dia 29 de março de 1948 e segundo Silva (1992, p. 35), a relação apontava apenas um candidato com nota dez, portanto habilitado para o cargo. Seu nome Amaro Matias Silva.

Assim, em 1949 Amaro Matias muda-se do engenho para a cidade e assume a cadeira de professor na Escola Paroquial, onde fizera seu curso primário para alegria do Padre Francisco que o recomenda cuidar bem da referida escola. O governo municipal cria o cargo de Inspetor Escolar para fiscalizar e ajustar o ensino em seus domínios e nomeia Amaro Matias para preencher o dito cargo. Na escola paroquial se repetiu o sucesso de Piranji e foi criado o clube da saúde entre os estudantes. Como Inspetor Escolar do Ensino Municipal, presidiu exames na cidade e no interior – vilas, povoados, sítios e engenhos.

Vale salientar que no segundo semestre do ano anterior (1948), Amaro Matias também se submeteu ao concurso para Agente de Estatística do IBGE, que era, a princípio, um misto do serviço público Federal e Municipal. Dado o resultado no Diário Oficial passou entre os primeiros vinte colocados dos 600 aprovados. Foi chamado em janeiro de 1949, mas conforme Silva (1992, p. 34), protelou a nomeação até o fim do ano já que não estava na pindaíba conforme relata de forma humorística. Estava ocupado em dar cunho efetivo ao programa traçado sobre o Ensino Municipal por isso protelou a nomeação. Afinal, era o Inspetor Escolar de sua querida terra Água Preta.

Findou o ano como havia prometido, foi nomeado Agente de Estatística e assim, foi trabalhar noutras paragens. Aprovado no concurso federal realizado em julho de 1948 com resultado em dezembro do mesmo ano. Assumiu a Agência do Rio Formoso de paragens e sítios históricos da zona da mata sul, no dia 07 de janeiro de 1950 prestes a completar 28 anos de idade. Logo integrou-se a comunidade rio-formosense em todos os embates socioculturais.

Realizou festas juninas e esteve à frente como secretário geral dos festejos do centenário da cidade em junho de 1950. Alcançou um certo prestígio e conseguiu reestruturar o quadro funcional dos servidores públicos com padrões e referências, a referida lei foi aprovada em junho de 1951. Ali foi recebido com aplausos, sentia-se útil e recompensado. No Rio Formoso, nasceu um dos seus filhos, o Albérico José, hoje auditor do Tesouro Estadual concursado.

Amaro Matias criou e fez funcionar o Curso Anchieta, preparatório para Colégio, Marinha e Aeronáutica com 100% de aprovação dos candidatos. Além disso, preparou professoras leigas para prestarem o concurso municipal, que foi presidido por uma banca da secretaria de educação do estado. O resultado também foi 100% de aprovação das participantes, por estas ações Silva (1992, p. 48), relata que o professor Matias recebeu elogios dos órgãos municipal e estadual.

**Figura 12** - Resultado do concurso para professores



Fonte: Acervo da família, arquivo da filha  
Irene Matias

Vemos no cartaz acima, o resultado do concurso para professores no município de Rio Formoso, nele consta os nomes e as cinco fotografias das aprovadas em formato 3x4 do primeiro ao quarto lugar, percebe-se um empate na terceira colocação entre duas mulheres, também é possível ver a fotografia do professor do curso, o mestre Amaro Matias. Ele escreveu a mão usando uma caneta preta todas as informações contidas no cartaz, podemos ver que os primeiros lugares ficaram com seus alunos e assim sua fama ia crescendo cada vez mais.

Sempre distante da política partidária. Primeiro, porque numa eleição que houve em sua terra natal, Água Preta, trabalhou, subiu no palanque, argumentou e convenceu. Após os resultados da eleição, o mesmo viu até detratores sendo amparados e quanto a ele, lhe viraram as costas, nem sequer perguntaram se precisava de alguma coisa. E segundo, porque o IBGE era apolítico e ele precisava está em todas as áreas, isso exigia livre trânsito nas empresas privadas e nas redes municipal, estadual e federal para poder ampliar seu campo de atuação.

**Figura 13** - Carteira funcional do IBGE



Fonte - Acervo da Família, arquivo da filha Irene Matias

Temos através da imagem acima o comprovante de atuação do professor Amaro no IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), onde o mesmo trabalhou na função de Agente de Estatística até se aposentar. Na carteira funcional além do nome do funcionário, tem o número da matrícula, a categoria, a assinatura do presidente e uma fotografia 3x4 para identificar o funcionário.

Uma das coisas que o professor Matias não gostava era a política partidária, evitava falar sobre esse assunto pois não concordava com a forma como muitos faziam a política na sua época. Foi inclusive convidado para disputar eleições, mas nunca quis, recusou todas as propostas feitas a ele.

Conforme o depoimento do seu filho Uaci entre as coisas que o professor Matias não gostava estava a política partidária: “Papai, não gostava de bebida, não gostava de jogo e não gostava de cigarro. E odiava política. Política do jeito que está hoje. Hoje ele nem conseguiria resistir”. (SILVA, U. 2022).

De posse dessas convicções nessa área, um belo dia, para em sua frente um carrão de um certo usineiro e deputado, político de grande influência na região, o qual já havia escutado um discurso do professor numa cerimônia de inauguração. O motorista traz um recado do usineiro dizendo que o mesmo queria falar com Amaro Matias.

Ao chegar até o local o deputado foi direto ao assunto, convidando o professor para aceitar administrar Tamandaré, que naquela época era apenas um distrito, sendo o candidato do seu partido. E ainda perguntou quanto ele queria em

dinheiro para assumir tal função, pois não queria que outra pessoa que também tinha interesse, mas era de outro partido político se apropriasse do local.

E assim, começa a via sacra de Amaro, expondo seus motivos para não aceitar a proposta, primeiro falou que não tinha prestígio para tal cargo, o deputado retrucou que ele Amaro, tinha mais prestígio que muita gente que morava ali há mais de cinquenta anos. Depois colocou seu trabalho no IBGE, como sendo incompatível com as atribuições políticas. O usineiro disse que isso não era problema, se caso ele aceitasse saberia como resolver tal questão.

Segundo Silva (1992), foram estas as palavras do deputado dirigidas ao professor Amaro Matias: “Quero desbancar aquele tenentinho que quer formar aqui o PSP ou você nos ajuda ou está contra nós”. (SILVA, 1992, p. 50). Diante de tais palavras, Amaro não se intimidou, disse que normas, são normas e no IBGE era assim, não podia se envolver com política e ainda reforçou que não tinha talento nem jeito para coisa. Se despediu, deixou a sala e retornou para casa no mesmo carrão que o havia trazido.

Em casa, começou a matutar no acontecido. Mesmo sabendo que o seu cargo era do âmbito federal, sabia do jeitinho maroto brasileiro dos que estão no poder e como eles agem para conquistar o que querem, muitas vezes de forma desonesta para manter o seu status quo. Havia inclusive chegado ao seu conhecimento a fala de alguém que almejava tal convite e não recebeu, dizendo que queria, mas não lhe deram, preferiram dar a outro que o recusou e foi até hostil com o ofertante.

Foi justamente por não querer assumir nenhum cargo na esfera política que em meados do ano seguinte o professor Matias, diante da pressão recebida e muito desgostoso pediu sua transferência para Quipapá por não aceitar ser um político partidário. De lá saiu com a mulher e quatro filhos – Irene Dulce, Odete Gilda, Uaci Edvaldo e o Albérico José. O IBGE e a comunidade em geral lamentaram seu pedido de transferência.

A família de Amaro Matias, pode então, ser caracterizada, sem maiores variações, da seguinte forma: nuclear, monogâmica, marcada pela afetividade entre os cônjuges e entre pais e filhos e pela dominação patriarcal. Amaro não rompe com o modelo dominante de família no seu cotidiano. Este possuía um grande poder simbólico, valorativo e normativo, orientando as ações públicas e privadas do professor e de boa parte dos seus contemporâneos.

Concluindo, penso que a família foi um dos conteúdos centrais do cotidiano do professor Matias, caracterizando-se sobretudo pela permanência da sua forma de organização e dos valores a ela subjacentes conforme podemos ver na imagem abaixo.

**Figura 14** - Comemoração das bodas de prata



Fonte: Acervo da Família, arquivo da filha Irene Matias

Na imagem, podemos perceber o quanto a família era importante para Amaro Matias. No registro se observa o casal e seus filhos comemorando bodas de prata no ano de 1967.

Essa fotografia pertence a filha do casal Irene Matias, nela podemos ver a alegria estampada no rosto do professor Amaro nesta ocasião. Vemos as filhas do casal juntamente com a mãe todas vestindo roupas na cor branca e com os cabelos curtos seguindo a moda da época.

Os filhos vestem calça e camisa social, enquanto o pai o professor Matias veste terno e gravata. Na mesa vemos pratos, copos, talheres e algumas bebidas tudo devidamente arrumado com muito cuidado e esmero.

#### 4.2 - O estudo e a produção intelectual

Amaro Matias sempre manifestou uma intensa curiosidade intelectual. Era um amante dos livros, afoito por desvendar diferentes campos do conhecimento. Deve-se ressaltar que o estudo e a criação teórica e literária não eram atividades dissociadas do dia-a-dia do professor Matias. Ao contrário, as experiências e

incidentes da vida diária serviam muitas vezes, como pontos de partida para esta criação que, num processo de feed-back, repercutia no seu cotidiano. Sobre isso ele mesmo nos atesta que “crescia robusto e folgazão, não deixando os livros e, às aulas era pontual e assíduo, dentro destes parâmetros crescia sócio-culturalmente também”. (Silva, 1992, p. 16). Por outro lado, o estudo também lhe permitiu adquirir uma percepção mais ampla sobre a sociedade em que vivia, constituindo-se numa via de elevação da cotidianidade.

Realizou seus primeiros estudos na Escola Paroquial do Pe. Francisco Geraedts no município de Água Preta. Sua ânsia pelo saber fê-lo buscar instrução universitária, obtendo graduação nos Cursos de Ciências naturais, Letras, Ciências Sociais, Jornalismo, Estatística e Ciências Jurídicas (Direito). Todos os seus filhos: Irene Dulce, Odete Gilda, Uaci Edvaldo, Albérico José, Iraci Dalva, Edna Lúcia, Ivone Célia e Ezilda Luci tem formação acadêmica, seguindo o exemplo do pai.

**Figura 15** - Placa de formatura de Irene Matias



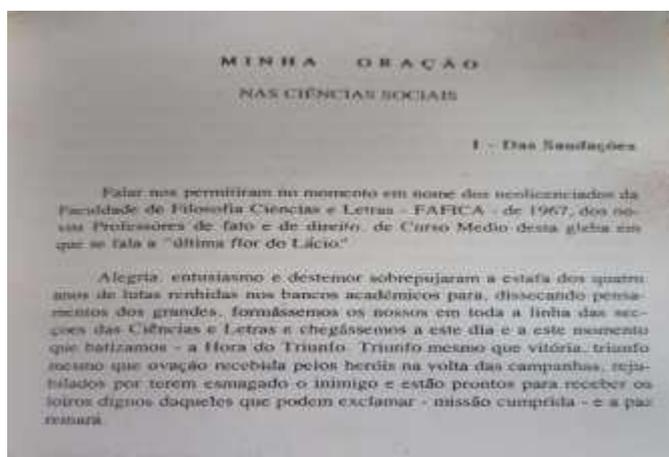
Fonte: Acervo da família, arquivo da filha Irene Matias

Na placa de formatura de Irene Matias, uma das filhas do professor Amaro Matias, feita de papel, revestida de acrílico e com base de pedra podemos ver na parte de cima o nome da faculdade e o ano letivo. Logo abaixo visualizamos o nome da turma seguido dos nomes dos paraninfo, patrono e orador. Nela também constamos nomes dos representantes das turmas, dos homenageados e dos formandos.

Um detalhe muito importante, nos chama atenção, enquanto Irene comemorava sua formatura no curso de Pedagogia, seu pai, o professor Amaro Matias, também se formava neste mesmo dia no curso de Ciências sociais. Inclusive foi o orador dos três cursos que estavam na solenidade (Letras, Ciências Sociais e Pedagogia) conforme consta na placa acima.

Segue parte do discurso proferido pelo professor Matias na FAFICA (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru) neste dito dia.

**Figura 16** - Discurso de formatura do professor Amaro Matias



Fonte: Livro Meus caminhos, de autoria de Amaro Matias

Se percebe claramente na introdução deste discurso o quanto Amaro Matias estava feliz neste dia e o quanto isso representava para ele, a tal ponto de batizá-lo como o dia do triunfo. No início da sua fala ele cita a frase: "A última flor do Lácio", fazendo referência ao poeta Olavo Bilac autor da mesma. Relata que a alegria, o entusiasmo e a coragem dos formandos, foram mais fortes que o processo enfadonho dos quatro anos do curso. Mas agora a missão havia sido cumprida e estavam prontos para receber os louros da vitória.

Filósofo, sociólogo, estatístico, advogado, jornalista, escritor, poeta, pesquisador social, cultor de heráldica, autor de três dezenas de brasões e

bandeiras de escolas, colégios, faculdades e municípios – autor inclusive da bandeira e do brasão de Quipapá, os quais exporemos logo abaixo.

**Figura 17** - Bandeira de Quipapá



Fonte: Portal Quipapá -  
[www.instagram.com/portalquipapa](http://www.instagram.com/portalquipapa)

A Bandeira de Quipapá idealizada pelo professor Amaro Matias, foi oficialmente criada em 1972. Tem o formato da bandeira brasileira, com o azul substituindo o verde, já o branco substituiu o amarelo. Exibe ainda os seguintes elementos simbólicos: Uma corrente partida, que representa os sonhos de liberdade do Quilombo dos Palmares; um arco e uma flecha, simbolizando o elemento indígena, que foi o primeiro habitante da região, a constelação do cruzeiro do sul, lembrando que Quipapá nasceu sob o símbolo da cruz e as cores azul e branca, homenageando os heróis pernambucanos da Revolução Republicana de 1817.

**Figura 18** - Brasão de Quipapá



Fonte: Portal Quipapá -  
[www.instagram.com/portalquipapa](http://www.instagram.com/portalquipapa)

Como já foi dito o Brasão de Quipapá, também foi idealizado pelo professor Amaro Matias e foi oficialmente criado em 1984. Tem o formato do Brasão do Império do Brasil, apresentando um fundo azul cruzado por duas faixas amarelas

que se encontram no extremo norte do Brasão. O fundo azul representa o céu que cobre o torrão quipapaense, enquanto as duas faixas amarelas simbolizam as rodovias e ferrovias que cortam o Município. Exibe ainda os seguintes elementos simbólicos: a constelação do cruzeiro do sul, também presente na bandeira, lembra que a cidade nasceu sob o símbolo da cruz, um arco e uma flecha, simbolizando o elemento indígena, que foi o primeiro habitante da região, uma corrente partida, representando o sonho de liberdade do Quilombo dos Palmares, três flores de lis, simbolizando o negro, o índio e o branco, os três elementos étnicos que formaram a população de Quipapá, a cana-de-açúcar indica a histórica predominância da lavoura canavieira na economia do município e a chama acesa sobre o Brasão representa o fogo simbólico da pátria que cruzou o município em 1972, na comemoração do sesquicentenário da independência do Brasil.

Professor Matias, como se tornou conhecido por fazer questão de ostentar este título, iniciou sua vida profissional como mestre-escola do Ensino Fundamental (1º e 2º graus), logo passando ao Ensino Universitário. Lecionou Português, Inglês, História, Estatística, Organização Social e Política do Brasil, Educação Moral e Cívica, Relações Interpessoais e Públicas, Sociologia e Ciências Naturais bem como Oratória e Retórica para Advogados.

Embora faltem dados mais precisos, é possível pensar que o cotidiano do “Amaro-professor” era mais livre do que o do “Amaro- Agente de estatística do IBGE”. A primeira função lhe possibilita um espaço maior para a criação, para os estudos para a difusão dos seus ideais e, também lhe conferia o reconhecimento da comunidade.

O personagem atuou também como cultor de heráldica, advogado e jornalista. Foi articulista do Diário de Pernambuco, Jornal do Comércio, por cerca de sete anos (1950-1957) e Vanguarda de Caruaru. A luta pela vida ocupava uma parte significativa do seu dia a dia, mas o trabalho serviu como um referencial de conduta para ele e para os que o cercavam. Queremos fazer notória também sua atuação como advogado junto aos sindicatos dos trabalhadores rurais sendo um dos pioneiros nessa área.

**Figura 19** - Carteira funcional de advogado



Fonte: Acervo da família, arquivo da filha Irene Matias

Na sua carteira funcional de advogado, podemos visualizar as seguintes informações: o órgão ao qual está credenciado, nesse caso é a ordem dos advogados do Brasil, o estado da federação, os nomes dos pais, data de nascimento, numeração e assinatura do presidente. A mesma é feita de papelcartão, foi plastificada, tem a logomarca da república federativa e no centro tem em letras grandes na cor vermelha o nome advogado.

Foi o primeiro advogado dos sindicatos dos trabalhadores rurais nos municípios de Caruaru, Cachoeirinha e Panelas a apaziguar litígios “in loco” reconhecido a dar bons conselhos ao repartir terras de espólios.

Por ser negro, sofreu discriminação que era logo superada quando, com um sorriso, iniciava sua fala, deixando estarecida qualquer plateia diante do português castiço e das quadrinhas que recitava no intuito de descontrair o público. E assim seguia na lida pois ser negro para ele era sinônimo de orgulho e deixava isso bem claro na sua fala. Certa ocasião foi indagado se não gostaria de ter nascido branco ao que ele retrucou: “sou negro orgulhosamente e quero meu espaço nesta nação que meus ancestrais ajudaram a construir com suor e sangue”. (SILVA, 1992, p. 30).

Preconceito e discriminação eram temas que o professor Amaro não dava muita atenção ou se dava não demonstrava, isso não significa dizer que não tenha sentido isso na pele conforme já foi citado. Sobre essa questão um dos seus filhos nos traz a seguinte informação:

Papai tem uma história que foge do roteiro da maioria dos negros de sua época. Meu pai foi autodidata, começou bem cedo no catecismo e ao concluir foi logo convidado pelo Padre Francisco Geraedts para ensinar outras crianças, sendo ele também uma delas. Iniciou ministrando suas aulas de catequese aos dez anos de idade. (SILVA, U., 2022).

Conforme o relato de Uaci Matias, o Padre Francisco Geraedts era de origem holandesa e atuava como pároco na cidade de Água Preta. Era um sacerdote de muito prestígio perante a comunidade católica. O catolicismo era muito forte nessa época e ao ser escolhido pelo próprio padre para dar aulas de catecismo o menino Amaro passou a ser uma espécie de referência para crianças e adolescentes. Somado a isso aos dezoito anos recebe o convite para ensinar aos filhos de alguns senhores de engenho da região entre eles os da família Souza Leão, gente muito influente e rica na região. Por esse motivo passaram a tratar o jovem Amaro, já professor na época, de forma diferenciada mesmo sendo negro. Conforme nos relata seu filho no depoimento que se segue: “Não era qualquer um que podia chamar: — Vem cá negão! ou -Sai pra lá negão! Diziam logo, ele é protegido pela família Souza Leão, ele é respeitado na igreja”. (SILVA, U., 2022). Diante do exposto vemos que Amaro Matias não sofreu esse tipo de preconceito, mas eles vieram sim, com outras roupagens como contarei mais adiante.

Certa vez no município de Palmares ao ser convidado para um evento no Ginásio Municipal alguém proferiu a seguinte frase: — Aí está o professor Matias, um verdadeiro negro de alma branca! Traduzindo: se fosse só negro, era nada, mas de alma branca, já é alguma coisa. Doutra feita em Caruaru um preconceituoso falou: — Se aparecessem dez Matias, nosso caminho seria bloqueado! Fazendo alusão a pele escura do professor. Amaro nunca se deixou abater pelos preconceitos sofridos na vida. Chegou achar até graça dessa última situação citada à qual retrucou:

Hoje, ainda penso como sente aquele brancoide preconceituoso por certo estabonado e medroso, ao ver meu nome no bronze de várias placas de formandos em diversos colégios. Há até colégios com 3 ou 4 anos letivos seguidos em Caruaru e na terra natal. (SILVA, A., 1992, p.184).

Recebeu 22 títulos, seis medalhas de honra ao mérito, 12 troféus e inúmeras outras honrarias, como a de fundador da Academia Caruaruense de Cultura, Ciências e Letras. Entre as suas inúmeras publicações, nas mais diversas áreas do conhecimento, destacamos uma intitulada Trabalho de Monta - a Monografia de Quipapá, publicada na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros - vol. XVIII do

IBGE/59. Neste trabalho, ele registra questões não apenas geográficas, mas também socioculturais, deixando transparecer seu carinho pela cidade. Eis logo abaixo sua coleção de placas cuidadosamente guardadas pelos familiares após sua partida.

**Figura 20** - Coleções de placas recebidas



Fonte: Acervo da família, arquivo da filha Irene Matias

A família Matias guarda cuidadosamente cada placa recebida pelo professor Amaro em vida e algumas que recebeu após sua morte. Todas datadas e conservadas dentro de suas respectivas caixas. Ao todo são vinte e duas placas guardadas em pequenas caixas nas cores azul claro e azul escuro, datadas de 1981 até 2007. Dentro delas homenagens de diversas instituições às quais o professor Matias prestou algum tipo de serviço ou contribuiu em uma determinada área.

Publicou oito livros, entre os quais “Meus Caminhos”, onde ele registra suas memórias, ou seja, sua autobiografia.

**Figura 21** - Livros escritos por Amaro Matias



Fonte : Acervo da família, arquivo da filha Irene Matias

Das oito obras publicadas, cinco delas fazem parte do meu arquivo pessoal: Nordeste-Berço do Brasil, Aprendendo a Língua Pátria, Dos Palmares- Extensão,

Lutas e Fatos, Pindorama; e Meus Caminhos, sendo esse último escolhido para ser um dos instrumentos de análise da pesquisa por apresentar informações imprescindíveis à mesma, como seu nascimento, carreira profissional, casamento, nascimento dos filhos entre outras.

É possível incluir, então, a sua produção no âmbito da literatura como um instrumento de uso, ou seja, de ação social.

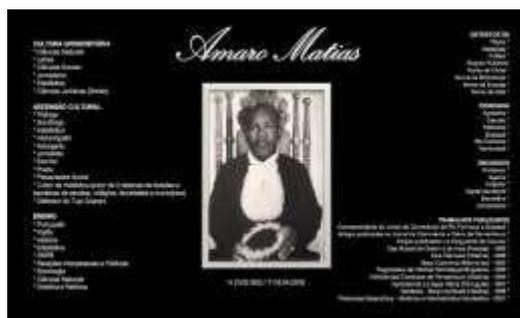
Qual era o papel do estudo e da produção intelectual na vida cotidiana de Amaro Matias?

Em primeiro lugar, fica claro que tais atividades criadoras não compunham o outro lado de sua rotina, mas eram partes constitutivas desta. Assim, o personagem reservava alguns momentos do dia, sobretudo aqueles em que não estava envolvido na luta pela sobrevivência, para ler aprender, refletir e escrever.

Porém não se pode avaliar a importância do estudo para Amaro Matias somente pelo espaço de tempo específico ocupado pelo mesmo no seu dia-a-dia. É preciso levar em conta, igualmente, que uma parte significativa de suas energias e de suas emoções foi canalizada para esta tarefa. Logo os textos por ele produzidos não devem ser vistos apenas enquanto produtos intelectuais, mas também como expressões de sentimentos e afeto.

Enfim, o estudo foi, ao mesmo tempo, um componente da rotina do personagem e uma via para a sua elevação do cotidiano. Pode-se dizer, então, que ele procurou “viver o cotidiano ideologicamente” ou em outras palavras, “fazer de ideologia e prática uma coisa só”.

**Figura 22** - Placa da trajetória acadêmica de Amaro Matias



Fonte: Acervo da família, arquivo da filha Irene Matias

Na referida placa podemos ter uma ampla visão da trajetória acadêmica e da produção intelectual do professor Amaro Matias. Ela tem o fundo preto, escrita com letras brancas, no centro temos a fotografia do mestre Amaro, sentado numa cadeira, vestindo uma beca preta com detalhes brancos e um capelo na mão. Na parte de baixo temos as datas de nascimento e morte.

Nela também vemos as formações obtidas pelo professor Amaro, as disciplinas que lecionou, as profissões exercidas, os títulos recebidos e os trabalhos publicados. Um resumo de sua trajetória acadêmica e cultural gravadas com carinho nessa placa.

#### 4.3 - As contribuições do professor Amaro Matias na educação de Quipapá

A busca de conhecimento e a certeza de discernir fatos que envolvem a história da Educação e as teorias necessárias para a efetivação do processo de ensino-aprendizagem trará uma reflexão sobre como foi desenvolvida a educação no município de Quipapá (PE), apresentando a biografia do professor Amaro Matias um homem que atuou na esfera educacional do referido município. Como percurso metodológico nos apoiaremos prioritariamente na história de vida, bem como na história oral, percorrendo numa investigação de natureza qualitativa.

A história oral se situa neste espaço de fronteira entre história e memória, pois se realiza como um procedimento de pesquisa qualitativa e, portanto, não admite ou busca generalizações; entretanto, busca produzir um conhecimento histórico objetivo através das intersubjetividades dos registros de depoimentos sobre a história vivida. Nesse sentido, Ferreira e Amado (2006), entendem a história oral como metodologia, pois remete a uma dimensão técnica e a uma dimensão teórica. Portanto, a história oral tem como principal fonte os depoimentos orais que se baseiam na memória, contudo não se ocupa somente desta, mas muitas das vezes procura referenciar-se no tempo e no espaço estabelecendo relações com outros documentos e fontes, dialogando também com outras áreas do conhecimento.

A história de vida é um procedimento de investigação adotado pela Sociologia e pela Antropologia, que consiste, fundamentalmente, numa recolha intensiva de dados de carácter biográfico, sobre uma ou mais pessoas, sendo que o próprio ou

os próprios são a fonte principal da informação, embora não necessariamente a única.

Nessa óptica, Arcenio e Azevedo (2021) esclarecem que as histórias de vida se caracterizam por uma pesquisa biográfica aprofundada na vida dos sujeitos entrevistados e procura investigar em minúcias aspectos da sua trajetória. Por esse viés, adotamos como procedimentos metodológicos para a produção das narrativas uma ferramenta intitulada “Diagrama do Constructo” que, segundo Souza, E. F. (2020a), pressupõe os seguintes arquivos: pessoal, da família, vivo, institucional, on-line e científico. Esses seis tipos de arquivos me serviram de base para o levantamento dos dados que evidenciaram a trajetória do autor em questão, apresentando suas obras, textos publicados em jornais, bem como depoimentos de familiares e de pessoas que com ele conviveram.

De acordo com os resultados do Censo Industrial de 1950, disponível na Biblioteca do IBGE, a cidade de Quipapá, possuía trinta estabelecimentos de indústrias de transformação, com produção, em 1949, no valor de 26.387 milhares de cruzeiros. O município tinha dois engenhos de aguardente, trinta de rapaduras e seis de aguardentes e rapadura, distribuídos por todos os distritos. Por estar localizado numa área canavieira, a cana-de-açúcar era o carro chefe e movimentava a economia local.

Os resultados do recenseamento de 1950 também revelam a situação de Quipapá quanto ao nível de instrução geral envolvendo crianças de 10 anos e mais num total de 19.777. A pesquisa mostrou que apenas 3.456 sabiam ler e escrever isso corresponde a um percentual de 18,03%, ou seja, a grande maioria eram analfabetas. Verifica-se que a porcentagem de crianças alfabetizadas nessa faixa etária em Quipapá era de 18% enquanto a nível de estado chegava a 32%. Já a cota de pessoas em idade escolar matriculadas (de 7 a 14 anos), em Quipapá atinge 29% contra 34% em todo estado de Pernambuco. Os dados alertam que havia muito a ser feito pela educação quipapaense. Diante dessa conjuntura, chega ao município de Quipapá, Amaro Matias Silva, direcionado para gerenciar a agência do IBGE local, mas fazia muito mais que isso, conciliando sua função de agente de estatística com a de professor.

Natural de Água Preta, Amaro Matias chegou em Quipapá no ano de 1951, acompanhado de esposa e quatro filhos, veio transferido da cidade de Rio Formoso onde exercia a função de agente de estatística do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ao tomarem conhecimento de que também era professor, o mesmo foi convidado por um seleto grupo de alunos que faziam um concurso público na área da saúde para que ministrasse algumas aulas para eles. Conforme Assunção (2006, p. 103), ele aceitou o convite e o resultado é que todos os candidatos foram aprovados com boas notas. Esse foi o pontapé inicial do professor Amaro Matias na educação em Quipapá.

**Figura 23** - Maria das Virgens, ex-aluna



Fonte: Fotografia cedida por uma amiga de Maria das Virgens (Bidinha).

Na fotografia acima, temos Maria das Virgens, uma das alunas aprovadas no concurso da saúde no ano de 1951. A mesma contribuiu muito nessa área, prestando relevantes serviços até quando se aposentou.

Após ganhar a credibilidade da população, no ano seguinte, em 1952, ele funda o Externato Anchieta, dando nova vida à educação e à cultura do município. Foi à primeira instituição privada de educação na cidade, funcionava nos turnos diurno e noturno. Durante o dia a escola atendia aos alunos regulares e a noite aqueles fora da faixa etária escolar que haviam estacionado por falta de meios para continuar os estudos na idade certa.

Vale salientar que este foi o segundo Educandário com este nome pois o primeiro havia sido fundado pelo professor Amaro na cidade de Rio Formoso onde residia anteriormente. Conforme o depoimento do seu filho Uaci Matias, segue a justificativa da escolha do nome para a instituição: “Papai montou o Externato e deu o nome de Anchieta porque ele gostava muito de estudar o Tupi, a história dos índios. Não só o Tupi, o Guarani, os Tamoios, os Morubixabas, todas as tribos indígenas que costumava estudar” (SILVA, U., 2022).

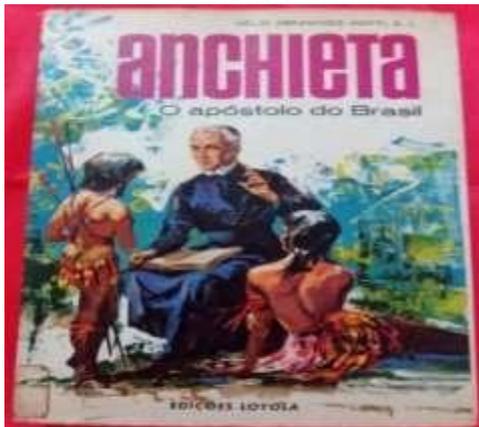
**Figura 24** – Uaci Edvaldo Matias Silva - filho de Amaro Matias



Fonte: Fotografia cedida por Uaci Matias do seu arquivo pessoal

É perceptível que Amaro Matias foi um exímio defensor das causas indígenas. Em sua biblioteca particular tinha alguns livros voltados para essa temática, inclusive um que ele gostava muito e admirava o personagem da narrativa, o Padre José de Anchieta, fato que também contribuiu para a escolha do nome do Externato.

**Figura 25** - Livro sobre o Padre José de Anchieta



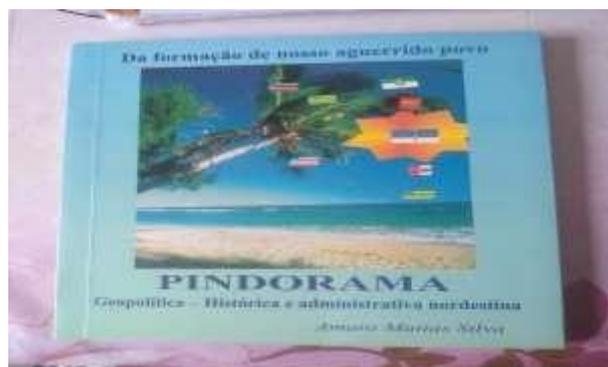
Fonte: Acervo da biblioteca particular do professor Matias

Como o leitor pode perceber o livro, traz, em letras garrafais, o título “Anchieta”, já o subtítulo vem em letra tamanho menor, ressaltando o lado religioso do personagem retratado. Na parte central da capa temos o Padre José de Anchieta ensinando com um livro a dois indígenas que prestam muita atenção. Isso reforça ainda mais a ideia de catequese presente no subtítulo da obra. Também nos chama a atenção o colorido da capa.

Outro fato curioso é que os nomes de dois filhos e quatro netos do professor Matias são de origem indígena. Os filhos se chamam: Uaci e Iraci, os netos, filhos do Uaci, são: Iraê, Iberê, Irandê e Iana.

O professor Amaro era um pesquisador da história indígena, chegando inclusive a escrever um livro intitulado Pindorama-Geopólitica-Histórica e administrativa nordestina.

**Figura 26-** Livro Pindorama



Fonte: Acervo da minha biblioteca particular

Nesse livro Amaro Matias relata como os índios viviam antes da chegada dos portugueses aqui no Brasil e as mudanças ocorridas após essa chegada. A capa do livro é em tom azul claro, traz a imagem de um coqueiro, algumas bandeiras e o mar ao fundo.

Segundo Silva (2001), quando os lusos chegaram aqui, não sabiam ter encontrado a Índia como pensou Colombo, daí nossos autóctones apelidados de índios ou ameríndios (da América) ou se da Costa da África.

Nessa obra o professor Matias enfatiza algumas atividades indígenas que tomaram lugar no nosso cotidiano, nas tarefas executadas no dia a dia. Da caça, pesca, extrativismo, ecologia e alimentação. Ressalta a ambição dos portugueses que provocou um extrativismo desenfreado de nossa madeira, bem como à cata de pedras preciosas e a entrada do índio no trabalho forçado. Começou assim o genocídio e a venda de indígenas pelo mundo afora extinguindo inclusive boa parte de suas línguas.

No referido livro Amaro Matias relata a questão da mestiçagem cujo processo deu-se início com o acasalamento entre os portugueses e as índias. Destaca que os pioneiros nesta área foram, Diogo Álvares Correia, o Caramuru e a índia Tupinambá chamada Paraguaçu. Eles tiveram muitos filhos, produto mestiço chamado de mameluco e assim, nosso universo ficou miscigenado. Também toca num ponto central que foram as revoltas, todas, segundo ele, motivadas pelos sentimentos de liberdade e justiça. Deixa claro a herança que nos deixou os povos nativos em

diversas áreas da nossa vida, como também a herança doada pelos europeus pontuada no trecho que se segue:

Herdamos dos portugueses- as festas de Santo Antônio, São João, São Pedro e Natal com pastoril infantil com jornadas do auto da lapinha queimada ao dia dos Santos Reis, (6 de janeiro), teatro de fantoche e a quadrilha, importada da França e Áustria de Straus aqui popularizada. (SILVA, 2001, p.23).

Aqui, a quadrilha foi popularizada, tornada folclore, dançada em toda parte, engenhos e fazendas, deturpada caipiramente enquanto nasceu para os salões da elite. O imperador D. Pedro II ao visitar Pernambuco disse: “Pernambuco é um céu aberto”, em 1959, no Recife, dançou no baile oficial quatro quadrilhas todas marcadas em francês no Palácio do Campo das Princesas. Era o “chic” de então.

Voltando à questão do Educandário, é importante registrar que apesar de inúmeras tentativas e buscas, não encontramos fontes documentais que nos esclareçam como se deu a portaria de autorização para o funcionamento do Externato Anchieta e quem auxiliou o professor Amaro nesse processo. Acreditamos que tais documentos tenham se esvaído no fogo conforme já citado anteriormente. Assim recorreremos ao contexto da época o qual apresenta uma certa flexibilidade na abertura de escolas privadas e que de modo geral nos esclarece essa questão. Alinhamos ao contexto a fala de Irene Dulce Matias Silva, uma das filhas do professor Amaro que também foi aluna dele no Externato. “Naquela época, em 1952, não se tinha tanta burocracia como nos dias de hoje, acredito que isso facilitou a abertura do Externato Anchieta em Quipapá.” (SILVA, I., 2022).

**Figura 27** - Irene Matias - filha de Amaro Matias



Fonte: Irene Matias do seu arquivo pessoal

Com base nestes fatos, esta dissertação é, portanto, o primeiro documento que agrupa informações sobre a gênese do Externato Anchieta, primeiro Educandário da rede privada do município de Quipapá.

A escola estava localizada no centro da cidade bem próxima a praça de eventos, a igreja matriz e o prédio da prefeitura. A ausência de pistas sobre o Anchieta através de uma portaria de funcionamento fez com que boa parte da população quipapaense, em especial os mais jovens, desconhecêssem sua existência, como se ela fosse clandestina e arbitrária. Tal fato se deu porque em nenhuma das instituições públicas procuradas, havia documentos que provassem a existência do Externato Anchieta.

Não fosse o livro Meus Caminhos, uma fotografia do prédio onde funcionou a escola, duas fotografias de desfiles cívicos, outra do time de voleibol feminino, o hino do Externato, e os depoimentos de dois filhos do professor Amaro e de três ex- alunos, não seria possível historicizar as práticas pedagógicas da primeira instituição particular de Quipapá. Nem tão pouco entender sua importância para o município.

**Figura 28** - Externato Anchieta



**Fonte:** Acervo da família, arquivo da filha Irene Matias

Nesta imagem temos a casa onde funcionou o Externato Anchieta, na Rua João de Moraes Andrade, hoje só a fachada permanece de pé. As paredes, teto e demais cômodos todos ruíram, restando apenas o terreno que é de propriedade da igreja católica.

Como esclarece Assunção (2006, p. 103), “por utilizar métodos eficazes, logo atraiu a atenção e a preferência dos alunos de cursos regulares, principalmente dos que não podiam se deslocar para outros centros por falta de recursos financeiros.” Empolgava a população infanto-juvenil porque sua escola participava de desfile, brincadeiras, atividades esportivas e atos religiosos na matriz local. Paralela às disciplinas do currículo escolar, seus alunos recebiam aulas de civildade, cidadania, boas maneiras e formação religiosa. O Anchieta foi considerado de utilidade pública, pois seus alunos eram aprovados em qualquer concurso a que se submetiam e entre os primeiros lugares se classificavam nos colégios da redondeza e na capital do estado. Conforme Silva, A. (1992, p. 53), “várias avaliações foram feitas no intuito de descobrir o segredo do sucesso do Externato e o fator encontrado era a disciplina e motivação do alunado.” Carro chefe em desenvoltura, atitudes cívicas, desembaraço e firmeza. O resultado de tanto empenho: pais satisfeitos e alunos motivados pelas letras.

Segundo Silva, A. (1992), o Anchieta conquistou seu auge. O instituto fundado em 03 de fevereiro de 1952 elitizaria toda cidade. Reconhecido de utilidade pública pela Lei Municipal nº 69/55. Os estudantes do Externato participavam de tudo, missa dominical, festejos cívicos, religiosos e esportivos.

O primeiro desfile conjunto, foi combinado devido a escassez de bandeiras na Prefeitura, haveria uma parceria do Grupo Esmeraldino com o Anchieta, por ser o primeiro desfile do Educandário teve um pequeno número de participantes, conforme nos conta Neuton Simões ex-aluno do Externato nessa época: “No primeiro ano desfilaram poucos alunos, o professor treinava agente pra desfilarmos bem, ele nos levava para um terreno que ficava por trás da igreja católica e lá nos ensinava a marchar.” (SIMÕES, 2022).

Retornemos a falar sobre o tal acordo sobre o desfile do dia sete de setembro, foi combinado que o Esmeraldino desfilaria na frente com a Bandeira Nacional e o Anchieta com o Município, na retaguarda, com a Bandeira de Pernambuco, mas infelizmente o acordo não se cumpriu e no dia de ir buscar a tal bandeira o professor Amaro foi sabedor de que não seria mais emprestada pois tomaram conhecimento que os anchietanos desfilariam de farda nova pela primeira vez. Era o protesto do despeito e do ciúme, mas isso não intimidou o professor

Matias, que lembrou ter em casa um baú e dentro dele havia uma bandeira nacional de dois panos, de seda, na qual após passado o ferro, resolveu-se o empasse.

Numa manhã refulgente, do dia 7 de setembro de 1953, o Anchieta desfilava, tendo o aluno Jair como condutor da bandeira nacional, enfeitada com grande laço auriverde e talabarte a brilhar sob a luz do sol. A diretora do Esmeraldino na época, achou que não desfilariam por conta da tal bandeira, mas grande foi a surpresa conforme nos conta o próprio professor Amaro.

Ao ver-nos desembocando na praça central rumo à matriz a diretora quase desmaiou, mas reagiu exigindo que as demais professoras sob suas ordens não falassem conosco, mormente, comigo que a havia derrotado com aquele pomposo desfile que superava o seu, antes badalado. (SILVA, A. 1992, p. 56).

Nesse mesmo dia houve uma missa acolitada por alunos do Anchieta usando luvas, e, na prédica, o Pe. Hosana, vigário local, enalteceu o Brasil e elogiou os caminhos pelo qual caminhava o Anchieta em comportamento e aprendizagem sociocultural.

Seguiu-se a programação traçada, após a missa hasteamento da bandeira, nesse momento solene discursou Neuton Simões, aluno do Anchieta com clareza e entusiasmo, arrancando aplausos dos presentes. Essa prática de discursar era comum dentro da didática utilizada por Amaro Matias em sala de aula como bem recorda Neuton, “O professor Amaro nos ensinava a declamar poesia, a fazer discursos, pois quando tinha desfile, havia momentos de discursos feitos pelos alunos”. (SIMÕES, 2022).

**Figura 29** - 1º Desfile do Externato Anchieta - 1953



Fonte: Fotografia cedida por Neuton Simões do seu arquivo pessoal

Na fotografia temos a noção de como foi o primeiro desfile do Externato Anchieta, todos os alunos devidamente fardados, os meninos de calça comprida, blusas brancas de mangas compridas e gravatas, as meninas de saias pregueadas abaixo do joelho, blusas brancas de mangas compridas e gravatas. Nesse registro histórico constam os seguintes alunos: na frente do lado esquerdo Neuton Simões (em destaque), no centro na parte da frente estão Josias, Moacir e Rafael Vecchione, um pouco atrás deles estão Jair com a Bandeira Nacional e Luís de Barros. No lado direito estão as alunas Salete e Vilma Barbosa, um pouco atrás fulôsinha, como era chamada e na parte de trás estão Odete e Irene Matias, filhas do professor Amaro. Esse desfile embora pequeno deu o que falar, arrancou palmas de todos que o assistiam, inclusive até, dos enciumados.

Nos esportes trabalhavam com ginástica, vôlei e futebol. Três modalidades esportivas, enquanto nas demais escolas trabalhavam apenas com o futebol. Era imbatível na sua faixa etária com o time Anchieta Esporte Clube tendo o próprio professor Amaro como técnico. Foram momentos de glória. O grupo infanto-juvenil se divertia e aprendia motivado pelo seu Mestre. Mas como nem tudo são flores, do outro lado estava o Grupo Esmeraldino Bandeira que se achava superior por pertencer a rede estadual e causou muito aborrecimento ao professor Matias com críticas sem nenhuma razão lógica, movidas apenas por ciúmes. Contudo, os alunos do Anchieta seguiam na lida aplaudidos pelo povo da cidade.

**Figura 30** :Time de vôlei feminino do Anchieta

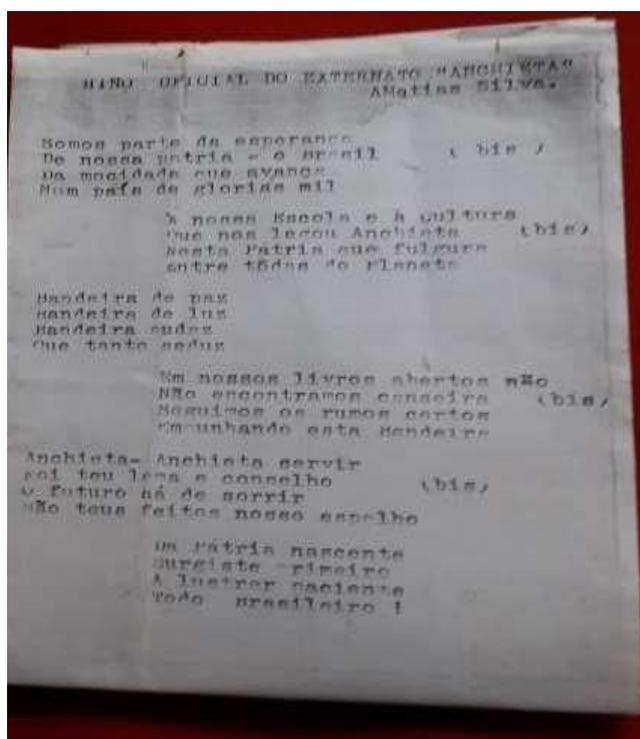


Fonte: Fotografia cedida por Neuton Simões do seu arquivo pessoal

Na imagem acima temos o time de vôlei feminino do Externato Anchieta, cuja farda era composta de blusa de mangas curtas e short. Na fotografia temos as seguintes estudantes: da esquerda para direita estão: Socorro, Valdelúcia, Edileuza, Odete Matias, Vilma Torquato, Salete, Genice, Josefa Teodósio, Irene Matias, Zenilda Siqueira, Zuleide e Rosa Araújo.

A ordem e o progresso como princípios republicanos, juntamente com o cunho cívico patriótico eram repassados aos alunos do Externato Anchieta e fazia parte do seu projeto educacional. Maria Hecilda, uma das ex-alunas do Externato, até hoje, tem gravado na mente a letra do hino do Anchieta, que segundo a mesma era cantado todos os dias na escola.

**Figura 31** - Hino do Externato Anchieta



Fonte: Acervo da família, arquivo da filha Irene Matias

Na letra do hino do Anchieta escrito pelo próprio professor Amaro Matias, vemos quanto o civismo e o patriotismo eram enaltecidos por ele. Como o respeito e

o amor à pátria e aos seus símbolos eram cultivados nesse educandário. Neuton Simões (ex-aluno) retrata bem esse lado do mestre na seguinte fala: “O professor Amaro ia além do ensino dos conteúdos, dava aula de civilidade, de bons costumes, ensinava como andar numa calçada, como cumprimentar uma pessoa”. O Anchieta continuou a desfilar nos anos seguintes, em todas as datas cívicas. Mais tarde, o próprio professor chegou a confeccionar as bandeiras de todos os estados do Brasil, isto representava a realização de um sonho antigo. A escassez do primeiro desfile desapareceu completamente.

**Figura 32** - Segundo desfile do Externato Anchieta (1954)



Fonte: Acervo da família, arquivo da filha Irene Matias

Este desfile aconteceu no ano de 1954. Estão nessa imagem os estudantes Irene, Zito e Vilma, foram os porta-bandeiras. Observa-se o uso do fardamento e a postura ereta ao marchar sempre de cabeça erguida e olhando para frente.

Questionados sobre qual era o diferencial existente na didática e metodologia adotadas pelo professor Amaro e o que atribuíam ao fato de que todos os alunos que estudaram com ele fossem aprovados no exame de admissão ao ginásio e sempre nas primeiras colocações, os três ex-alunos foram unânimes na resposta. A disciplina e a rigidez eram o fator pelo qual creditavam o sucesso da aprendizagem deles no Externato Anchieta. A utilização de material concreto nas aulas também foi

algo citado, como também as aulas passeios e a interdisciplinaridade que só ganharia força no Brasil no início da década de 60, mas Amaro Matias já fazia uso desses recursos dez anos antes deles virem à tona. Segundo depoimentos dos filhos Uaci e Irene Matias era comum em uma aula de ciências por exemplo, o professor Amaro passar antes no açougue comprar um coração de um animal e levar para abrilhantar sua aula. Era uma mistura da pedagogia tradicional com a sociointeracionista e a construtivista que se firmaria no Brasil somente na década de 1970. Tudo isso fazia com que os alunos se mantivessem motivados para aprender com um professor bem à frente do seu tempo.

Perguntados também se no Anchieta se aplicava castigos aos alunos, apenas um dos três ex-alunos confirmou que sim, os outros dois não lembravam bem sobre essa prática, no entanto os três foram categóricos em falar sobre a rigidez presente no método de ensino. E atribuíam boa parte do sucesso escolar a esta rigidez utilizada pelo professor Matias.

A rigidez a que se tratam os entrevistados estava ligada diretamente a aquisição do conhecimento e as ideias pedagógicas de civilização do povo brasileiro como símbolo de boas condutas morais e higienistas. Também foi observado através das entrevistas realizadas que, o uso da palmatória era comum em algumas atividades escolares como a sabatina e a tomada da tabuada.

A escolha dos ex-alunos se justifica por alguns aspectos, Maria Hecilda, Neuton Simões e José Ermival afirmam ter estudado na mesma época entre 1952 e 1954, todos eles estudaram no curso preparatório para o exame de admissão ao ginásio pois já haviam concluído o ensino primário no Grupo Escolar Esmeraldino Bandeira, portanto estudaram por cerca de um ano no Externato Anchieta, com exceção do Neuton Simões que estudou dois anos, pois não se adaptou ao novo colégio, que por sinal era interno e ficava na cidade de Garanhuns, sentindo falta da família, retornou a Quipapá e ficou mais um ano no Anchieta.

Desses três ex-alunos, apenas Neuton, guarda em seu arquivo pessoal fotos dessa época. Assim, o que conseguimos foi através dele e dos filhos do professor Amaro, Irene e Uaci, em especial Irene, pois ela também foi aluna do Externato Anchieta.

As influências recebidas pelos alunos no Externato Anchieta, através da metodologia aplicada pelo professor Matias foram marcantes na vida dos estudantes em especial nossos três entrevistados. Todos recordam da rigidez metodológica empregada pelo professor, tal rigidez os estimulava a estudar e a responder tudo corretamente.

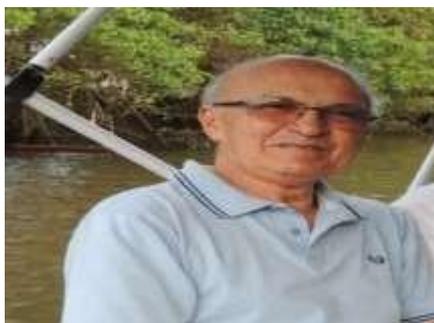
As perguntas feitas aos ex-alunos foram as mesmas, quanto tempo estudaram no Externato Anchieta, como era a didática e metodologia do professor, se havia aulas-passeio, se percebiam algum tipo de preconceito por parte dos pais pelo fato do professor ser um homem negro, como era a relação com o professor, onde prestaram o exame de admissão ao ginásio e qual foi a colocação e a que atribuíam o sucesso dos alunos egressos do Anchieta serem aprovados em todas as seleções que prestavam e sempre nos primeiros lugares?

Neuton Simões, 62 anos, ex-aluno do Externato, hoje engenheiro elétrico aposentado, trabalhou por muito tempo no Banco do Brasil, depois migrou para CHESF (Companhia Hidroelétrica do São Francisco) comenta sua vivência na referida instituição gerenciada pelo professor Amaro Matias, que por sinal mais tarde além de professor tornou-se também seu padrinho.

Após ter concluído os estudos no Grupo Escolar Esmeraldino Bandeira, ou seja, ter terminado a quarta série, fui estudar no Anchieta, o ano era 1953, lá pude ver o quanto o professor Amaro era realmente diferenciado de outros professores pela forma como nos ensinava. Eu me lembro até hoje, de um livro de leitura chamado 'Nosso Brasil', esse livro relatava uma viagem de uma família que estava de férias no Brasil, o professor aproveitava esse conteúdo para ensinar os estados do Brasil. (SIMÕES, 2022).

Percebe-se no trecho dessa fala que o professor Amaro Matias, já trabalhava a interdisciplinaridade com seus alunos conforme dito anteriormente, alinhava diferentes disciplinas durante a ministração de suas aulas.

**Figura 33** - Neuton Simões (ex-aluno)



Fonte: Fotografia cedida por Neuton Simões, do seu arquivo pessoal

Na fotografia podemos ver Neuton Simões como se encontra hoje, o registro é de um passeio de Catamarã, no Rio Capibaribe em Recife, num dia bonito de sol.

José Ermival de Siqueira 80 anos, é funcionário público estadual aposentado, trabalhou como auditor tributário do estado de Pernambuco, tem formação na área de Contabilidade e Direito essa última pela Universidade Federal de Pernambuco, também recorda com saudosismo e emoção os dias em que estudou no Externato Anchieta, e se lembra do amigo Neuton, “Nos desfiles do Anchieta os alunos discursavam nas ruas, o desfile parava em alguns locais estratégicos para se ouvir os discursos, inclusive eu e o Neuton lemos alguns, isso era uma forma de orgulhar os pais que assistiam o desfile”. (SIQUEIRA, 2022).

**Figura 34** - José Ermival de Siqueira (ex-aluno)



Fonte: Fotografia cedida por José Ermival, do seu arquivo pessoal

Aqui temos o registro de José Ermival em clique recente feito no interior de sua residência no Recife. Pousou ao lado de algumas esculturas sacras e um belo quadro contendo uma rede com vistas para um mar deslumbrante.

Ele lembra até hoje de um discurso feito por Matias que continha os dados da população brasileira conforme o IBGE, baseado no recenseamento de 1950, o qual foi lido por ele e dizia quanto era a população naquela época. Segundo Ermival, havia muito ensaio antes do dia do desfile, pois tinha que sair tudo perfeito, os alunos ao desfilar olhavam sempre para frente, ninguém olhava de lado, peitolevado, cabeça erguida. Nos ensaios o professor Amaro usava uma varinha e batia levemente nas pernas de quem marchasse errado, com relação a merenda cada aluno levava a sua merenda de casa. “Lembro que meu pai chegou a reclamar com o professor Matias porque no dia do desfile nem olhei para ele que estava assistindo, o professor explicou a ele, que quem desfilava devia olhar sempre pra frente” (SIQUEIRA, 2022). Risos ao lembrar esse fato.

Além de cada um levar sua merenda e dos fatos já citados, Ermival lembra ainda que o local era propício para a aprendizagem, “O professor Amaro fazia com que os alunos aprendessem, ele incentivava os alunos a gostarem de estudar. Ele nos transmitia confiança. Era sem dúvida um homem bem à frente do seu tempo”. (SIQUEIRA, 2022).

Sobre estas questões relacionadas a aprendizagem, Neuton também se lembra com uma riqueza de detalhe o que aprendeu no Anchieta. “O professor Amaro, ensinava a gente a fazer bilhete, carta, telegrama, ata de reunião, criou um grêmio literário, quando fui fazer o exame de admissão, passei em primeiro lugar no Colégio Diocesano em Garanhuns”. (SIMÕES, 2022).

Percebe-se nesta fala o quanto os alunos eram gratos ao professor Matias pelos conhecimentos adquiridos sob sua orientação. Ainda com relação a didática empregada no Anchieta, Ermival relembra com precisão como tudo funcionava.

As aulas eram maravilhosas pois a didática do professor Amaro não se limitava a sala de aula, possuía uma visão bem ampla sobre o ensino, tinha o desfile cívico, com as bandeiras do Brasil e a de Pernambuco, eu participava, inclusive cheguei a ler alguns discursos durante o trajeto do desfile, as aulas passeios eram incríveis, levava agente para os engenhos e lá aproveitava pra falar das revoluções que houve em nosso estado. Levava ao alto do cruzeiro onde a gente avistava toda a cidade de Quipapá, lá

falava sobre a origem do nome da cidade e outras coisas mais (SIQUEIRA, 2022).

Os três alunos entrevistados fizeram questão de ressaltar inúmeras vezes durante suas falas, o quanto a rigidez adotada na prática metodológica do professor Amaro era o fator determinante para o sucesso de todos eles. Sobre este aspecto veja o que nos diz Neuton: “Por ele ser muito rigoroso, quando a gente errava, os outros colegas corrigiam. Ele era muito cuidadoso, tinha algumas nuances, que só ele tinha. Por isso quase todos que estudaram com ele tirava o primeiro lugar nas seleções que faziam”. (SIMÕES, 2022) Nas palavras de Neuton, o professor Matias preparava os alunos de verdade, eles tinham uma base sólida, aprendiam a estudar e a responder as provas com facilidade.

Sobre a tomada da tabuada Newton descreveu como era feito no Anchieta, “professor Amaro pedia pra gente ficar de frente e em pé, uns cinco ou seis alunos, e começava a arguição, quem errasse levava à palmatória, uma régua grande, (risos ao lembrar o tamanho da régua) o aluno que acertava dava o bolo naquele que errava.” (SIMÕES, 2022).

Para José Ermival, o Externato Anchieta representou algo sublime e especial.

Estudei um ano no Externato Anchieta e guardo boas lembranças de lá e o quanto aprendi com o professor Amaro Matias, me recordo da sabatina que ele aplicava sempre no final da semana pra ver se a gente tinha aprendido mesmo os conteúdos ensinados. Na sexta-feira, colocava a gente de pé em frente dele e fazia as perguntas sobre os conteúdos que a gente tinha estudado a semana toda, quem errasse tinha a palmatória, mas ele batia de leve, assim no ombro. Essa prática nos forçava a estudar. Tinha também o caderno de caligrafia, nele tinha dois tipos de caligrafia, a inclinada e a itálica aprendemos a escrever bem com este caderno. Fiz o exame de admissão em um Colégio privado, hoje não recordo o nome, mas ficava no bairro da Encruzilhada no Recife, passei com uma boa colocação e ao ingressar na quinta série no referido colégio ao término daquele ano fui o aluno que tirou as melhores notas da turma devo isso ao que aprendi com o professor Amaro. (SIQUEIRA, 2022).

Assim como Ermival, Neuton se recorda de alguns conteúdos estudados no Anchieta, “O professor nos ensinou regra de três, proporções, cálculo de juros” (SIMÕES, 2022). Vale ressaltar que, alguns desses conteúdos eram vistos no ginásio e outros só no segundo grau (hoje ensino médio), mas Amaro Matias já os ensinava aos seus alunos em especial aos que prestariam o exame de admissão.

Relembrando suas memórias, Neuton recorda das excursões que o professor Amaro realizava com os alunos para a cidade vizinha de São Benedito e para o Engenho Lage Bonita, localizado na zona rural de Quipapá, onde produziam rapadura e mel, lembrou do time de futebol da escola, dos torneios que participavam e principalmente da disputa com o Grupo Estadual Esmeraldino Bandeira. Também não esqueceu de falar sobre a participação dos alunos na missa dominical, “O professor Amaro era um homem muito católico, o aluno do Anchieta que fosse a missa no domingo pela manhã, à tarde o professor levava pra passear, iam a rua da areia tomar banho no rio (só os meninos), os pais autorizavam, era uma alegriageral” (SIMÕES, 2022).

José Ermival, também se recorda desses banhos, “Final de semana o professor levava a gente pra tomar banho no rio, só os meninos, ele fazia calções pra gente tomar banho, ensinava a nadar, inclusive eu aprendi nadar com ele. Isso tudo nos cativava”. (SIQUEIRA, 2022).

Vale ressaltar que nessa época sair do primário e entrar no ginásio, representava muita coisa pois nem todos conseguiam tal façanha principalmente alunos de um município de pequeno porte e distante quase duzentos quilômetros da capital pernambucana, mas os alunos de Amaro Matias, conseguiam. Em escolas públicas, ou privadas, eram aprovados no exame de admissão ao ginásio. As cidades de Palmares, Garanhuns e Recife foram os locais onde boa parte dos egressos do Externato Anchieta prestaram seu exame de admissão ao ginásio e foram aprovados com êxito.

Os três ex-alunos os quais entrevistamos, seguiram rumos distintos como já foi dito anteriormente, Neuton atualmente reside em Recife, fez o antigo primário em Quipapá, o ginásio no Diocesano de Garanhuns e o segundo grau no Salesiano em Recife, depois cursou engenharia eletrônica, trabalhou por muitos anos no Banco do Brasil e por último como engenheiro na CHESF, hoje está aposentado. Sempre que pode, visita Quipapá, onde tem vários amigos e alguns parentes, entre eles sua prima Hecilda que também contribuiu para esta pesquisa.

José Ermival também reside em Recife, fez o primário em Quipapá, no Grupo Esmeraldino Bandeira, no ginásio estudou numa escola privada para alunos de baixa renda chamada Academia do Comércio que ficava próxima a Rua da

Imperatriz no centro do Recife, cursou o segundo grau na Escola Técnica da Faculdade de Ciências Econômicas que era administrada pela Universidade Federal de Pernambuco onde fez o curso de contabilidade em nível médio. Prestou dois vestibulares na época de entrar na faculdade ambos para o curso de Direito, ficou em segundo lugar na UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco) e em décimo segundo lugar na UFPE (Universidade Federal de Pernambuco). Escolheu estudar na Universidade Federal no prédio histórico que fica próximo ao parque treze de maio, área central do Recife. Trabalhou como auditor tributário do estado, também deu aulas na UPE (Universidade de Pernambuco) no curso de Administração, segundo ele seguia a didática que aprendeu com Matias, dava quarenta e cinco minutos de aula discursiva e quinze minutos aplicava um teste. Hoje está aposentado como funcionário público. A última vez que esteve em Quipapá foi no enterro de sua irmã Zenilda Siqueira, no dia 17 de outubro de 2020.

Maria Hecilda Almeida de Oliveira, semelhante aos colegas Neuton e Ermival, também cursou o antigo primário no Esmeraldino Bandeira em Quipapá, já o exame de admissão ao ginásio fez em Palmares no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, na época recebeu menção honrosa pela colocação obtida. Fez o curso comercial básico, que corresponde ao antigo ginásio na Escola Técnica de Comércio de Palmares, depois na mesma escola, fez o técnico em contabilidade em nível médio. Sempre muito estudiosa, voltou ao Colégio Nossa Senhora de Lourdes o mesmo onde havia feito o exame de admissão e cursou o Pedagógico (depois chamado de magistério) até o segundo ano. Se mudou para o Recife e lá concluiu o terceiro ano em um anexo da Escola João Barbalho, próximo ao parque treze de maio, centro do Recife.

Prestou vestibular para História na FAMASUL (Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul) que fica na cidade de Palmares e depois transferiu o curso para UPE (Universidade de Pernambuco) no campus que fica em Garanhuns onde concluiu a graduação e depois fez uma pós-graduação. Trabalhou um período em um banco privado, casou, teve três filhos e ingressou no magistério, hoje está aposentada como professora da rede estadual de educação e continua morando em Quipapá.

**Figura 35:** Maria Hecilda Almeida de Oliveira (ex-aluna)



Fonte: Fotografia cedida por Maria Hecilda, do seu arquivo pessoal

Na fotografia acima Dona Hecilda está na casa de sua irmã que mora em Recife. Foi comemorar o aniversário da querida irmã. Sempre alegre, vestindo uma blusa de seda com cores vibrantes e bonitos acessórios que ressaltam uma beleza que o tempo fez questão de preservar.

Com Neuton Simões, as entrevistas foram realizadas de forma virtual, algumas combinadas com dia e hora marcadas e outras não. Consegui seu contato através de sua prima Hecilda que reside em Quipapá. Ele foi solícito e cordial em ceder suas memórias. Com José Ermival as entrevistas também foram virtuais devido ao mesmo residir no mesmo local de Neuton na capital pernambucana. Algumas foram combinadas, com dia e hora marcada, outras não seguiram esse padrão. Seu contato foi me dado por seu amigo Neuton Simões. Quanto a Maria Hecilda, todas foram presenciais, visitei sua residência várias vezes, por residir no mesmo município que ela isso facilitou nossos encontros, alguns foram agendados previamente e outros não.

Era comum, todas as noites, a população da cidade ouvir uma crônica que era transmitida pela rádio local, o serviço de som alcançava a todos e o povo ficava deslumbrado, principalmente quando ouviam seus nomes no programa radiofônico. Numa dessas noites o professor Matias recebeu uma linda homenagem, o locutor iniciou sua fala, com um “Boa noite para você, prof. Matias”, e prosseguiu assim seu discurso:

Você que fez de Quipapá uma cidade mais civilizada que arregimentando jovens, prepara-os para um futuro livrando-os da cegueira da ignorância. Nunca tivemos em nossa cidade um centro educativo particular de tamanha

envergadura e, hoje, graças a Você Quipapá vem se orgulhando de seu Externato Anchieta que está fazendo e descobrindo uma nova Pindorama. (SILVA, A., 1992, p. 54).

Por esse e outros motivos, vemos na pessoa do professor Amaro Matias, alguém com méritos para ser biografado, e assim, não correr o risco de cair no esquecimento. Com relação a sua didática o professor Matias dizia que sabia da eficácia dos poderes coercitivo (de repressão aos maus costumes domésticos e linguísticos), conectivo (de apaziguamento, flexibilidade ao equilíbrio) e tecnicista (da especialidade para cada ramo atacado da árvore comunitária). Usava-os ecleticamente com aquela psicologia individual e grupal, hoje desenvolvida, a pontos de resultados surpreendentes. Era muito à frente do seu tempo como relembra uma de suas ex-alunas.

O professor Amaro gostava muito de trabalhar em grupo, até a tabuada era contextualizada, fazia uma roda e começava as arguições. Tudo feito coletivamente. Funcionava mais ou menos assim: o professor Amaro perguntava a tabuada ao primeiro aluno, caso ele errasse a resposta ou demorasse a responder o próximo respondia. E assim ia seguindo até um acertar, o que acertava dava com a palmatória em todos os que errassem (risos), se todos errassem o professor era quem usava a palmatória. Também promovia excursões para ampliar os horizontes do conhecimento. Me lembro também que a gente desfilava no dia Sete de Setembro. Nunca presenciei nenhum tipo de preconceito por parte dos pais pelo fato do professor ser negro, ao contrário, para eles era motivo de orgulho seus filhos estudarem com o professor Amaro Matias. (OLIVEIRA, 2022).

Dona Hecilda ou professora Hecilda como também é conhecida ainda reside em Quipapá tem atualmente 82 anos, é professora aposentada da rede estadual de Pernambuco, uma pessoa simpática e querida por todos na cidade.

Para o professor Amaro a missão de educar, exigia que o professor fosse cursado, isto é, possuísse curso na área de atuação, fizesse aperfeiçoamento constante, ministrasse conteúdos além dos que estavam no planejamento e acima de tudo soubesse transmiti-los a contento. Tinha de fato visão de futuro, para ele não era qualquer um que podia ser professor.

Além de professor, Amaro Matias era Delegado Especial do Ensino Rural e Supletivo do Estado. E como se não bastasse, foi convidado pelo prefeito da cidade para exercer o cargo de Superintendente do Ensino Municipal, assumiu sem nenhum ônus para a prefeitura, apenas pelo idealismo e a vontade de promover melhorias na educação.

De acordo com Assunção (2006), mudou consideravelmente a estrutura da rede municipal de ensino, promovia capacitação para os professores leigos e visitava semanalmente as unidades escolares, especialmente da zona rural. O mestre fazia com que todos se movimentassem culturalmente, visitava as escolas durante todo o ano letivo e estava presente também no encerramento, geralmente com festas até nos sítios e engenhos. Sobre estes acontecimentos observem o depoimento do próprio professor:

Criamos situações invejáveis, o alunado da rede municipal está empolgado e até motivado porque notamos nas nossas visitas quando os deixávamos à vontade para as perguntas. Seus elementos já não eram caipiras bisonhos, mas quipapaenses sociáveis e, paulatinamente, instruídos para cultivar bons hábitos e hábitos sadios no cuidado com o físico, costumes e a cidadania, fugindo do insipiente. (SILVA, A., 1992, p. 53).

De fato, a rede municipal sob o comando do professor Matias alcançou um significativo progresso, a procura era tanta que as matrículas se encerravam antes de findar o mês de fevereiro. Enquanto isso, no Grupo Escolar Esmeraldino Bandeira, pertencente à rede estadual as matrículas ficavam abertas até o mês de junho. Por conta disso, houve pedidos de transferência forçada de alunos da rede municipal para o Grupo estadual para que as turmas pudessem ser formadas. Isso repercutiu muito e já se ouvia rumores de pessoas insatisfeitas e com inveja do trabalho desenvolvido pelo professor Matias. O mestre, era consciente de tudo que estava acontecendo e em forma poética chegou a dizer: “Granjei a simpatia dos letrados e como não haveria de ser o ódio também dos despeitados”. (SILVA, A., 1999, p.76).

Como superintendente do Ensino Municipal, muito trabalhou pelo bem da educação local, fazendo visitas e comparecendo aos exames finais até nos sítios. A comunidade vibrava. Vale salientar, que conforme Saviani (2008), nesse período no Brasil, predominava a influência da pedagogia nova, onde o aluno era o núcleo do aprendizado no lugar dos mestres e da grade curricular. Isso era perceptível nas escolas da rede municipal e no Externato Anchieta, alunos à vontade, questionando seus professores, sem medo de expor suas dúvidas e incertezas num diálogo marcado pelo respeito e consideração de ambas as partes.

Como bem esclarece Silva, A., (1992), as escolas municipais elevaram-se. O professor Amaro, orientava as professoras, dava-lhes instruções, fornecia-lhes

pontos ou apostilhas com as matérias exigidas em cada série. Revolução total na comunidade. Pobres eufóricos diziam: “Se não temos meios de colocar nossos filhos no Anchieta, botamos no Município que é orientado e fiscalizado pelo Prof. Amaro Matias, dá no mesmo. Os meninos aprendem muito”. Arranjou inimigos gratuitos por isso. O Mestre Amaro proibiu que as pessoas o chamassem de professor e muitos passaram a chamá-lo de “Seu Amaro”, apesar de saberem que vários títulos tinham conquistado. Porém nem todos obedeceram a esta ordem, inclusive o Senhor Joaquim Simões cujos filhos tinham estudado com o professor Matias no Externato Anchieta e ao saírem do município de Quipapá obtinham os primeiros lugares nas seleções as quais se submetiam.

Assim, buscou-se na memória dos ex-alunos entre eles Neuton Simões, filho do Senhor Joaquim, como eram entendidos e repassados os ensinamentos pelo professor Amaro aos seus alunos e o que isso causou na vida deles. Neuton, de família predominantemente branca afirma nunca ter presenciado por parte dos pais ou colegas nenhum tipo de preconceito ao professor por ter a pele escura, ser um homem negro. Para ele o professor Matias sempre foi muito respeitado. Sua didática fazia a diferença na vida dos seus alunos.

Existia uma técnica que ele chamava de traslado ele utilizava para que seus alunos aprendessem a ter uma boa letra, as meninas (letra arredondada), os meninos (letra inclinada). Ele marcava a altura que as letras podiam ficar, ou seja, ele definia a altura. Também não gostava que o aluno ao ser questionado por ele desse uma resposta curta/simples. (SIMÕES, 2022).

Segundo Neuton, se o professor Amaro perguntasse “Quem descobriu o Brasil?” quem respondesse diria a pessoa e mais informações relacionadas a descoberta. Os alunos evoluíam e iam sempre além do que se era exigido na época. Seu amigo Ermival também utilizou o caderno de caligrafia e até hoje diz ter uma letra muito boa. Para ele o professor Amaro era incansável, ensinava diuturnamente o civismo e o patriotismo e era o responsável direto por fazer seus alunos gostarem de estudar.

Mas não foram apenas essas conquistas na rede municipal, em Quipapá, repetiu-se o feito do Rio Formoso. Amaro Matias, convenceu o Executivo a estruturar o Quadro do funcionalismo – classificação de cargos com padrões e referências para todos. Ficou à testa dos entendimentos com certa técnica, o plano foi aprovado e depois apresentado ao público. A alegria e os cumprimentos dominaram o

ambiente funcional e o reconhecimento por parte dos professores foi notório em toda cidade.

Com vontade de conquistar a comunidade para as letras, tudo fazia, pois em sua opinião, “um povo sério trata com seriedade os problemas de sua língua”. Ensinou àqueles que almejavam seus ensinamentos e não tinham orgulho ao curvar-se por não saber. Sobre isso, ele ressaltou num trecho de um discurso proferido na câmara de vereadores do município quando recebeu na ocasião o título de cidadão quipapaense indicado na época pelo vereador Jaime Machado Dias:

Dei de mim o possível que poderia oferecer a uma população, ao tempo, em matéria de cultura. Combati o bom combate – guerra à ignorância – com fé inabalável. Os alunos do Anchieta tiravam as melhores notas onde quer que fossem. (SILVA, A., 1992, p. 75).

Para muitos, foi considerado um mito, contudo a glória não lhe subiu à cabeça. Granjeou a simpatia dos letrados e como não haveria de ser o ódio também dos despeitados. Mas seguiu firme na labuta, pois se sentia feliz na terrinha. Em Quipapá, construiu amizades duradouras, compadres e afilhados às dezenas e um número considerável de alunos que aprenderam com ele a importância da cultura e do saber.

Sobre isto seu ex-aluno José Ermival fez questão de dizer que sua vivência com o professor Amaro ia além da relação professor e aluno: —Tive a felicidade de ter Matias não apenas como professor, mas como amigo. Anos mais tarde, já casado e com família construída ambos frequentavam a casa um do outro nas cidades onde tinham residências, entre elas, Caruaru, Recife e Paulista. O professor Matias sempre o apresentava como seu ex-aluno tinha orgulho disso. Também nos relatou um fato curioso que reforça a amizade estabelecida entre eles e que aconteceu no dia do casamento do seu filho mais velho.

Meu filho mais velho se casou na igreja dos montes Guararapes em prazeres, um casamento muito bonito, celebrado pelo bispo Dom José Cardoso Sobrinho, na hora da celebração o bispo pediu pra que os noivos escolhessem um casal dos que estavam presentes na celebração para serem padrinhos, meu filho não teve dúvida foi ao encontro do professor Amaro e o chamou para ser o padrinho, ele aceitou e veio a frente com umede suas netas que o estava acompanhando na igreja. (SIQUEIRA, 2022).

Assim, o professor Matias por onde ia fazia amigos, afilhados e ex-alunos. Ermival relatou que o professor Amaro ainda em vida foi ao casamento dos seus quatro filhos pois a amizade não ficou restrita a sala de aula.

Um fato que merece ser mencionado foi a participação de Quipapá na Semana Ruralista de Garanhuns promovida pela Secretaria de Educação do Estado, ocorrida em outubro de 1953. Como Delegado Especial do Ensino Rural e Supletivo do Estado, o professor Amaro entrou em campo e auxiliou o professorado do Grupo Escolar Esmeraldino Bandeira da rede estadual o qual representaria o município no referido evento. Como agente chefe da Agência de Estatística local, com muita disposição confeccionou vários gráficos e projeções de todas as atividades primárias, secundárias e terciárias do município, desta feita se confraternizou com antigos adversários despeitados com o sucesso do Anchieta, tudo pelo bem da comunidade. O evento foi além do esperado e Quipapá se destacou de forma singular como atesta Silva (1992, p. 60).

O mapa do município esteve em evidência e, até um bolo gigante tinha seu formato, tendo como ornato um engenho de rapadura e saquinhos de açúcar de cristal, de um quilograma, produto da Usina Água Branca do Dr. Fernando Pessoa de Mélo, além de doces caseiros de espécies várias, beijos, exemplares de cana-de-açúcar com 4 m de altura e uma mandioca com um metro pesando 10 kg. (SILVA, 1992, p. 60).

Quipapá ocupou todo o “stand” que lhe foi reservado e o professor Amaro lá estava como representante do governo municipal e com credenciais à altura. A satisfação foi grande quando anunciaram o resultado dos participantes, Quipapá conseguiu o primeiro lugar, desbancando até o anfitrião- Garanhuns. No retorno à terrinha, a cidade em festa os recebe na estação ferroviária, com os prêmios e os louros conseguidos.

A importância do trabalho desenvolvido pelo professor Amaro lhe rendeu inúmeras homenagens e honrarias não apenas em Quipapá, mas em outras cidades pernambucanas entre as quais elencamos: Cidadão Honorário de Agrestina, Caruaru, Palmares, Quipapá, Rio Formoso e Tamandaré. De Água Preta, além de filho nato, foi titulado como Cidadão Aguapretano Emérito e na vizinhança recebeu o título de Apóstolo dos Palmares.

Nunca deixou que nenhum desses títulos lhe subissem a cabeça, prosseguia na lida com humildade e carisma com todos que o cercavam.

**Figura 36** - Título de cidadão quipapaense



Fonte: Acervo da família, arquivo da filha Irene Matias

Este título foi concedido ao professor Amaro Matias no dia 19 de maio de 1984, pelo então vereador Jaime Machado Dias, em reconhecimento pelos relevantes serviços prestados a educação quipapaense. O mesmo foi confeccionado em um papel ofício tamanho A4, com fundo branco e as letras impressas nas cores verde, vermelha e preta, tem as bordas verdes no formato de folhagem. Podemos ver que nele constam o brasão do município, o nome do órgão, a descrição do título, nome do recebedor, local, data, ano e assinaturas. Entregaram-lhe o diploma sua filha Ivone Célia nascida em Quipapá e Joaquim Simões cinco vezes seu compadre.

Feliz estava o professor neste dia e concluiu seu discurso com uma bela poesia, a qual encontra-se na íntegra no seu livro de memórias, intitulado Meus caminhos.

'Stou feliz como quem vence  
 Com ardor no coração  
 Já sou um quipapaense  
 Cá está a certidão  
 A atenção agradeço  
 Falei – homenageado  
 Ouvistes-me com apreço  
 Deixo meu MUITO OBRIGADO. (SILVA, 1992, p.79)

A festa em Quipapá foi muito boa e aconchegante, povo nas ruas, era feriado, data da emancipação política. Mas havia a novidade, faixa na rua a saudar o mais novo filho da terrinha, conhecidos estavam exultantes e desconhecidos perguntavam a todo instante quem era Amaro Matias.

Colecionou medalhas, troféus e comendas conquistados na caminhada, inclusive a mais alta comenda do Mérito Educacional Professor Paulo Freire, concedida pelo Conselho Estadual de Educação de Pernambuco, a do Mérito Herói Cap. Pedro Ivo no sesquicentenário da Revolução Praieira (1848-49), em solenidade cívica em sua terra natal Água Preta e a medalha do Mérito Pedro d'Albuquerque herói da façanha do Reduto do Rio Formoso contra os flamengos, quando com 20 soldados enfrentou 600 batavos, fazendo-lhes 80 baixas em 7 de fevereiro de 1633. Entre elas está a placa do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial ao qual a família guarda com carinho.

**Figura 37** - Placa do SENAI



Fonte: Acervo da família, arquivo da filha Irene Matias

Essa placa foi concedida pelo SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem), ao professor Amaro por sua atuação na cultura e nas letras. Feita de aço inox sobre um fundo preto, nela visualizamos o nome da instituição escrito na cor azul. Os demais letrados são na cor preta, no centro temos um livro aberto e uma pena, o nome do homenageado, a data de inauguração e o nome da equipe administrativa. No fim da placa vemos uma mensagem do próprio Amaro enaltecendo o saber e a pesquisa.

Era visível o trabalho que o mestre Amaro fazia pelo município de Quipapá e o sentimento de reconhecimento e gratidão eram inevitáveis por parte da população da época.

Assim, é possível dizer que o ensino foi o elemento central de sua vida cotidiana, não pelo espaço de tempo dedicado a tal atividade, mas pela energia nela concentrada. Amaro homogeneizou seus esforços nas práxis social e educativa, o que lhe permitiu obter ganhos de consciência e possibilidades de atuação sobre o cotidiano individual e coletivo. Sem dúvida, seu principal instrumento de luta foi a palavra, seja ela escrita ou falada.

Faleceu no dia três de abril de 2002, na capital pernambucana aos 80 anos de idade.

**Figura 38** - Certidão de óbito



Fonte: Acervo da família, arquivo da filha Irene Matias

A referida certidão de óbito foi expedida no cartório do 6º Ofício de Notas, na Rua Siqueira Campos no centro do Recife, no dia 04 de abril de 2002, um dia após sua morte. Conforme podemos ver o mesmo faleceu em decorrência de falência de múltiplos órgãos, hipertensão arterial entre outras causas.

Diversos discursos sobre Amaro Matias foram produzidos após a sua morte em 03 de abril de 2002 aos 80 anos de idade. Apesar de seu ecletismo e diversas facetas a historiografia destacou, sobretudo a participação do personagem na área

educacional. O resultado disso é que existem atualmente duas escolas com seu nome, sendo uma na cidade de Água Preta e outra na cidade de Caruaru. As homenagens não param por aí, existem mais duas salas com seu nome, uma no prédio do SENAI em Caruaru e outra no Instituto Histórico de Jaboatão dos Guararapes, bem como um setor na Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul, em Palmares, que também leva seu nome.

**Figura 39** - Escola Municipal Professor Amaro Matias



Fonte: Acervo da família, arquivo da filha Irene Matias

Na imagem acima temos a fachada da Escola Municipal Professor Amaro Matias, localizada no Bairro das Rendeiras, em Caruaru. A mesma foi inaugurada no dia 12 de fevereiro de 2007, na gestão do prefeito Antônio Geraldo Rodrigues (Tony Gel).

Seus ex-alunos, espalhados por várias cidades de nosso estado e do país, preservaram com carinho a memória de Amaro Matias-Professor. Como podemos ver nos trechos das cartas abaixo enviadas por ex-alunos e que estão registradas no livro autobiográfico do professor Matias.

“O dia de hoje consagrado ao Professor não posso deixar passar despercebido, não obstante o meu pequeno cultivo nas letras, sem uma demonstração de agradecimento àquele que está encaminhando os meus primeiros passos na vida escolar (...) bem reconheço minha afoiteza, mas é tão somente minha boa vontade de saudar meu insigne Prof. Matias para

quem peço a Deus por sua vida e saúde para o bem de todos nós seus alunos”. (VILMA BARBOSA, 1953).

“Não foi à toa que me lembrei do Senhor e de suas comemorações no “Anchieta”, elas vivem comigo, vivem gravadas em mim como tatuagens (...) Se não fosse o Senhor, talvez eu não tivesse o que recordar hoje com alegria e saudade (...) Para mim só o senhor era o professor. Era como se fosse um mito... Sinto saudades de uma pequena infância, que lhe devo as alegrias, que hoje sinto e recordo com todo carinho”. (GIOACHINO VECCHIONE, 1976).

“Ainda recordo – “Quanta saudade sinto daquele tempo e do nosso último encontro aí em sua casa – Que alegria! Aquele abraço que demos em plena rua quando o Senhor desceu do carro, puxa vida! (...) Estou em João Pessoa (...) guardo com carinho meus cadernos controlados de Inglês e Ciências para mostrar a meus filhos quando estiverem mais adiantados (são três filhos). Para o Senhor minha gratidão e carinho e a certeza de que foi pra mim e será para outros o melhor mestre deste nosso planeta.” (SÔNIA PEREIRA, 1980).

Era esse o sentimento de respeito e gratidão que todos os alunos de Amaro Matias, sem nenhuma exceção, nutriam por ele, conforme conteúdo presente nas cartas.

O professor Amaro costumava dizer que suas árvores frondosas tinham dado flores e frutos para alegria de todos e sua realização pessoal. Por isso, quando chegasse a hora de sua partida, descansaria em paz. Comprou seu túmulo ainda em vida, o local escolhido foi o cemitério parque das flores, número 589- setor das rosas, Recife. Ele próprio redigiu seu epitáfio com a seguinte mensagem:

Nasci, vivi, morri  
Ensinando a dar amor  
Sofri muito mas venci  
Orem por mim por favor (SILVA 1992 p.308)

Assim, o professor Matias dizia que ao partir, levaria o carinho daqueles que o trataram bem e daqueles que o incentivaram na caminhada.

A imprensa noticiou seu falecimento. Um dos seus amigos e admiradores ao ficar sabendo do fato fez questão de prestar uma última homenagem numa carta enviada aos familiares. Ela se inicia com um poema intitulado “Quem sou eu”, e depois o autor prossegue com muita emoção dizendo o sentia pelo velho mestre.

**Figura 40** - Carta do amigo Pedro Francisco



Fonte: Acervo da família, arquivo da filha Irene Matias

O texto desta carta aponta para facetas diferenciadas do personagem: o orientador, o conciliador, o amigo, o esposo, o pai, o padrinho, o professor. Obviamente que a ênfase em um ou outro aspecto depende da posição do enunciador (historiador, companheiros de trabalho, esposa, filhos, jornalistas) e do veículo da enunciação (texto acadêmico, placas funerárias, cartas, periódicos). Além disso, muitas outras questões não foram lembradas ou foram propositadamente esquecidas, ou então perderam-se na poeira do tempo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

(Ou Amaro Matias “post-mortem”)

Neste trabalho apresento o resultado do diálogo que mantive com um guerreiro já falecido. Amaro Matias Silva. Não tive a pretensão de elaborar o discurso definitivo, mas sim uma versão biograficamente plausível de sua vida.

Acredito que escolher enfatizar mais um ângulo de sua vida, teoricamente, a meu ver o mais significativo, não implica em obscurecer a riqueza, a diversidade, as múltiplas relações e contradições presentes em qualquer existência individual ainda mais numa trajetória tão cheia de percalços e batalhas como a do personagem aqui examinado. Todavia, procurei, afastar-me de uma abordagem biográfica tradicional que leva em conta quase exclusivamente o perfil do professor atribuindo às suas práticas uma coerência muitas vezes idealizada.

Assim optei por construir uma biografia multifacetada mesmo privilegiando um ângulo pré-determinado. Multifacetada, a partir da perspectiva do cotidiano. Afinal, é nesta dimensão que os indivíduos passam a maior parte de suas vidas, jogando-se inteiros nas exigências e nos papéis do dia a dia. Para realizar este intento, analisei os quatro conteúdos que me parecem centrais na vida cotidiana de Amaro: a família, o trabalho, o estudo e a produção intelectual e sua atuação no magistério sobretudo na cidade de Quipapá. Procurei demonstrar que o personagem, em diversos momentos, concentrou seus esforços num ideal- a educação-, elevando-se ao nível humano genérico. Este processo lhe permitiu adquirir uma consciência mais ampla e aguda sobre a sociedade em que vivia.

Nesta pesquisa foram estabelecidos dois eixos, sendo um teórico-metodológico, de revisão e aplicação da literatura; e outro empírico de buscas de memórias por meio dos registros das falas e manuseio de diferentes tipologias de fontes.

Na presente dissertação, busquei destacar as potencialidades do gênero biográfico no âmbito do conhecimento histórico em geral e, mais especificamente, no campo da história da educação. Neste sentido, por exemplo, a trajetória de Amaro

Matias ilustra/confirma determinadas generalizações presentes na historiografia: A importância do papel da família e a valorização dos estudos por parte dos pais.

Conforme Souza, E. F. (2020a), os registros fotográficos dão um tom especial. Assim, todo aporte iconográfico influenciou significativamente a análise e a interpretação da narrativa. Sobre os documentos analisados, o livro *Meus Caminhos*, compõe um dos objetos mais significativos para compreender o itinerário do professor Matias nos campos pessoal, acadêmico e profissional, sem ele, o grau de complexidade em relação ao objeto de estudo sem dúvida aumentaria.

Pretendi igualmente demonstrar que, na construção de biografias, deve-se levar em conta a dimensão do cotidiano como um momento necessário e significativo da análise, pois é no dia a dia que os indivíduos ganham existência plena, com suas vitórias e fracassos, suas decisões e suas hesitações.

Portanto, não existe uma grande barreira separando as dimensões cotidiana e não cotidiana da vida. Assim, na biografia do professor Amaro Matias, tentei mostrar que ele realizou, em diversos momentos de sua trajetória, esta ultrapassagem do cotidiano obtendo uma percepção mais enriquecida da sociedade em que vivia.

Conforme Schmidt (1986), na Grécia antiga, acreditava-se que cabia aos poetas a preservação da vida dos heróis: “aos guerreiros resta a esperança de que a palavra do cantor permita-lhes escapar do silêncio e da morte. O mestre de verdade concede aos vivos o privilégio de permanecer através de sua palavra, na memória”.

Penso que o pesquisador biográfico pode assumir essa tarefa, possibilitando que os indivíduos esquecidos, as trajetórias perdidas, as falas silenciadas venham à tona e ressuscitem para o mundo dos vivos. Foi preciso “ressuscitar” Matias através deste estudo biográfico e assim evitar que caísse no esquecimento. Desta feita, as novas gerações da cidade de Quipapá, tomariam conhecimento do personagem e o que ele fez em prol da educação do referido município.

Ressalto ainda que, o processo de construção desta dissertação foi repleto de descobertas, quanto ao nosso objetivo principal que foi destacar as contribuições do professor Amaro no cenário educacional quipapaense. Um homem que ora empregava métodos da chamada pedagogia tradicional, mas que em outros

momentos era altamente construtivista mesmo antes da teoria ganhar força em nossa país, o que só aconteceu na década de 1980.

É importante registrar o papel desempenhado pelo professor Amaro Matias, por sua iniciativa em fundar a primeira instituição escolar da rede privada no município de Quipapá a qual recebeu o nome de Externato Anchieta. O mesmo não mediu esforços para ofertar aos quipapaenses uma educação de qualidade.

Um dos principais achados, neste estudo, foi descobrir que Amaro Matias contribuiu de forma relevante na educação em Quipapá, atuando nas esferas municipal, estadual e privada e revelar que o impacto causado na vida dos seus ex-alunos é visível até os dias de hoje.

Embasado na ideia do construtivismo que prega que: a importância do que se faz é igual ao como e porque se deve fazer. Talvez fosse esse o segredo do sucesso de alunos motivados e preparados para os testes da época, entre eles o famoso exame de admissão. Sinalizo que esta pesquisa não apresenta conclusões finais/definidas, mas convida para outras/novas reflexões no sentido de continuidade das discussões.

Compreendemos que a temática aborda possibilidades de leituras e interpretações que ampliam o olhar sobre o ser professor e como sua trajetória pessoal e profissional estão inter-relacionadas conforme nos diz Passeggi (2016), “nesse processo razão e emoção andam juntas”. Isso foi percebido no decorrer das narrativas que estiveram envolvidas nesta pesquisa, como no caso a narrativa oral trouxe momentos de reflexões e de constatações acerca do personagem pesquisado.

Os encontros (presenciais e virtuais), as conversas, a busca pelos documentos, as fotografias enviadas pela família do professor Amaro, bem como pelo ex-aluno Neuton Simões, foram momentos de descobertas, descobertas de que a pesquisa é humana e processual, processual porque se caracteriza como um momento de conquista entre as partes envolvidas, entre as pessoas que falam e escutam, conquista de confiança.

Está concluindo esta pesquisa no ano que se comemora o Centenário do professor Amaro Matias, significou muito para mim, mostrar suas contribuições na

educação de Quipapá e levar isto para a academia foi um divisor de águas em minha vida. Foi visível também a emoção dos familiares de Amaro Matias ao longo de todo o processo, em especial as filhas Irene Matias, Ivone Célia e o filho Uaci Matias, os quais desde o início se mostraram solícitos e dispostos em ceder os materiais que foram imprescindíveis na execução desta dissertação. O sentimento de gratidão por parte dos filhos em ver o trabalho sendo concluído foi muito gratificante.

Nesse processo de conhecer a pesquisa e a história de vida do professor Amaro buscamos referenciais que tratavam das temáticas biografia e autobiografia, das pesquisas com histórias de vida e, em meio a estas. Assim, constatamos, conforme Pereira (1999), que esses três gêneros distintos têm em comum o fato de serem baseados na sequência de vida individual, ou seja, na sequência biográfica.

A construção da proximidade entre pesquisador e pesquisado (embora este último estando morto), foi pontual para trabalhar a metodologia numa perspectiva biográfica, pois só compreendemos o outro a partir das narrativas que se construíram no decorrer de nossas reflexões, diálogos e imagens.

O professor Amaro Matias deixou uma documentação importante que foi sua autobiografia, revendo suas próprias memórias ele a construiu na perspectiva da literatura. Já o trabalho biográfico feito por mim, utilizando diversas fontes incluindo esta ora mencionada, foi realizado na perspectiva da ciência.

Sendo assim, esta pesquisa não possui uma conclusão fechada em si, mas aberta em relação ao professor Amaro Matias pois ele atuou na educação em outros municípios do nosso estado. Abre-se também a possibilidade de se fazer um trabalho biográfico com outros educadores que como ele contribuíram de forma positiva na educação do município de Quipapá. É notório que a cada dia surgem novos pesquisadores interessados em desvendar os mistérios escondidos no campo do conhecimento e do saber, a estes, eu dedico o adágio preferido de Matias o qual se encontra na capa do seu livro Meus Caminhos: “Tudo quanto vale ser feito deve ser bem-feito” (SILVA, A., s/n 1992).

## REFERÊNCIAS E FONTES

- ALCÂNTARA, Mauro Henrique Miranda de. **A narrativa biográfica no debate acadêmico contemporâneo: uma contribuição bibliográfica.** Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 5, n.14, p. 796-814, mai./ago., 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7814>. Acesso em: 6 jan. 2022.
- AQUINO, Celi Bezerra. **A Educação em Jaboatão dos Guararapes nas mãos de um comunista. (1947-1951).** Recife. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CE. Educação, 2007.
- ARCENIO, Cláudia Rodrigues; AZEVEDO, Patrícia Bastos de. **A espiral do tempo como um dispositivo de análise para narrativas, (auto)biografias, trajetórias de vida e história oral.** Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, Salvador, v. 6, n. 18, p. 668-684, set., 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8312>. Acesso em: 6 jan. 2022.
- ASSUNÇÃO, Zilma. **Quipapá dos meus tempos.** Caruaru: Agência Workaholic, 2006.
- AVELAR, Alexandre; SCHMIDT, Benito Bisso. **Dois historiadores falam sobre biografia e escrita biográfica (Entrevista).** Entrevista concedida a Bruno Leal Pastor de Carvalho. In: Café História – história feita com cliques, 2017. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/biografia-e-escrita-biografica/>. Acesso: 14 jan. 2022.
- AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). **O que pode a biografia.** São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo na memória: ensaios de psicologia social.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CARINO, Jonaedson. **A biografia e sua instrumentalidade educativa.** Revista Educação e Sociedade, Campinas, vol.20, n.67, p. 153-181, agosto. 1999.
- CARVALHO, Fátima. **Década de 30 os anos de incertezas.** Portal administradores.com, 2009. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/decada-de-30-os-anos-de-incertezas>. Acesso em 14 jun. 2022.
- CUNHA, Lídia Nunes. **Educação, modernidade e afrodescendentes: 1920-1936.** O Estado de Pernambuco. UFPE- 1999 (Dissertação).
- DELORY-MOMBERGER, Christone. **A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular.** Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, Salvador, v.1, n.1, p.133-147, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526>. Acesso em: 6 de jan. 2022.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico – Escrever uma vida**. Trad. Gilson César C> Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

GALVÃO, Jerônimo Adelino Pereira Cisneiros. **Biografia na sala de aula: a construção de saberes históricos a partir do trabalho com histórias de vida**. 138 f. Dissertação. Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Recife, 2019.

GANDRA, Edgar; POSSAMAI, Paulo (org). **Estudos de História do Cotidiano**. Pelotas: UFPel, 2011.

GHIRALDELLI, Paulo. **História da Educação Brasileira**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GINZBURG, Carlo. “**Provas e possibilidades à margem de ‘Il ritorno de Martin Guerre’, de Natalie Zemon Davis**”. In: A micro-história e outros ensaios. Lisboa, Difel, 1989.

GULLAR, Ferreira. **Corpo a corpo com a linguagem**. Ponta Grossa: UEPG, 1997.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992. (Trad. Carlos Nelson Coutinho).

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da educação brasileira: leituras**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

LORENZETTI, F. L. **Resenha do livro "O Desafio Biográfico: escrever uma vida"**. *Revista Eletrônica História Em Reflexão*, 4(7). (2010). Recuperado de <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/734>. Acesso em: 27 jan. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 9-29.

MINAYO, M.C.S. (2015). **O desafio do conhecimento**. 14ª. Ed. São Paulo: Hucitec.

NETTO, José Paulo e FALCÃO, Maria do Carmo. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo, Cortez, 1984.

MOITA, Maria da Conceição. **Percursos de formação e de transformação**. In.: NÓVOA, Antonio (org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. p. 111-140.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e as histórias da sua vida**. In.: \_\_\_\_\_(Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. p. 11-30.

PASSEGGI, M. C. **Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico**. Revista Roteiro, Joaçaba, v. 41, n.1, p. 67-86, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.18593/r.v41i1.9267>. Acesso em: 25 de julho de 2022.

PEREIRA, L. M. L. **Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias**. Revista História Oral, Mariana, v. 3, n. 2000, p. 117-127, maio, 1999. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br › rho › download>. Acesso em: 23 de julho de 2022.

PETERSEN, Sílvia R. F. **Algumas interrogações sobre as tendências recentes da historiografia brasileira: a emergência do “novo” e a crítica do racionalismo**. LPH: Revista de História. Ouro Preto: UFOP, v. 3, n. 1, 1992

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 1997.

PRIORI, Mary Del. **História do Cotidiano**. Blog Saiba História. 2005. Disponível em: [saibahistoria.blogspot.com](http://saibahistoria.blogspot.com)>2005-12-03-archive. Acesso em 28 de fev. 2022.

ROCHA JUNIOR, Deusdedith Alves. **O território do cotidiano**. Revista Padê, Brasília, v. 1, n.1, p. 01-15, 2006.

SANTOS, K. L. L. DOS; CHALOPA, R. F. DE S. **A expansão do ensino secundário em Pernambuco: a interiorização dos ginásios oficiais (1948-1963)**. Revista da FAEBRA – Educação e Contemporaneidade, v. 29, n. 59, p. 195 - 211, 29 out. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/8290>. Acesso em: 27 jan. 2022.

SAVIANI, Dermeval. **Histórias das ideias pedagógicas no Brasil**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Uma Reflexão sobre o Gênero Biográfico**: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945). (Dissertação Mestrado). Porto Alegre: / FCH/ UFRGS, 1996.

SILVA, Amaro Matias. **Meus Caminhos: memórias**. Recife: Bagaço, 1992.

SiLVA, Amaro Matias. **Pindorama: Geopolítica-Histórica e administrativa nordestina**. Recife: Comunigraf, 2001.

SILVA, Eduardo Gomes. Resenha de: A “volta” de um gênero híbrido e assaz historiográfico – Biografia, Cantareira. Niterói, n. 15, jul./dez; 2011. DOSSE, François. **O Desafio Biográfico – Escrever uma vida**. Trad. Gilson César C> Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SOUZA, Edilson Fernandes de. **À luz do candeeiro e o constructo do “eu” fonte: educação pela arte, ciência e política**. 459 f. Tese (Promoção para classe E – Professor Titular). Universidade Federal de Pernambuco, CCS. Departamento de Educação Física, Recife, 2020a. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/39314>. Acesso em: 29 março. 2022.

SOUZA, Edilson Fernandes de. **Tese Auto biográfica: Os procedimentos para o constructo do “eu” fonte**. Revista Brasileira de Pesquisa Autobiográfica, Salvador, v.05, n.14, p.777-795, maio/ago.2020b.

SOUZA, Elizeu Clementino; OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães. **Pesquisa (auto) biográfica, cultura e cotidiano escolar: diálogos teórico-metodológicos**. Revista Interinstitucional Artes de Educar, v. 2, p. 182-203, 2016.

TRINCHERO, Héctor Hugo; OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino; MARTINS, Carlos Júnior. **O Cotidiano e o território**. Revista GeoPantanal, Mato Grosso do Sul, v. 12, n. 22, p. 05-08, 2017.

VALENÇA JUNIOR, José Vicente. **Quipapá: fases e aspectos de sua história**. Recife: Centro de Estudos de História Municipal/FIAM, 1986.

WEISS, Andréia. **História de vida pessoal e profissional de uma professora do campo**. 2013. Tese (Doutorado). Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/bitstream/tese/6478>. Acesso em: 28 julho. 2022.

### Fontes

SILVA, Irene Dulce Matias. Entrevista concedida a autora (2022)

SIQUEIRA, José Ermival de. Entrevista concedida a autora (2022)

OLIVEIRA, Maria Hecilda Almeida de. Entrevista concedida a autora (2022)

SIMÕES, Neuton de Almeida. Entrevista concedida a autora (2022)

SILVA, Uaci Edvaldo Matias. Entrevista concedida a autora (2022)

### Cartas

Gioachino Vecchione. **Carta sem título**. Destinatário Amaro Matias: São Paulo, 05/1976; carta pessoal.

Pedro Francisco Alves. **Quem sou?** Destinatário Amaro Matias: Caruaru, 09/04/2022; carta pessoal.

Sônia Pereira. **Carta sem título**. Destinatário Amaro Matias: João Pessoa, 1980; carta pessoal.

Vilma Barbosa. **Dia do Professor**, Destinatário Amaro Matias: Quipapá, 15/10/1953; carta pessoal.

### Fontes iconográficas

VIOTTI S. J, Hélio Abranches. **Anchieta: o Apóstolo do Brasil**. Editora Loyola. 1966.

QUI PAPA - Biblioteca do IBGE disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/periodicos/col\\_m...](https://biblioteca.ibge.gov.br/periodicos/col_m...) Acesso em 08 de julho de 2022.

PORTAL QUIPAPÁ disponível em: <https://www.instagram.com/portaquipapa/>

## ANEXOS

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Temática de Estudo: Amaro Matias: Contribuições para a História da Educação de Quipapá - PE

Eu, Amari Ed. Alfredo Matias Siqueira declaro que por meio deste termo, concordei em participar desta entrevista, tenho ciência que não fui obrigado a e que minha participação não causou nenhum prejuízo e que os objetivos e detalhes do estudo foram devidamente explicados pela pesquisadora. Estou de pleno acordo com a utilização da entrevista identificada com meu nome a ser gravada de forma oral e visual.

Recife, 29 de 11 / 2022

Assinatura do participante:

Amari Ed. Alfredo Matias Siqueira

Assinatura da pesquisadora:

Juamildo Maximiano da Silva

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Temática de Estudo: Amaro Matias: Contribuições para a História da Educação de Quipapá - PE

Eu, Leandro Heitor Almeida de Oliveira declaro que por meio deste termo, concordei em participar desta entrevista, tenho ciência que não fui obrigado a e que minha participação não causou nenhum prejuízo e que os objetivos e detalhes do estudo foram devidamente explicados pela pesquisadora. Estou de pleno acordo com a utilização da entrevista identificada com meu nome a ser gravada de forma oral e visual.

Recife, 29 de 11 / 2022

Assinatura do participante:

Leandro Heitor Almeida de Oliveira

Assinatura da pesquisadora:

Janilde Maximiano de Silva

## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Temática de Estudo: Amaro Matias: Contribuições para a História da Educação de Quipapá - PE

Eu, Irene Dulce Matias Silva declaro que por meio deste termo, concordei em participar desta entrevista, tenho ciência que não fui obrigada e que minha participação não causou nenhum prejuízo e que os objetivos e detalhes do estudo foram devidamente explicados pela pesquisadora. Estou de pleno acordo com a utilização da entrevista identificada com meu nome a ser gravada de forma oral e visual.

Recife, 16 de 11 / 2022.

Assinatura do participante: Irene Dulce Matias Silva

Assinatura da pesquisadora: Jamilda Maximiano de Brito

## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Temática de Estudo: Amaro Matias: Contribuições para a História da Educação de Quipapá - PE

Eu, José Ernival de SIQUEIRA declaro que por meio deste termo, concordei em participar desta entrevista, tenho ciência que não fui obrigado a e que minha participação não causou nenhum prejuízo e que os objetivos e detalhes do estudo foram devidamente explicados pela pesquisadora. Estou de pleno acordo com a utilização da entrevista identificada com meu nome a ser gravada de forma oral e visual.

Recife, 14 de 11 de 2022

Assinatura do participante:

José Ernival de Siqueira

Assinatura da pesquisadora:

Juanilde Maximiliano da Silva

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Temática de Estudo: Amaro Matias: Contribuições para a História da Educação de Quipapá - PE

Eu, NEUTONI DE ACMEIDA SIMÕES declaro que por meio deste termo, concordei em participar desta entrevista, tenho ciência que não fui obrigado a e que minha participação não causou nenhum prejuízo e que os objetivos e detalhes do estudo foram devidamente explicados pela pesquisadora. Estou de pleno acordo com a utilização da entrevista identificada com meu nome a ser gravada de forma oral e visual.

Recife, 09 de NOV 2022

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora: \_\_\_\_\_

*Neutoni de Acmeida Simões*

*Juamilda Maximiano de Melo*